



# *Encontros Morediços:*

**Estranhamentos e Encantamentos  
entre a Escola e uma Comunidade  
Indígena Mbyá Guaraní**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CRISTIANE ROBERTA LANG**

**ENCONTROS MOVEDIÇOS: ENCANTAMENTOS E ESTRANHAMENTOS  
ENTRE A ESCOLA E UMA COMUNIDADE INDÍGENA MBYÁ GUARANI**

**PORTO ALEGRE  
2010**

**CRISTIANE ROBERTA LANG**

**ENCONTROS MOVEDIÇOS: ENCANTAMENTOS E ESTRANHAMENTOS  
ENTRE A ESCOLA E UMA COMUNIDADE INDÍGENA MBYÁ GUARANI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:**  
**Profa. Dra. Malvina do Amaral Dorneles**

**Linha de Pesquisa: Política e Gestão de Processos Educacionais**

**PORTO ALEGRE**

**2010**

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

L266e Lang, Cristiane Roberta

Encontros movediços: encantamentos e estranhamentos entre a escola e uma Comunidade Indígena Mbyá Guarani / Cristiane Roberta Lang; orientadora: Malvina do Amaral Dorneles. - Porto Alegre, 2010.

167 f. + Anexos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010, Porto Alegre, BR-RS.

1. Escola. 2. Cultura indígena. 3. Educação indígena. 4. Comunidade indígena. 5. Índios Mbyá-Guarani. I. Dorneles, Malvina do Amaral. II. Título.

CDU - 376.542

**CRISTIANE ROBERTA LANG**

**ENCONTROS MOVEDIÇOS: ENCANTAMENTOS E ESTRANHAMENTOS  
ENTRE A ESCOLA E UMA COMUNIDADE INDÍGENA MBYÁ GUARANI**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre em  
Educação.**

**Aprovada em 28 de dez, 2010.**

---

**Malvina do Amaral Dorneles- Orientadora**

---

**Marta Nörnberg- UFPel**

---

**Maria Aparecida Bergamaschi-PPGEDU/UFRGS**

---

**Sílvio Antonio Bedin- UPF**

**Dedico à vida e suas muitas possibilidades de  
criação e (re)criação...**

## *Agradecimentos*

*Agradeço ao Universo, a energia que potencializa meu viver.*

*Agradeço ao meu guardião espiritual.*

*Agradeço de coração a querida Malvina, presença marcante em minha vida, que com sua sabedoria, suas bem ditas palavras e intensa ternura e paciência tem me feito andar.*

*Agradeço ao meu filho Leonardo pela importante presença de amor em minha vida.*

*Agradeço ao Bruno pelo estar-junto, pelo amor e apoio durante a pesquisa.*

*Agradeço a minha mãe pela presença constante de dedicação, ao meu pai que mesmo distante está presente em mim e a toda minha família pelo incentivo e pela compreensão da minha ausência.*

*Agradeço a minha sogra pelo apoio e disposição para que tudo terminasse bem.*

*Agradeço a todos os colegas que compartilharam ideias, reflexões, e o chimarrão tomado durante o tempo que estivemos juntos nas adoráveis aulas.*

*Agradeço com ternura, a Quelen que foi minha bússola no andar pelo tempo e burocracias do Programa de Pós-Graduação e no espaço da Cidade de Porto Alegre (inesquecíveis idas até a Ponta Grossa, casa da Querida Malvina), principalmente, pela amizade que foi constituída no estar colega de mestrado.*

*Agradeço com carinho as boas orações da Neide, e, principalmente sua amizade e companhia.*

*Agradeço a Rose pela generosidade em compartilhar sua sabedoria e sua amizade.*

*Agradeço a Professora Cida por compartilhar os Estudos sobre os Mbyá Guarani que muito me ajudaram na ampliação dos mundos que conto, bem como sua amizade.*

*Agradeço a todas as pessoas da Aldeia Yryapu pelo acolhimento e a possibilidade de poder perceber os muitos outros mundos habitáveis.*

*Agradeço as Escolas, no seu Todo, que partilharam os Encontros e Aprendizagens no estar-junto.*

*Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no seu todo, pela oportunidade.*

*Agradeço a presença permanente do chimarrão que me fez companhia durante este período de angústias e possibilidades...*

*Muito obrigada!*

*"[...] amadurecer como uma árvore que não apressa a sua seiva e permanece confiante durante as tempestades da primavera, sem o temor de que o verão não possa vir depois. Ele vem apesar de tudo. Mas só vem para os pacientes, para os que estão ali como se a eternidade se encontrasse diante deles, com toda a amplitude e seriedade, sem preocupação alguma".*

*Rainer Maria Rilke*

## RESUMO

A pesquisa apresenta as reflexões produzidas a partir dos Encontros entre duas Escolas - a Escola Municipal de Educação Infantil Pintando o "7" e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz - com a Comunidade Mbyá Guarani da Tekoá Yryapu, no município de Palmares do Sul, no Rio Grande do Sul. Dessas aproximações surgiu a Semana da Cultura Indígena nas Escolas, o que possibilitou a interação de dois mundos diferentes que se propuseram a conversar e recontar suas histórias. O estudo tenta dar visibilidade para a forma que a temática indígena assumiu no contexto das duas Escolas e para a dimensão desse Encontro nas práticas pedagógicas das Escolas. O olhar cuidadoso durante o estudo, configurado pelas observações registradas no Diário de Campo, pelas Entrevistas com quatorze pessoas (entre elas, professoras, equipe diretiva, pais, alunos e pessoas indígenas Guarani), pelo diálogo com autores como Maturana, Maffesoli, Morin, Kusch, entre outros, possibilitou a reflexão sobre o óbvio sempre presente no cotidiano escolar, ou seja, o de que "ensinamos aquilo que aprendemos". Dessa forma, a pesquisa mostra os Estranhamentos e os Encantamentos presentes na convivência entre as duas Escolas e a Comunidade Mbyá Guarani.

Palavras Chaves: Escola e Cultura Indígena, Educação Indígena na Escola, Escola e Comunidade Mbyá Guarani

## RESUMEN

La investigación muestra las reflexiones producidas a partir de los Encuentros entre dos Escuelas - La Escuela Municipal de Educación Infantil "Pintando o 7"(Pintando el Siete) y La Escuela Estadual de Educación Básica Manuel Luiz - con La Comunidad Mbyá Guaraní de Tekoá Yryapú en el municipio de Palmares Del Sur, en el Estado del Rio Grande del Sur. De estas aproximaciones, surgió La Semana de La Cultura Indígena, en las Escuelas, lo que permitió la interacción de dos mundos diferentes que se propusieron a conversar y a contar nuevamente sus historias. El estudio trata de dar visibilidad a la forma que la temática indígena asumió en el contexto de las dos Escuelas y en la dimensión de esse Encuentro en las prácticas pedagógicas de las Escuelas. El ojo vigilante durante el estudio, configurado por las observaciones registradas en el Diario de Campo, entrevistas a catorze personas ( entre ellas, profesoras, equipo directivo, padres, alumnos y personas del pueblo indígena Guaraní), a través del diálogo con autores como Maturana, Maffesoli, Morin, Kusch, entre otros, permitió la reflexión sobre lo que es obvio, siempre presente en el cotidiano escolar, o sea, que "enseñamos aquello que aprendemos". Por lo tanto, la investigación muestra los Extrañamientos y los Encantamientos presentes en la vivencia entre las dos Escuelas y la Comunidad Mbyá Guaraní.

Palabras Clave: Escuela y Cultura Indígena, Educación Indígena en la Escuela, Escuela y Comunidad Mbyá Guaraní.

## LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 - Entrada Para o Acesso a Estrada até a Tekoá Yryapu .....	48
Figura 2- Tekoá Yryapu: Lagoa da Lavagem .....	49
Figura 3 - Trilha Para Chegar à Tekoá Yryapu .....	50
Figura 4: Casa Tradicional de Barro.....	51
Figura 5: Fogo no chão.....	51
Figura 6: Opy da Tekoá Yryapu .....	53
Figura 7: Plantação de Mandioca e Melancia.....	54
Figura 8: Artesanato Produzido Pelas Pessoas da Tekoá Yryapu.....	55
Figura 9- Seu Augusto Cacique da Aldeia Yryapu.....	60
Figura 10- Francisco e Marcelo na Tekoá Yryapu .....	61
Figura 11- Eduardo Filho do seu Augusto e Representante da Tekoá.....	62
Figura 12- Patrícia e eu em um dia que a Escola de Educação Infantil Estava Visitando a Tekoá Yryapu .....	63
Figura 13- Ipólito e Andréia .....	64
Figura 14 - Michel e eu na Tekoá Yryapu .....	64
Figura 15 - A Mônica e o Ipólito junto com as crianças da Tekoá e da Escola de Educação Infantil Recebendo Doações .....	65
Figura 16 - Maria (de pé), Sérgio, Dona Marcelina, Andréia.....	66
Figura 17 - Lugares Inspiradores, Cenários Vivos .....	67
Figura 18 - Família se Organizando Para Apresentação de Canto e Dança Guarani Para a Escola de Educação Infantil Pintando "7" que visita a Tekoá Yryapu.....	67
Figura 19 - Escola Municipal de Educação Infantil Pintando "7" .....	69
Figura 20 - Festa do Índio em 2004 na Escola de Educação Infantil Pintando 7.71	
Figura 21 - Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz.....	72
Figura 22 - Conversa com os Indígenas Mbyá Guarani na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz .....	73

---

Figura 23 - Ipólito, Francisco e Gerson Expondo o Artesanato Guarani na Escola de Educação Infantil na I Semana da Cultura Indígena no ano de 2009.....	86
Figura 24 - Aluno da Escola de Educação Infantil Pintando "7" Comprando uma Onça Feita de Madeira.....	87
Figura 25 - Roda de Conversa na Sala de Aula da Escola de Educação Infantil Pintando "7".....	87
Figura 26 - Frente da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz - Acolhimento do Projeto: apresentação para a comunidade escolar.....	91
Figura 27 - Alunos e Pais Próximos do Artesanato Guarani na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz.....	94
Figura 28 - Alunos e pais da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz Interagindo com o Diário de Aprendizagens Sobre Alguns Aspectos da Cultura Mbyá Guarani Realizado Pela Turma do 2º ano.....	95
Figura 29 - Visita da Escola de Educação Infantil na Tekóa Yryapu, eu e um Colega Professora Dançando Junto com as Crianças Indígenas Guarani.....	97
Figura 30 - Cartaz construído na Escola de Educação Infantil Pintando "7" que traz o Indígena nu, o Indígena de 1500, o Índio Guerreiro, ao Lado do Mural que Continha Fotos da Tekoá Yryapu .....	126
Figura 31 - Partida de Futebol dos Alunos com os Jovens Indígenas Mbyá Guarani (misturam os jogadores).....	147
Figura 32 - Aluno da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Indígena Guarani Jogando Futebol nos Fundos da Escola .....	148
Figura 33 - Alunos Durante a Semana da Cultura Indígena na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz Assistindo o Filme Citado Acima.....	151
Figura 34 - Eduardo de um Lado Cantando na Língua Guarani num Ritual Espiritual, do Outro Conversando na Língua Portuguesa, sem Pintura e Adornos Corporais com Alunos e Professoras da Escola de Ensino Fundamental Manoel Luiz.....	153

---

Figura 35 - Visita dos Amigos Guarani na Escola de Educação Infantil Pintando "7" em 2009, Roda de Conversa Sobre a Cultura Guarani, Proximidade .....	156
Figura 36 - Visita da Escola de Educação Infantil Pintando "7" na Tekóa Yryapu em 2009, uma Aluna Entregando Desenhos e uma Cartinha Demonstrando Carinho aos Amigos Guarani .....	157
Figura 37 - Crianças Indígenas e Alunos Brincando de Roda na Semana da Cultura Indígena na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz .....	162



## **LISTA DE SIGLAS**

EMATER- Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural.

TVE/RS-Emissora de Televisão Educativa do Estado do Rio Grande do Sul.

UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## GLOSSÁRIO

ANDAI- Abóboras

ARANDU PORÃ- A bela sabedoria

AVATÍ ETEÍ- Milho

COMANDÁ- Feijões

JURUÁ- As pessoas não indígenas

KAAY- Chimarrão (água, erva, cuia)

KAAYGUÁ- Cuia

KARAÍ- Chefe espiritual responsável pela aldeia (homem)

MBYÁ- Rama Guarani

MANDIÓ- Mandioca

MANDUVI- Amendoim

OPY- Casa tradicional de reza

TEKOÁ- Lugar bom para o Guarani viver, aldeia

TIVI- Onça na língua Guarani

YRYAPU- Som do mar, barulho das águas

XANJAU- Melancia

## SUMÁRIO

<b>1. ANDANÇAS... ANÚNCIO DE UM CENÁRIO!</b> .....	<b>18</b>
1.1. UM PASSEIO.....	29
1.2. UMA CHEGADA.....	33
1.3. UMA REFLEXÃO.....	42
<b>2. CENÁRIO TEKÓÁ YRYAPU: O SOM DAS ÁGUAS</b> .....	<b>48</b>
2.1. PROTAGONISTAS DE UMA BELA CONVIVÊNCIA: PESSOAS QUE VIVEM NA TEKÓÁ YRYAPU.....	56
2.2. CENÁRIOS MOVEDIÇOS: ORA NUMA ESCOLA, ORA NA OUTRA.....	68
2.3. PROTAGONISTAS DE UM BELO ENCONTRO: PESSOAS PARTE DAS CENAS.....	75
<b>3. DE DIA DO ÍNDIO A SEMANA DA CULTURA INDÍGENA NA ESCOLA</b> .....	<b>84</b>
3.1. EMOÇÕES E DISPOSIÇÕES ENCENADAS.....	98
3.2. NOS BASTIDORES DO ENCONTRO.....	103
3.3. O ÍNDIO E A ESCOLA.....	107
<b>4. CENÁRIOS DOS ENCONTROS</b> .....	<b>116</b>
ESTRANHAMENTOS.....	116
ENCANTAMENTOS.....	134
AMOR.....	154
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>163</b>
5.1. LIVROS E ARTIGOS.....	163
5.2. MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES.....	167
<b>6. ANEXOS</b> .....	<b>168</b>

3

Busca da Visão



Procura/Encontro

## 1. ANDANÇAS... ANÚNCIO DE UM CENÁRIO!

*"[...]o método é o caminho pelo qual escolhemos trilhar, mas também é inusitado, principalmente quando estamos abertos para a intensidade e o vivido[...]"*  
(MENEZES, 2009, p.21)

A aproximação com a área dos Estudos Indígenas, especificamente os Mbyá Guarani, foi algo que não estava "*previsto*" em minha vida acadêmica. Todos os meus estudos, até o momento do encontro, sempre estiveram relacionados ao meu universo profissional, às práticas pedagógicas e vivências na escola. Coisas de professora: olhar desde a escola, de dentro para fora, sempre buscando alternativas ou outros possíveis para pensar a educação e os processos de aprendizagem dos alunos.

Na Pesquisa, sinto que realizei o inverso do que fiz até hoje: olhar de fora para dentro, sondar o meu universo interior na relação com o outro, ou muitos outros que estiveram comigo durante o estudo. Os Encontros com a Tekoá Yryapu se constituíram num grande *Cenário de Vivências* que possibilitaram muitas reflexões a cerca de mim mesma, das pessoas presentes na pesquisa e dos seus lugares. Na pesquisa contei e refleti sobre os adventos nas escolas e as cenas que mais pulsaram na convivência com a Comunidade Mbyá Guarani.

Estranhamentos e encantamentos! O Meu Encontro com a Tekoá Yryapu foi a "fresta" para que acontecesse um (que na verdade foi mais de um) advento importante: A Semana da Cultura Indígena Mbyá Guarani, que sem ser a principal intenção da pesquisa, tornou-se a vida da pesquisa, e se colocou no espaço do cenário principal, envolvendo diversas pessoas (inclusive eu) que são

*protagonistas* de todas as cenas que se mostram desde mim, até o que conto sobre os encontros e coisas que pulsaram aos meus olhos.

Quero com essas reflexões tornar visíveis os *encontros movediços*<sup>1</sup> vividos no meu cotidiano e no cotidiano de Indígenas Guarani, professoras, alunos, equipe diretiva das escolas e pais. O tornar visível não é algo fácil, pois envolve disposição de quem se coloca na relação com o que até então era invisível e não se fazia ver. Transcende o olhar sem compromisso, o olhar por olhar e dá lugar a um *olhar estético*, um *olhar meditativo* e um *olhar amoroso*. Olhares que deram visibilidade aos encontros:

*Olhar estético*, um olhar que foge da lógica do *dever ser* (vida moral), que olha aquilo que é, que se mostra em forma de arte. Como sabiamente fala Maffesoli (1996, p.26) "não é possível reduzir a arte apenas às grandes obras qualificadas geralmente de culturais. É toda a vida cotidiana que pode ser considerada uma obra de arte".

*Olhar meditativo*, um olhar sereno que se coloca a refletir sobre as coisas que se mostram. Olhar que instiga um pensamento, que medita, que reflete sobre os sentidos das coisas que existem. Heidegger (s.d. p.26) nos ajuda a pensar sobre o fato do homem ser um ser que reflete e da importância de manter desperta a reflexão e nos fala que "[...] a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério nunca nos caem do céu. Não são frutos do acaso (nichts Zu-falligers). Ambas medram apenas de um pensamento determinado e ininterrupto".

---

<sup>1</sup>Uso a metáfora Encontros Movediços para referir-me aos Encontros com a Tekoá Yryapu, estes que movimentaram vidas e ao mesmo tempo foram criadores de Fenômenos que se fundiram num movimento de sentidos e surpresas no conviver com a imprevisibilidade que nos coloca numa condição movediça e de constante mudança de corpos.

*Olhar amoroso*, um olhar que olha sem julgamentos, um olhar que aceita o outro e o torna legítimo na convivência. Como nos faz pensar Maturana (1998, p.25) "No emocional, somos mamíferos. Os mamíferos são animais em que o emocionar é, em boa parte, consensual, no qual o amor em particular desempenha um papel importante".

Olhares que fazem viver um Cenário! Ao mesmo tempo em que me coloco a olhar me deixo olhar pelas pessoas entrevistadas e outras que participam no convivermos encontros. Acredito que nesse entrelaçamento de olhares os cenários vão se constituindo no imaginário e na realidade, pois as imagens estão à frente, vêm de fora, mas é cada um de nós que decide o que vai ser contemplado e trazido para suas vivências, para dentro de si. A pesquisa traz a leveza de algo que conta e descreve seriamente sobre adventos que germinaram de encontros movediços e que fazem parte do presente, do cotidiano vivido. Desta maneira trago algo que vive, algo orgânico, que quando deixado de olhar talvez morra, que no presente pulsa diante da percepção que nos atinge.

Estou na tentativa de não perder as coisas vivas que estão diante de meus olhos, o que me aproxima da reflexão de Osho<sup>2</sup> que diz: "O poeta não disseca a flor, ele se apaixona por ela. Fica imensamente feliz, regozija-se com a flor, e dessa alegria surge uma canção. Mas ele ainda está longe do místico, do rischi. O místico se torna um com a flor, o observador se torna o observado; não há mais distinção". Nessa percepção o que tenho como pesquisa é o místico que é junto, que não se separa do que é contado, que não se coloca só no lugar de observador, mas que também é o observado. Que faz parte dos cenários vividos.

O que me faz andar entre a Comunidade Mbyá Guarani e as escolas participantes da pesquisa é meu estar entre ambas. Ora estou como amiga e

---

<sup>2</sup>Osho, Livro: Filhos do Universo (p. 10, 2005)

pesquisadora na Tekoá Yryapu: conversando, observando, tomando *Kaay*<sup>3</sup>, conhecendo, aprendendo, rindo, silenciando, contemplando, refletindo... No estar-junto sem preocupação alguma. Ora estou nas escolas como amiga, pesquisadora e professora de Educação Infantil e Séries Iniciais: conversando, observando, conhecendo, aprendendo, ensinando, rindo, silenciando, contemplando, refletindo... No estar-junto tenho a preocupação de promover aprendizagens, ou melhor, promover encontros que mostram a leveza de estar convivendo com pessoas e realidades que me ajudam a pensar sobre o nosso lugar, tentando compreender o que se mostra.

O tema que trago nessa pesquisa conta do encontro de duas escolas e uma a Comunidade Indígena Mbyá Guarani, do partilhar as experiências no conviver, bem como a possibilidade de encontros, diálogos interculturais e um *olhar cuidadoso*<sup>4</sup> entre os Mbyá Guarani e a Educação Escolar. A intenção da pesquisa é refletir e contar sobre a constituição da Semana da Cultura Indígena nas Escolas, apresentando as manifestações presentes no processo de aproximação entre as duas Escolas e a Comunidade Indígena Mbyá Guarani.

Nesses Encontros Movediços, muitas inquietações me acompanharam (acompanham) e me ajudam a contar sobre a Pesquisa e sua importância no meio educacional, são elas:

*Qual a importância desses Encontros para a Educação enquanto Formação Humana das pessoas?*

*O que essa nossa aproximação tem representado para as pessoas envolvidas na pesquisa?*

---

<sup>3</sup> Kaay na língua Guarani significa chimarrão na Língua Portuguesa.

<sup>4</sup> Trago o uso de o termo *Olhar cuidadoso* como um olhar que envolve os três olhares que descrevo no início do capítulo: Olhar estético, Olhar meditativo, Olhar amoroso. Como se os três olhares tivessem juntos constituindo o Olhar cuidadoso.

*Qual o sentido, ou quais os sentidos desse encontro para a Comunidade Mbyá  
Guarani e para as Escolas?*

*Qual é a importância da Semana da Cultura Indígena nas Escolas? Será que  
realmente foi importante?*

O estudo partiu de uma abordagem qualitativa em Pesquisa da Educação, pois segundo Lüdke (1986, p.11) "a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo". Nomeio a Pesquisa como Qualitativa, pois como explica Bodan e Biklen (apud: LÜDKE, 1986) a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

A pesquisa apresenta-se numa perspectiva metodológica teórica- reflexiva-afetiva- exploratória- móvel. Teórica por estar em diálogo com ideias de autores como Maffesoli, Maturana, Morin, Kusch, entre outros que estão apresentados durante as escritas. Reflexiva por o estudo ser conduzido pela reflexão sobre o tema, a partir das vivências significadas como fonte principal dessa pesquisa. Neste aspecto da reflexão, Maturana (1998) ajuda a pensar sobre a importância de se fazer no sentido de aprofundar nosso entendimento na dinâmica das relações, descobrindo certos aspectos nelas que não devemos desprezar. Afetiva por estar encharcada de emoções e sentimentos produzidos pelo estar-junto. Exploratória no sentido de olhar com cuidado, de perceber variáveis que são desconhecidas dando sentido para o estudo e Móvel, por não ter uma meta definida, por estar distante de um porto seguro rígido e estático, mas por ser uma pesquisa que se criou na fluidez, na responsabilidade de uma pesquisa acadêmica onde os encontros teóricos foram essenciais nesse processo de reflexão e escrita.

A metodologia da pesquisa contempla o movimento, esse que entendo como criador dos fenômenos que tentei observar durante o estudo. Esse movimento é fruto dos muitos encontros, da convivência com os Mbyá Guarani, do debruçar-me a olhar, acomodar, pensar, contar. Nesses caminhos metodológicos Maffesoli (2001) me ajuda a aventurar na possibilidade de ser fora de si, num modo de se abrir ao mundo e aos outros, numa energia ativa, num poder vital que vai contemplando o estar pesquisadora, o estar circular e dinâmico que é próprio da vida, do conviver, que não se fecha em análises fundamentadas sobre a representação das coisas, mas que se aprende a restringir na simples apresentação daquilo que é.

### **Andanças...**

Quanto aos caminhos metodológicos, escolhidos para a minha pesquisa, Lüdke (1986, 12) explica que: “[...] o material descritivo obtido na pesquisa qualitativa é rico em descrições pessoais, situações, acontecimentos, transcrições de entrevistas e depoimento, fotografias, desenhos e vários tipos de documentos”. Escolhi dois instrumentos como principais: o Diário de Campo e as Entrevistas Semi-estruturadas. O primeiro é um documento de registro de meu estudo de campo, espaço de encontros, onde descrevi o que escutei e também alguns sentimentos e ideias que fui ampliando sobre minha convivência com os Mbyá Guarani e as Escolas. É importante deixar claro que os encontros moveram a pesquisa, fontes das muitas conversas que partilhamos, além do exercício de olhar e escutar que foi constante.

O segundo foi realizado com alguns participantes da Semana da Cultura Indígena nas Escolas. Procurei escolher aleatoriamente priorizando o desejo e a disponibilidade dos convidados a participar das entrevistas. Os critérios foram

contemplar professoras há mais tempo na escola e professoras há menos tempo. Quanto aos alunos o critério foi convidar um que estranhou os indígenas Guarani, um que se encantou e outro que ficou indiferente, não demonstrando nem encantamento nem estranheza. Quanto à equipe diretiva tentei contemplar todos, acreditando que o olhar dos gestores é importante nas ações pedagógicas. Quanto aos pais o critério foi escolher uma mãe pelo seu encantamento e amorosidade com os Mbyá Guarani e outra mãe por ser professora. De todas as pessoas convidadas para a entrevista, somente uma não demonstrou desejo em participar, justificando que morava longe da cidade, neste caso preferi não insistir nem me oferecer para ir até sua casa. Respeitei cada um, deixei que se organizassem a sua maneira e que escolhessem o melhor lugar para nosso encontro.

Ao organizar as Entrevistas, alguns preferiram que eu fosse até suas casas, outros quiseram fazê-la na escola, após o horário de aula, e outros preferiram ir até minha casa. Uma entrevista foi totalmente diferente da outra, mesmo tendo estabelecido um roteiro com pontos importantes para ser trabalhado. Muitos assuntos que não estavam previstos surgiram enriquecendo e trazendo reflexões importantes para se pensar as nossas escolas. Foi uma experiência gratificante vivenciar as Entrevistas, pois além do estar-junto com Chimarrão, bolos, cafés foi possível realizarmos desabafos e trocar experiências a cerca do tema da Pesquisa. Como registrei no Diário de Campo:

"Me chamou muito a atenção, a relação que estabelecemos na combinação de estarmos juntos para a entrevista. É muito bom essa proximidade!" (Lang, Diário de Campo, 22 de maio de 2010)

As entrevistas transcritas resultaram em aproximadamente 150 páginas, onde algumas foram mais densas e longas e outras menos densas e curtas, mas em todas as entrevistas foram desenvolvidas as ideias que tive a intenção de trazer para a conversa: O conceito de índio para cada entrevistado; Olhar sobre as questões indígenas; Práticas pedagógicas quanto ao Dia Nacional do Índio; Sensibilidades e Memórias sobre suas aprendizagens sobre a temática indígena e o Sentido do Projeto da Semana da Cultura Indígena na Escola e por último perguntei sobre a Lei 11685/08<sup>5</sup>.

Sugeri durante as Entrevistas que cada uma das pessoas participantes escolhesse um codinome que seria usado durante minhas escritas, com a intenção de deixar as pessoas mais a vontade, preservando assim sua real identidade. Todos gostaram da ideia e escolheram um codinome relacionado com a Natureza. As Entrevistas foram todas gravadas e transcritas na íntegra.

Além do Diário de Campo e Entrevistas utilizei como instrumentos metodológicos: Observações, Diálogos, Depoimentos Informais, Relatos e Falas durante os Encontros, Materiais produzidos pelos alunos em sala de aula, Pesquisas Bibliográficas. Optei por não gravar os Encontros, apenas transcrever para o Diário de Campo as falas, respeitando a originalidade de cada relato, também contar a partir da minha percepção sobre nossos Encontros e Diálogos. Os materiais realizados em sala de aula foram consentidos pelos próprios autores e foi assinado um Termo de Consentimento pela Diretora da Escola autorizando a coleta dos materiais.

Quanto aos sujeitos de pesquisa optei em escolher cinco professoras, sendo que uma delas ocupou também o lugar de mãe, uma diretora escolar, uma supervisora escolar, uma secretaria escolar, um indígena Guarani, uma mãe que

---

<sup>5</sup> Lei 11685/08 inclui no currículo escolar a obrigatoriedade de se trabalhar não só as questões afro-brasileiras, mas também os Povos Indígenas do Brasil.

teve contato com os indígenas Mbyá Guarani na escola e três alunos que acompanharam a Semana da Cultura Indígena neste ano. Todos serão apresentados nos Cenários.

Todos os Sujeitos que fazem parte da Pesquisa estão cientes da sua participação e foram todos comunicados dos objetivos da Pesquisa pessoalmente. A utilização de todo material coletado se efetivou mediante assinatura de um Termo de Consentimento. No caso dos três alunos menores de idade, a participação se deu mediante a autorização por escrito dos pais.

Durante as escritas faço referência do seguinte modo: Para os Entrevistados utilizo os Codinomes; Para os Diálogos, falas e relatos coletados durante a convivência com a Comunidade Mbyá Guarani utilizo o nome conforme desejo e consentimento de cada um dos indígenas Guarani; Para os Materiais coletados e escritos pelos alunos das escolas utilizo as iniciais dos nomes dos autores; Para as observações, reflexões, sentimentos e informações importantes utilizo o Diário de Campo. A Pesquisa foi se constituindo em forma de Cenários, Cenas e Bastidores onde procurei contar de maneira simples e cuidadosa sobre os fenômenos que germinaram dos Encontros Movediços.

Não trago conceitos fechados, nem tenho a pretensão de impor soluções a cerca do que conto, pois concordo com Maffesoli (1998, 18) quando ele diz que o fundamento da progressão conceptual impõe, se impõe, brutaliza, em lugar de deixar ser o desenvolvimento natural das coisas. É bem essa natureza que deixo fluir no refletir sobre os fenômenos que vão germinando, sem intenção de definir caminhos, mas com o compromisso sério de contar sobre os caminhos, sobre as andanças e os encontros. Contar sobre as entrevistas e minhas reflexões vão mostrar cenas vividas, sejam elas aceitas ou não. Contar sobre o que se organiza enquanto disposição para encontrar-se.

As coisas e as pessoas são o que são; procedem e organizam-se de acordo com uma disposição que lhes é própria. Assim, em vez de desejar pegá-las no conceito, talvez valha mais apenas acompanhar a energia interna que está em ação em tal propensão. [...] Algo como a sociologia da carícia, sem mais nada a ver com o arranhão conceptual. (MAFFESOLI, 1998, p.18-19)

O caminho da pesquisa se fez na apresentação dos acontecimentos, no contar sobre as formas, levando a sério os fenômenos e como fala Maffesoli (1998, 20) a especificidade desse tipo de atitude mental é de não transcender o que é manifesto, não aspirar a um além, mas de remeter-se às aparências, às formas que caem sob os sentidos, para fazer sobressair sua beleza intrínseca. A pesquisa tenta de maneira criativa *deixar-ser*, com todo rigor e zelo que uma pesquisa acadêmica *deve ser*. Não traz recortes e nem definições, traz uma Bela História de Convivência encenada por pessoas, que vão lentamente mostrando outras possibilidades de se colocar em relação ao outro, ou muitos outros.

Creio que, além do material concreto (coleta dos dados) importante para a pesquisa, me deixei tomar pelo Todo que envolve esse estar-junto na pesquisa. Além de uma gama de registros, a presença de muitos (pessoas, sentimentos, memória, etc..) talvez esteja presente de maneira invisível na alma da pesquisa, na vida, naquilo que nem sempre é escrito, é falado. A pesquisa pode ser algo que transcende o que consegui registrar, contar nesse espaço. Tratou-se de vidas movimentadas, vividas e sentidas. Tarefa difícil de precisar! Fácil de sentir! Como nos fala Duarte (2000,223) "Tudo aquilo que é sentido por nós faz sentido, ao mesmo tempo em que nos indica um sentido a seguir. Inútil qualquer contestação racionalista: os sentimentos constituem o cerne de nossa existência".

Pensando na caminhada das duas escolas conto histórias vividas a partir do Encontro com a Comunidade Mbyá Guarani. De um racionalismo que se estranha e se encanta ao olhar de longe o outro. Há uma razão sensível que se permite viver na imprevisibilidade do instante e no conviver, que é fruto das relações humanas

e do amor. Nesses encontros interculturais, as várias histórias sentidas e vividas foram sol para que a pesquisa crescesse.

A escolha de ter andado devagar fez "saborear"<sup>6</sup> cada movimento, cada encontro e desencontro no cotidiano. O estar na condição de pesquisadora numa perspectiva metodológica teórica-reflexiva-afetiva-explorativa-móvel afeta o meu estar professora, gera em mim transformações quanto ao olhar, pensamento e práticas nas escolas que trabalho. Toda esta vivência me aproxima, dá vida as minhas ideias e dá sabor a minhas escritas.

Já são mais de quatro anos entre passeios, fotografias, desmistificações, encontros, conhecimentos, estranhamentos e encantamentos até que chegássemos aos "*Nossos amigos Guarani*"<sup>7</sup>. Sinto que nesse espaço nascem contornos teóricos indeterminados, nas múltiplas manifestações geradas por esses encontros.

Não separo a Roberta pesquisadora das muitas Robertas que sou e estou, inclusive a Roberta professora, nesse andar junto. Acredito que tecer relações entre os lugares, dialogar, a Tekoá Yryapu, as escolas, as escutas, falas e sentimentos foram importantes no processo de construção deste estudo. Desta maneira, cada encontro, cada gesto, cada silêncio, cada som, cada conversa, cada olhar, cada inquietação, cada fogo no chão, cada escrita, cada atitude, cada sorriso terá um sentido especial na Arte de Contar sobre as cenas vividas de *uma aldeia, duas escolas e uma caminhada...*

---

<sup>6</sup> Uso o termo saborear, para referir-me a algo que é sentido, vivido.

<sup>7</sup> Nossos Amigos Guarani é como os alunos da Escola Municipal de Educação Infantil Pintando "7" se referem, atualmente, aos Mbyá Guarani da Tekoá Yryapu.

### 1.1. UM PASSEIO...

Poderia escrever várias histórias sobre as minhas experiências como professora, sobre os erros e os acertos no fazer pedagógico, principalmente, lembrando momentos significativos. É sobre um desses momentos que acontece esta pesquisa.

Em 2003, fui transferida para uma Escola de Educação Infantil. Quando cheguei à escola, me deparei com uma história escolar, com um *jeito de ensinar*, um calendário de atividades e eventos, o qual com muita disposição incorporei em minhas práticas pedagógicas. Entre muitos, um dos eventos era a Festa do Dia Nacional do Índio. Na semana que a antecedia, as turmas trabalhavam o Projeto Índio, com músicas, desenhos, confecção de objetos indígenas (cocar, colares, instrumentos musicais...), para expor os trabalhos na Festa do Dia Nacional do Índio, dia 19 de abril.

No dia da Festa, fazíamos alguns pratos típicos (considerados por nós) da cultura indígena: aipim frito, batata doce, bolo de milho... Durante três anos acompanhei as festas. Confeccionei, com meus alunos, cocares, instrumentos musicais feito de sucatas, murais com recortes de gravuras de índios, ocas, máscaras de índios, pintura no rosto das crianças, entre outras atividades. Na época as consideravam inovadoras e típicas de professoras esforçadas. Era tudo feito com muito zelo e todas as professoras se dedicavam na construção de lindos materiais que representassem os índios. O indígena nesse tempo não era apresentado às crianças (nem aos professores), era representado por símbolos historicamente afirmados e aceitos como representação verdadeira dos povos indígenas. Tínhamos um conceito de índio elaborado por nossa formação escolar e familiar.

Assim é o índio! Ponto e basta! Não tínhamos conhecimento de outra maneira de ensinar, essa verdade constituía a verdade que conhecíamos. Partíamos do pressuposto que a verdade é aquela que foi apreendida desde nossos tempos de aluna. Ou o Índio é o marginalizado pela sociedade, ou é o Índio da Floresta. Na verdade separávamos os conceitos: para a Festa do Índio usávamos o Índio da Floresta, para nossos discursos solidários aos indígenas usávamos o Índio marginalizado. Essa realidade que conto é comum em muitas escolas. Nas entrevistas que realizei pude mostrar que ainda hoje se constrói mais de um conceito a cerca do indígena. Vários são os jeitos de falar do indígena, penso que ainda estamos totalmente presos às concepções errôneas que convertem o índio em bom ou mau, em autêntico ou *misturado*. Ou o índio é romantizado ou colocado nas falas como igual à gente.

Éramos felizes na ação docente de organizarmos a Festa do Dia do Índio, pois simbolicamente trazíamos para a escola a existência do Indígena, aquele que, na nossa visão, estava a mercê da marginalização e excluído da sociedade. Era como se estivéssemos sendo solidários à situação histórica dos povos indígenas. Na verdade queríamos conscientizar as crianças sobre a importância do indígena na nossa história brasileira. Então canonizávamos o índio e o cultuávamos de uma maneira quase sagrada, com a boa intenção de fazer o melhor, aquilo que havíamos aprendido. Não usávamos livros didáticos, pois na nossa graduação aprendemos a analisá-los e criticá-los, usávamos o concreto, o inovador que, do ponto de vista da escola, era a "Festa do Dia Nacional do Índio".

Naquele momento, trazia comigo a questão do indígena como parte de uma massa humana negada, excluída por um sistema social, necessitada de que seus direitos humanos fossem garantidos pela democracia e pelo direito à igualdade. Não conhecia os indígenas, não sabia o que pensavam. Mas sabia que eu poderia ajudá-los, mostrando aos alunos o que lhes foi feito e os levando a indignação,

promovendo a visibilidade da exclusão social e o espírito de solidariedade. Na época pensava que passeatas homenageando os Indígenas fossem a melhor maneira de conscientizar as pessoas sobre a situação dos *nossos indígenas brasileiros*. O sentimento de responsabilidade para com os excluídos me deixou, por um tempo, presa a uma única possibilidade do *fazer pedagógico*. O conceito de povos indígenas, que trazia preso em mim, o que conhecia ou pensava conhecer, pode ter sido o motivo pelo qual estive afastada por tanto tempo da Comunidade Mbyá Guarani.

A preocupação era mostrar a exclusão dos povos indígenas, não quem são os indígenas, o que pensam, o que querem... Até o Encontro com a Comunidade Mbyá Guarani, parecia só existir um ponto de vista, tema de muitos desfiles da Semana da Pátria: a exclusão dos Povos Indígenas e a grande dívida social que temos com esses povos. Seria um pouco do que *nós (críticos) temos a obrigação de mostrar e conscientizar as pessoas sobre a situação oprimida que os povos indígenas se encontram*. Comunguei por um tempo com o pensamento de Gentili (2001, 42) que diz que:

A escola deve contribuir para tornar visível o que o olhar normalizador oculta. Deve ajudar a interrogar, a questionar, a compreender os fatores que historicamente contribuíram na produção da barbárie que supõe negar os mais elementares direitos humanos e sociais a grande maioria. A escola democrática deve ser um espaço capaz de nomear aquilo que, por si mesmo, não diz seu nome, que se disfarça nos grotescos eufemismos do discurso light, cortês, anorético.

Com a chegada à Tekoá Yryapu, percebi que não é só isso. Aliás, percebi que existem outras possibilidades de tornar visíveis os povos indígenas. Um jeito que se dá no encontro, não só no discurso e na luta por uma sociedade igualitária e justa. Não é fácil aceitar que podemos pensar e refletir diferentemente. Mas quando me propus a olhar de outra forma, não me torturei por deixar no passado

o que carregava. É como se estivesse deixado na estrada o *saco de ideologias*<sup>8</sup> e agora, com muita leveza, pudesse olhar novamente e tornar visíveis os encontros contados nesta pesquisa, a partir do que pulsa nas escolas e na Comunidade Mbyá Guarani.

Na condição de estar Diretora da Escola, em 2006, me interessei em saber sobre a Aldeia Indígena existente em nosso Município. Procurei a EMATER<sup>9</sup> para saber se a poderíamos visitar. Depois de uma semana, veio à confirmação de que podíamos ir. Organizamos, então, "o passeio"<sup>10</sup> na Aldeia Yryapu". A maior preocupação foi com a coleta de doações para os indígenas. Foi realizada na escola uma campanha de solidariedade. Não tínhamos ideia de como seria visitar uma Aldeia Indígena, mas fomos até lá.

Quando estávamos próximos da Aldeia, lembro-me dos olhinhos assustados dos alunos da escola, que talvez imaginassem encontrar indígenas "selvagens", vestidos conforme os livros infantis os ilustram e também como mostrávamos em nossas Festas do Índio com arcos e flechas. Alguns choraram quando nos aproximamos, dizendo que estavam com "*medo dos índios*". Na tentativa de acalmá-los, dizíamos que eles eram nossos amigos, mas na verdade não eram nossos amigos, não sabíamos quem eram aquelas pessoas. Acredito que algumas professoras (inclusive eu) também estavam receosas, sem saber como seria o primeiro contato com os *índios selvagens, ingênuos, coitadinhos, desconhecidos...*

---

<sup>8</sup> Uso a metáfora *saco de ideologias* para me referir à carga de convicções e verdades que carregamos ao longo de nossa formação política, social e profissional.

<sup>9</sup> A EMATER atua no Serviço de Extensão Rural, em convênio com as Prefeituras. Presta assistência técnica e extensão rural. Mantenedora de uma grande estrutura de capacitação rural, a EMATER/RS-Ascar assumiu a responsabilidade em orientar o uso de tecnologias nas mais diversas áreas, quer na área de saneamento básico ou ambiental, quer para melhorar o desempenho de lavouras. No município é o órgão que dá assistência à Aldeia Yryapu, é o ponto de referência do governo com a comunidade. Aproximam-se quando alguma verba pode ser usada para um projeto referente à produção agrícola indígena, seja no campo da pesca, da apicultura ou criação de aves.

<sup>10</sup> Passeio conforme o significado no dicionário Luft: Ação ou efeito de passear; para distração ou exercício. Refiro-me a passeio como um ato simples de passar por lá, a Aldeia como um lugar para se visitar, passear.

Penso que o não conhecer, nos deixou um pouco insensíveis em relação à comunidade que estávamos indo visitar. Pouco sabíamos, a não ser que lá existia uma Aldeia Indígena. Entre nós e aquela comunidade existia um enorme distanciamento é como se estivéssemos visitando algo inusitado, seres exóticos. Lembro que uma professora mostrava os índios para as crianças da maneira como se mostra um animal no zoológico. Pode parecer grosseiro, mas a professora falava carinhosamente, tentando mostrar para as crianças (e talvez para si mesma) que os índios são gente como a gente. Na verdade, a professora não sabia como fazer, tentou mostrar de maneira representativa: Aquela pessoa lá é um índio, veja! O conhecimento acumulado durante toda sua história pessoal e profissional estava sendo representado na experiência da visita a uma Aldeia Indígena, é assim que pensava, assim que foi constituída. E assim foi.

O passeio foi bom...

## 1.2. UMA CHEGADA<sup>11</sup>...

Em 2007 cheguei à Aldeia Yryapu, ou melhor, chegamos (eu, colegas professoras e alunos da Escola Municipal de Educação Infantil) à Aldeia Yryapu. Agora já conhecíamos a estrada, já sabíamos que os índios eram índios Guarani. Já não estávamos sentindo aquela sensação de não saber o que nos esperava. Mesmo sem saber os nomes dos indígenas Guarani, lembrávamos das pessoas que estavam lá, inclusive das crianças Guarani. Cheguei (de outra maneira) com o sentimento de professora de uma Escola de Educação Infantil, cheia de

---

<sup>11</sup> Refiro-me a "chegada", não como alguém que apenas visita, mas como alguém que chega, usando também a definição que encontramos no dicionário: Ação de chegar; vinda; advento; aproximação.

curiosidades a respeito da comunidade Guarani, cheia de "boas intenções", novamente com sacolas e sacolas de doações de roupas e alimentos (coletado com as famílias dos alunos da escola), um pouco menos assustada, carregando o discurso da moda: *Respeito à diversidade cultural*. Também com uma gama de informações generalizadas quanto aos povos indígenas e muitas falas carregadas de preconceitos, como:

*"Não adianta darmos roupas, eles colocam fora"*

*"Eles só querem ganhar dos brancos, mas trabalhar que é bom nada"*

*"Eles são espertos, recebem dinheiro do governo pra não fazer nada"*

*"Coitadinhos, vivem passando frio e fome"*

*"É desumana a vida dos índios"*

*"Os índios pegam as crianças"*

*"Meu pai disse para eu não chegar perto dos índios que eles me pegam"*

*Surpreendida com o encontro*, aquela saída de campo escolar deu início a um advento importante em minha vida profissional, acadêmica e pessoal. Fui tocada pelo estranho, uma comunidade Guarani, uma comunidade que escolheu viver sem escola, uma tribo errante (usando termo de Maffesoli), capaz de acordar em mim uma inquietação, um desejo de olhar para o que estava se movendo dentro de mim na relação com este estranhamento e também encantamento. Um mar de interrogações lentamente começava a penetrar em *meu corpo*<sup>12</sup>, uma teia começava a ser tecida entre o meu mundo e o mundo da comunidade Yryapu... "Distância e proximidade, atração e repulsa, suas relações a

---

<sup>12</sup> Corpo como um TODO, material, imaterial, razões, emoções, corpo, espírito.

um tempo complexas e imbricadas, eis aí precisamente sobre o que tal imagem nos convida a meditar" (MAFFESOLI, 2001,44).

Durante o tempo em que estávamos na Aldeia, fiz algumas perguntas. Mas uma foi germinal pelo impacto da resposta em mim. Foi quando perguntei: "*As crianças estudam na escola do Município ou a Aldeia tem escola?*" A própria pergunta já mostrava que no imaginário construído em meu pensamento, a escola estava como algo presente para a comunidade Guarani. Mas na resposta, veio o susto, o estranhamento: na Aldeia Yryapu a comunidade escolheu viver sem escola.

Nessa primeira interação aconteceu o Estranhamento: o que me moveu no primeiro momento foi *o Susto, o choque cultural...*

Pensar o porquê da Aldeia Yryapu não aceitar nenhum tipo de Escola, nem a Escola Indígena, foi algo que mexeu comigo, senti um incômodo, e, ao mesmo tempo, uma culpa por sentir-me incomodada com o fato daquelas pessoas não estarem na escola. Fiquei frente à insegurança do pensar. Aproximo meu pensar e sentir de Kusch (1986, 6)<sup>13</sup>, quando fala do jeito forte, que nos faz pensar sobre os sentimentos, que nos perpassam diante do outro diferente: "*Nos hallamos como sumergidos em otro mundo que es misterioso e insoportable y que está afuera y nos hace sentir incómodos*". No momento, talvez, minha arrogância não permitiu que eu percebesse, que a escola para os Mbyá Guarani não tinha o mesmo significado que na minha cultura.

Imagina o quanto precisei pensar outras possibilidades de ser e estar no mundo, até que começasse a conhecer aquela comunidade, a conviver com os Indígenas Guarani. Tanto que no começo da pesquisa perambulei por diversas

<sup>13</sup> Rodolfo Kusch descreve no início do Livro *América Profunda* o encontro com uma velha índia que pede esmola na frente da igreja, paisagem que acaba causando insegurança, certo impacto diante de uma situação que não estamos acostumados a tolerar, diante do "*hedor de América*", em contraste com nossa "*supuesta pulcritud*".

inquietações, levantei outros objetos de pesquisa, eram tantos estranhamentos que não sabia bem o que estava pulsando dentro da Roberta pesquisadora. Sabia como e onde começou, mas não sabia onde e como ia terminar.

O meu estar no mundo professora encontrou um estar no mundo sem escola!

Esse ser alguém que acredita na Educação, que passa horas do seu dia na escola, que aposta nos caminhos e descaminhos colocados pela Educação...

Eu, uma professora que já experimentou vários jeitos de estar na escola, de construir aprendizagens, de compartilhar conhecimentos, de partilhar vivências...

Creio que essa inquietude colocou-me como pesquisadora, em movimento, na busca, talvez da utopia infinita que não sabemos quando, onde e o que, encontraremos, mas que nos move a caminhar. Invasa pelo desejo de adentrar na cultura Guarani, me coloquei a andar numa convivência afetuosa e respeitosa entre lógicas diferentes. Como nos fala Bergamaschi (2005, 39) “[...] o olhar que dirigimos ao outro se dá desde o nosso lugar, do que somos e temos, do nosso ser ocidental”.

A imprevisibilidade do “choque” (causado pelas diferentes lógicas do viver, neste entrecruzamento cultural que o cotidiano nos possibilita, mas que muitas vezes desconsideramos, tornamos invisíveis) é que me fez decidir olhar para a questão Indígena e pensar em tudo que estava sentindo em relação ao Encontro com os Mbyá Guarani.

Na tentativa da aproximação com as pessoas da Comunidade Mbyá Guarani aconteceu o encantamento. No momento em que oferecia alimentos e roupas (talvez de maneira idealizada ou até mesmo histórica, na continuação do ritual que considero ocidental e indígena que envolve o dar e receber: presentes e

aproximações) fui surpreendida ao ser presenteada com um "colar", um lindo colar que me encantou. Lembro-me do sorriso deles ao me entregarem aquele colar. E também da minha alegria ao recebê-lo. Com o tempo de convivência fui percebendo que realmente aquele momento teve um forte significado para a Aldeia, arrisco pensar que foi mais ou menos: "*Puxa olharam para nós, estão querendo conversar!*"

O sentido dos atos de dar e receber foram o que iniciou nossa aproximação, não era mais uma simples relação da professora que visita uma Aldeia Indígena, mas de pessoas que dão sinais da possibilidade de aproximação. Nossa história (o relacionamento com os Guarani) adquiriu um espírito de reciprocidade! A doação não partiu só de mim, mas também deles. Estamos tão acostumadas a pensar que nós é que devemos dar aos indígenas que aquele ato me causou surpresa, uma surpresa encantadora que considero importante. O encanto nos aproximou, tanto quanto o estranhamento. Sentimentos que foram provocados nesse olhar em mim olhando para a comunidade Guarani. Creio que é na relação com o outro que vamos nos dando conta da existência desse outro, vamos aos poucos construindo um lugar para o conviver com a diferença, onde esta nos afasta e nos aproxima na ponte que liga os muitos mundos habitados.

Na verdade, todo o mecanismo da geração de nós mesmos- como descritores e observadores nos garante e nos explica que nosso mundo, bem como o mundo que produzimos em nosso ser com os outros, será precisamente essa mistura da regularidade e mutabilidade, essa combinação de solidez e areias movediças que é tão típica da experiência humana quando olhamos de perto. (MATURANA, 2001, p. 263)

Em 2008, em mais uma saída de campo da escola à Aldeia Yryapu, nos encontramos com a emissora de televisão, a TVE do Estado do Rio Grande do Sul, que estava realizando uma reportagem em homenagem ao Dia Nacional do Índio. Manifestamos nosso espanto e alegria de fazer parte, junto com a comunidade

Mbyá Guarani, de um programa que seria emitido na televisão. Num espírito de partilhar imagens, fui entrevistada pelo repórter, um momento inusitado, pois não esperava esse acontecimento. *O inesperado* acabou por tornar-se algo saboreado. Dar o depoimento sobre o que levou a escola até a aldeia reforçou meu desejo de tentar conhecer um pouco da cosmologia Mbyá Guarani. Enquanto falava sobre a importância das crianças conhecerem outras culturas e saber que, perto da gente, na mesma cidade, existem outros modos de vidas, diferentes do nosso, e que as diferenças fazem parte da diversidade humana, incorporava as palavras, ampliando meu sentimento de curiosidade e respeito aos povos indígenas. Como professora e pesquisadora estava tendo a possibilidade de olhar de outra maneira para o indígena, tentando compreender o porquê dos estranhamentos e encantamentos nesse conviver com a Comunidade Mbyá Guarani. O programa foi assistido por algumas famílias dos alunos da escola, o que de certa maneira foi dando visibilidade à Tekoá Yryapu e nos aproximando.

Nessa aproximação fui percebendo o sentido do encontrar-se com outra cultura. A cada dia que passava mais coisas queria compreender. Mas o conviver com a Comunidade foi, aos poucos me acalmando e aquietando meu pensamento. Quanto mais tentava saber, parece que mais longe estava do saber sobre aquela comunidade.

Iniciei em 2008 a coleta de dados para a pesquisa. No entanto o estar-junto com as pessoas indígenas Guarani me fez outra pessoa. Não resultou só no fazer uma simples pesquisa, mas em aprendizagens que transcendem a lógica do conhecer, que estão no campo espiritual, que são sentidas e vivenciadas na vida, no meu cotidiano.

Sensibilidades brotaram dos movimentos desse estar-junto, e foram aos poucos, me fazendo refletir sobre a existência de uma infinidade de coisas a aprender e sobre como, que dessa infinidade, só algumas são possíveis de

compreensão. Mesmo que eu tivesse vivido junto à comunidade por anos e anos não teria segurança ao afirmar sobre o seu modo de vida, sobre a sua cultura, sobre a sua espiritualidade. Muitas coisas escapam do nosso olhar e outras são definidas a partir de nosso desejo.

Cenas profundas foram me fazendo construir o objeto da pesquisa e, com isso, deixei fluir... Algumas coisas são interessantes de contar, como a tentativa de aprender algumas palavras na Língua Guarani. Durante algumas visitas, num intensivo exercício de repetição, eles falavam na língua Guarani e eu tentava pronunciar, cenas engraçadas iam surgindo, pois não conseguia pronunciar certo e eles achavam muita graça do meu jeito. Acredito que isso nos aproximou, pois entre risos e palavras iam tentando me ensinar algo que, para eles, representava a riqueza da sua cultura. Sentia-me lisonjeada em estar sendo ensinada por pessoas da etnia Guarani, mesmo que com muita dificuldade. A Língua Guarani não é fácil de ser pronunciada por *jurua's*, pois mesmo sendo curiosa e tentando aprender, foram poucas as palavras que consegui guardar na memória, outras já não lembro mais. Mas os momentos compartilhados trouxeram aprendizagens para a vida, que com certeza, transcende minha habilidade de oralidade quanto à Língua Guarani, até porque a língua não foi um empecilho para o nosso relacionamento. Quando conseguiam falavam na língua portuguesa ou quando eu não entendia na língua guarani, sempre alguém traduzia para que eu pudesse participar da conversa.

Na verdade a tentativa de falar a Língua Guarani, foi uma maneira de mostrar meu respeito por eles. Se eles falavam a minha língua para se aproximar de mim, porque não tentar falar algumas palavras para tentar me aproximar deles? Um sentimento intercultural nos aproximava pela diferença. Compartilho com Bergamaschi (2005, 55) quando fala sobre o entendimento da descrição densa que acompanha a pesquisadora.

[...] a densidade que envolve a existência da pesquisadora, que vai além das descobertas e das aprendizagens produzidas nas inúmeras viagens para as aldeias Guarani, mas implica uma viagem interior, que põe em xeque tudo o que sabia ou pensava que sabia, que desfaz simplificações e idealizações, para dar lugar a relações pessoais intensas e transformadoras.

As quarenta e cinco visitas à Aldeia foram fundamentais para nossa aproximação, pois minha ida até lá indicava uma visita deles também na escola ou na minha casa. Nesses encontros, desfrutamos um estar-junto que, segundo Maffesoli (1995, 54), diz respeito ao "encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns".

A descoberta sobre mim mesma, e a amizade tecida na convivência com as pessoas da aldeia, fortaleceram minhas andanças, ofereceram espaços de reflexões e significados, em cada ida à aldeia, em cada roda de conversa, em cada *Kaay*, no silêncio, nos risos. Todos os momentos foram aprendizagens vivas, incertezas, descobertas, espantos e encantos. É como se estivesse me descobrindo, me compreendendo na convivência com o modo de vida daquelas pessoas. Compartilho o pensamento de Menezes (2000, 19) quando ela diz que é "na vivência que o entendimento acontece, quando surge a amizade, uma referência fundamental no caminho metodológico".

A sensação de se dar conta, com certo tempo, da importância de cada experiência nesse estar-junto, me lembra de alguns dos encontros que nos aproximaram e me fizeram olhar e sentir diferente. Em uma das minhas idas até a aldeia, no retorno para casa "atolei" o carro na trilha até a estrada. Já havia me afastado uns dois quilômetros, a noite já estava se aproximando quando me vi sozinha com o carro totalmente preso na areia, que parecia *movediça*, e quanto mais tentava desatolar, mais o carro afundava. Depois de poucos minutos, como se enviados espiritualmente vieram me ajudar, mas depois de

várias tentativas nada conseguimos. Decidimos deixar o carro para buscar no outro dia.

No momento em que me vi atolada (março de 2009) "senti" que ali não estávamos numa relação de pesquisador e pesquisado, ou numa relação de estranhos, mas numa relação de amizade, de trocas e solidariedade. Precisava ir até a estrada para poder entrar em contato com meus familiares, estava sem sinal para o celular, muitos mosquitos, noite escura... Confesso que me assustei um pouco, mas ao mesmo tempo me senti protegida por eles. Acompanharam-me a pé, empurrando a bicicleta por mais de três quilômetros. Enquanto caminhávamos, eles iam um de cada lado, me avisando sobre os cuidados e trocando comigo algumas ideias, foi quase uma hora de caminhada, até que eu conseguisse comunicação. Fiquei me questionando sobre quem das pessoas que conheço e convivo teriam um gesto assim. E, também, pensando sobre minha coragem em percorrer aquele trajeto depositando confiança naquelas pessoas que mal conhecia. Essa possibilidade que tive de me abrir a novas sensações, de me despir de medos e desconfianças e estar ali, comungando da cultura humana que nos aproximava, talvez tenha sido um grande ensinamento que me fez olhar diferente, perceber aquelas pessoas, além de sua cultura indígena Mbyá Guarani, numa relação intensa entre o estar e o andar entre pontes, trilhas e areia.

Pensar na reciprocidade como matriz da pesquisa foi fundamental para continuar a olhar e refletir sobre esses encontros movediços, sobre o meu pensamento sobre a vida e o que fazemos dela em relação ao outro, a diversidade e o amor<sup>14</sup> que o universo nos mostra todos os dias.

---

<sup>14</sup> Refiro-me a amor segundo Maturana (1998) que é a emoção que constitui as ações de aceitar o legítimo outro na convivência, sendo que amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências.

### 1.3. UMA REFLEXÃO

*" A sabedoria é uma das formas pelas quais você consegue experimentar a ordem natural do universo, sentindo como ela se aplica a seu próprio microcosmo, ou seja, à sua vida pessoal[...] O saber mais profundo brota das Verdades que já foram experienciadas em nossa vida. Jamie Sams (1993, p127)*

O que aprendi sobre os "índios"? Será que havia apreendido algo? O que tinha na memória sobre a cultura indígena? Diante dos questionamentos um "eco" vazio me incomodava... Que sentido a cultura indígena tinha na minha vida, tinha na minha prática como professora de Educação Infantil e Séries Iniciais? É importante contar sobre minhas aprendizagens, antes de olhar desde o todo que envolveu a pesquisa. Nesse capítulo me coloco como narradora de minha história sobre os povos indígenas.

Creio que o primeiro contato que tive com a palavra ÍNDIO foi na minha alfabetização que a letra I era ilustrada com o desenho do Índio e a palavra. Lembro (vagamente) que na semana do Descobrimento do Brasil, realizamos uma peça de teatro com a querida professora Eva Rita, onde Pedro Álvares Cabral era o ator principal... Na dramatização os índios esperavam por presentes entre árvores, eu era uma árvore. Não pude ser índia por ser muito branquinha. De repente: "Terra à Vista" o Brasil acaba de ser descoberto por Cabral, homem que ficou na história, uma história que carreguei durante toda minha infância.

Durante as séries iniciais não recorro de mais nenhum tipo de contato. Somente na quinta série foi "revelado" que quando Cabral descobriu o Brasil, os índios viviam aqui e tiveram sua importância. Depois aprendi sobre a importância

dos Jesuítas na domesticação dos indígenas selvagens. Logo depois a colonização europeia foi enfatizada. E na escola pouco ou nada mais foi falado, lido, escrito sobre os povos indígenas.

Na minha infância e adolescência não me lembro de ter visto indígenas, ou escutado algo sobre esses povos, é como se eles não existissem naquela época (não sei se só no meu imaginário). Onde estavam? Minha infância foi vivida na cidade de Rio Pardo no Estado do Rio Grande do Sul, uma cidade histórica, com museus que enfatizam pertences de Dom Pedro I, da Princesa Isabel e a existência de fortes. Não me lembro de objetos indígenas, havia no museu local alguns objetos dos escravos negros. Na cidade tem uma rua de pedra construída pelos escravos, que é patrimônio histórico. Nada sobre os povos indígenas aparece na minha memória.

Durante minha formação de Magistério, não me lembro de estudos referentes à cultura indígena. Lembro-me das ideias sobre como confeccionar cocar, instrumentos indígenas. Lembro-me de uma breve explanação sobre a contribuição indígena para nosso país. Lembro que na disciplina de história foi analisado o que os livros didáticos falavam sobre o Descobrimento do Brasil, colocando em discussão a mudança do discurso: "Não foi Pedro Álvares Cabral que descobriu o Brasil, ele encobriu que os índios já viviam aqui". Falas desse tipo, mudança de discursos, mas não de lugar. Os discursos eram referentes à valorização da cultura indígena, sobre o que eles "deixaram" como marcas...

Anos atrás, li o livro *Pedagogia da Terra*, de Moacir Gadotti onde ele dizia que somos pré-colombianos, e que a maioria das pessoas tem certo "jeitão" de índio, fiquei surpresa, mas não entendi, certamente por causa dos discursos sociais que colocam o índio como preguiçoso, selvagem, bugre, sujo, impedindo qualquer tipo de aproximação, é uma recusa inconsciente, um afastamento, uma invisibilidade... Como Kusch (1966, 49) nos fala "[...] por ningún lado vemos indios,

*ni si quiera em nuestro pasado histórico, ya que nuestra nacionalidad, como nos han enseñado, se hizo desplazando al índio”.*

Até aqui foram mais de treze anos na escola, e um verdadeiro “encobrimento sobre a cultura indígena”. Precisei ingressar no Ensino Superior de Pedagogia para que a querida Historiadora Ana Inês, por meio semestre (curto período de aulas, pois ela precisou dividir a disciplina com uma professora de geografia) me fizesse olhar diferente para a História e assim para os povos indígenas. Claro que não foi possível aprofundar conhecimentos, nem conhecer sobre as diversas etnias indígenas, mas foi possível “acordar”, perceber que os livros nem sempre contam à história que é. Talvez contem o que é melhor que seja contado.

Desde os primeiros encontros de indígenas e europeus, muitas admirações, incompreensões e estranhamentos foram gerados, de ambos os lados. Evidentemente, o maior prejuízo ficou com os povos indígenas, destruídos no direito de existir na sua multiplicidade étnico-cultural e destituídos da terra, o mais precioso bem”. (BERGAMASCHI, 2008, p. 145)

Como professora de Educação Infantil e Séries Iniciais não foi muito diferente, pois como grande parte das professoras que convivo, pouco sabia, então pouco contava, pouco falava sobre os povos indígenas. Lembro que no estágio do Magistério realizei uma dramatização que tinha como tema a representação dos indígenas. Levamos cestos, machadinha e outros enfeites indígenas, mas representando o passado, o distante. Minhas práticas pedagógicas quanto à questão indígena, mesmo que cheia das boas intenções, era limitada ao pouco conhecimento que tinha, ou melhor, a formação que tive durante o curso de magistério e o curso de graduação em Pedagogia. Arrisquei algumas vezes tecer comentários sobre a exclusão dos indígenas, mas ao mesmo tempo não sabia o que

seria o índio, ou melhor, o que poderia ser pensado na escola sobre os povos indígenas.

Na docência na área da Educação Infantil, minha memória me levava a reproduzir o índio que conheci mesmo que fosse a caricatura indígena bem como Bergamaschi (org.2008, 145/146) se refere quanto às comemorações do Dia Nacional do Índio onde diz “[...] na maioria das vezes, as crianças são pintadas no rosto e enfeitadas com um cocar, entoam ridículos uuuuus..., normalmente usando penas de galinha ou feitas de papel, em que as crianças pintam um modelo, sem qualquer reflexão sobre o índio da vida real [...]”. Penso que as possibilidades que se tem na escola (com base nas experiências de vida e formação das professoras) são estas. Mesmo que se saiba sobre as muitas críticas frente às práticas pedagógicas deste tipo, somos cartesianamente obrigados a pensar: ou se trabalha assim, ou não se trabalha porque os discursos contemporâneos rotulam essas práticas como más. Claro que nos sobra à possibilidade do encontro, de ser tocado pela emoção do conhecer, e que sabemos que não é comum e nem fácil. Concordo com Bergamaschi (org. 2008, 146) quando ela diz que “Parece que nossas crianças, nossos jovens, nossos adultos não possuem ancestralidade indígena, tendo cabelos lisos, a pele rosada, um jeito alegre de ser e estar”. Certamente temos ancestralidade indígena, mas creio que não nos foi dito isto, carregamos essa distância entre nós e os indígenas, tanto que qualquer aproximação nos causa estranhamentos e encantamentos. Como nos fala a autora “[...] às marcas indígenas que faz mestiço o continente americano, marcas que são camufladas, “entulhadas” sob uma visão de branquitude, de pureza, de pseudoeuropeidade”. (2005,35-36)

Bergamaschi (2005) nos chama a atenção para a invisibilidade histórica que diz respeito aos povos indígenas, onde fala que houve um encobrimento sobre a cultura ameríndia no meio acadêmico e educacional. Realmente não via a cultura

ameríndia, via somente a pobreza, e a miséria que envolvia as comunidades indígenas. Encontrar com a Comunidade Mbyá Guarani me fez visitar minha própria ancestralidade e encontrar traços indígenas na minha história de vida e com isso perceber um pouco (uma pequena parte) da cultura ameríndia.

Tenho refletido sobre minha memória sobre os povos indígenas, estas reflexões me têm feito dar voltas entre o que pensava saber, entre o que sei e entre o que ainda vou saber. Para Maturana (2001, 264) nossas visões de mundo e de nós mesmos não guardam registros de suas origens e é só quando alguma interação nos tira do óbvio, quando somos bruscamente transportados a um meio cultural diferente, nos permitimos refletir. Percebo que isso fazia parte da minha visão de mundo em relação aos povos indígenas e me impedia a reflexão.

Bergamaschi (2005) nos fala sobre um desconhecimento, uma desconsideração dos povos indígenas no Brasil, o que desse ponto de vista explica em partes meus conhecimentos escolares sobre a cultura indígena e as práticas pedagógicas escolares e de certa maneira alivia a angústia de ser cúmplice de práticas que carregam um desabor<sup>15</sup> tanto no estar aluna como no estar professora.

A in-memória<sup>16</sup> foi importante neste processo do conhecer. Não lembrar e não saber foi melhor do que pensar que se sabia, do que não se ter dúvidas. Essa falta de memória me possibilitou o encontro com o "saber", com um saber que é de hoje, sentido e vivido no cotidiano. A In-memória me possibilitou criar, refletir e descrever não só sobre minha história de aprendizagens, mas também sobre as muitas histórias que escutei durante a pesquisa.

---

<sup>15</sup> Penso desabor como algo que não é sentido, vivido.

<sup>16</sup> O termo in- memória é apresentada no texto como algo que não existe na memória, um eco vazio no pensamento, que não guarda lembranças.

23

Sinais de Fumaça



Intenção

## 2. CENÁRIO TEKÓÁ YRYAPU: O SOM DAS ÁGUAS...

*"Ligação com a Terra.  
Lugar que ressoa ao coração.  
Praia arenosa, alto da montanha.  
Verde floresta coberta de árvores.  
Deserto profundo, verdes prados,  
Logo te encontrarei.  
Farás meu coração cantar:  
Cachoeira, cascata, rio ou mar".  
(JAMIE SAMS, 1993, 156)*

Falar da paisagem e da maneira como é organizada a Tekoá Yryapu é importante para contar sobre minhas andanças. A Tekoá Yryapu recebeu esse nome, por estar próxima da lagoa e do mar. O nome da Aldeia tem o significado do som das águas, o que faz parte na vida daquela comunidade.



Foto 01: Entrada para o acesso a estrada até a Tekoá Yryapu

Na Tekoá mora a família de Seu Augusto e da sua esposa Dona Marcelina, seus oito filhos, genros, noras, netos num total de 17 pessoas. A boa acolhida de Seu Augusto que é o cacique<sup>17</sup> da Tekoá fez com que me sentisse "bem recebidd",

<sup>17</sup>Cacique é o nome atribuído aos líderes das aldeias indígenas. Eles propriamente não costumam nominarem-se como caciques e, sim, como Karáí, que representa o líder político e espiritual de cada Tekoá.

e também "*autorizadd*" a contar sobre eles, "desenhar o cenário da Tekoá" e escrever sobre nossos encontros e minhas percepções.

Com Cuidado e Ética, pedi consentimento por escrito para poder apresentar a Tekoá e cada pessoa, usando seus nomes verdadeiros, bem como escrever sobre nossa convivência, seus relatos e as fotografias. Inclusive ficaram felizes em saber que mostraria a Tekoá em minha pesquisa. O termo de consentimento foi assinado pelo Cacique da Tekoá, seu Augusto, mas a decisão de assinar foi coletiva.



Foto 02- Tekoá Yryapu: Lagoa da Lavagem

Os Mbyá Guarani vivem em terra indígena, na Tekoá Yryapu (Terra indígena Capivari) localizada no distrito de Granja Getúlio Vargas, município de Palmares do Sul no estado do Rio Grande do Sul, na planície litorânea, situada entre a Lagoa da Lavagem e Lavouras de Pinus e Eucaliptos. Atualmente a área reconhecida oficialmente compreende 43 hectares de terra. Apesar de o seu solo ser inadequado, conseguem produzir alguns alimentos como milho (*avatíeteí*), mandioca (*madió*), abóboras (*andai*), amendoim (*manduvi*), melancia (*xanjau*),

feijões (*comandá*) e outros. Também criam galinhas, patos, angolistas e se dedicam à produção de mel de abelhas.

O "ar" transmite uma sensação de harmonia. Depois de andar sobre a areia alguns quilômetros entre pinus, eucaliptos e outras vegetações chega-se à comunidade Mbyá Guarani, Tekoá Yryapu. Os "cheiros" ganham um significado importante, o cheiro das árvores, da terra, da água, da fumaça aproxima a natureza, é como se estivesse em profunda sintonia com outro mundo, diferente daquele que habito.



Foto 03: Trilha para chegar à Tekoá Yryapu.

Na entrada foi construído um Posto de Saúde, única construção de alvenaria e é como se o prédio tivesse fora de órbita, fora do contexto. Logo após, quatro casas de madeira, um salão de festas e reuniões, um galpão mais ao lado próximo das plantações. Aproximando-se da Lagoa tem duas casas tradicionais de barro que ficam os mais velhos e a *Opy* que é a casa de reza, lugar sagrado para todos Mbyá Guarani. Também tem uma casa de barro, que tem a forma de uma tartaruga, que depois de pronta seria o Centro Cultural, espaço que iria servir para mostrar um pouco da cultura indígena Mbyá Guarani, mas que atualmente está danificada devido os vendavais que aconteceram na região.



Foto 04: Casa tradicional de barro.

O Fogo no chão, o calor que aquece nos dias frios e que aquece a água do *Kaay* que tomamos em todos os encontros, simboliza nossa aproximação, o fogo, a fumaça me aproxima das pessoas, principalmente das mulheres da Aldeia e é algo que me faz bem. Gosto do cheiro da fumaça, do quentinho do fogo, do lugar que envolve um fogo de chão, esse sentimento me faz estar-junto, contemplar, viver aquele momento sem pressa. No encontro com o Fogo de chão na Aldeia, estranhei a mobilidade com que o fogo é feito. Confesso que, em nenhuma de minhas visitas, encontrei o fogo no mesmo lugar. É como se o movimento da natureza, estivesse em harmonia com o fogo de chão, uma arte que faz parte da paisagem daquela Tekoá.



Foto 05: Fogo no chão

Dentro do Galpão de festa e reuniões, feito de madeira tem um fogão à lenha, construído com tijolos, o fogão é mais baixo que o fogão a lenha popular da cultura ocidental, mas não sei se é utilizado, nunca presenciei sua utilização, inclusive uma das vezes que estive lá o fogo foi feito no chão dentro do Galpão ao lado do fogão de tijolos. Estranhamentos que foram me fazendo compreender a cosmologia daquela comunidade e ao mesmo tempo me fazendo abrir mão de muitos pensamentos que, talvez, me queimavam e não me aqueciam no cotidiano. *"El cuidado del otro toma en consideración las condiciones de la existencia de la humanidad, cosas prácticas, limitadas, que no requieren esfuerzos considerables o heróicos, sino que están al alcance de todos".(MELIÁ Y TEMPLE, 2004, 84)*

No andar pela Tekoá fui compreendendo que para os Mbyá Guarani a Terra é a própria existência. É como se renascesse e a convivência com os Guarani fosse me fazendo perceber coisas que até já havia pensando, mas que não havia "*sentido*", encantamentos que vão sendo traduzidos em emoções e novas ações. A terra para os Mbyá Guarani abrange uma dimensão espiritual, que transcende a necessidade de subsistência, pois para os Mbyá Guarani, a terra é sagrada. Com certeza esse pensamento na lógica do mundo que habito é difícil de ser compreendida, pois não estamos acostumados a pensar na relação que as coisas têm umas com as outras. Atribuímos às coisas, isto ou aquilo, partindo do nosso umbigo, de nosso ponto de vista. Na convivência com os Guarani, fui me dando conta que eles, andam pela vida, na busca do que talvez seja o que chamamos de "Paraíso" (futuro), seja para eles a "Terra sem males" (presente).

*Para los mbyá contemporâneos la tierra sin males es un lugar guardado y protegido, una tierra buena y fértil, un lugar donde existen las plantas y los animales que formam el mundo original de los guarani, donde las propias personas experimentan las condiciones favorables a suplenitud. (CHAMORRO, 2004, 180)*

O cuidado que a comunidade tem com o lugar onde habitam, tem uma forte ligação com a espiritualidade, a Opy representa a proteção, lugar onde os *jurua's* não podem entrar, pois é um espaço religioso. Quando estive lá pela primeira vez, tive curiosidade de entrar e saber o que tem lá dentro, ou até mesmo participar de uma cerimônia. Com todo cuidado falaram que não poderia entrar nem participar e que só poderia entrar na casa de reza os Guarani. São os pontos que nos distanciam e nos aproximam, neste conviver na alteridade. Busquei compreendê-los. *"La reciprocidad implica la preocupación por el otro y esto en vistas a establecer valores humanos tales como la paz, la confianza, la amistad, la comprensión mutua"*. (MELIÁ Y TEMPLE, 2004; p 86)



Foto 06: Opy da Tekoá Yryapu

Surpresas foram constantes e caminham comigo nas andanças pela Aldeia, ora em meio às plantações que fui encontrando entre a vegetação, como a mandioca, o amendoim, o milho, a abóbora, a moranga, a melancia, ora pela quantidade de cachorros pequenos, ora pela paisagem da lagoa, barco e redes de pesca, ora pela organização da Tekoá que mostra o quanto existe um sistema de trabalho coletivo.



Foto 07: Plantação de Mandioca e Melancia

Além das plantações, também se dedicam a apicultura e algum tempo atrás comentaram que tinham armazenado uns trinta e cinco quilos de mel. Fiquei bem surpresa, pois esta organização entra em conflito com falas tradicionais e preconceituosas sobre os indígenas, inclusive ouvi várias vezes antes e durante a pesquisa pessoas dizendo que os índios são vagabundos, não gostam de trabalhar, que só querem ganhar dos brancos, mas não querem fazer nada, que esperam tudo do governo. Não sei de que lugares vêm estas falas, mas na Tekoá que tenho convivido, não vejo os indígenas dessa maneira, pelo contrário a comunidade tem uma estrutura social organizada que dá certo, que contempla todas as pessoas da Aldeia, num espírito de coletividade. .

O colorido das cestas edos colares, a beleza e criatividade do artesanato indígena, foram incorporados nas "belas coisas que admiro". É encantador ver a facilidade como uma cesta é tramada, ou um bichinho de madeira é feito. O dom e criatividade de cada um se manifesta na confecção do artesanato. Durante a pesquisa foi possível perceber que o artesanato Guarani é um elo de aproximação e desperta nas pessoas certo encantamento e é essa admiração pela arte Guarani que faz com que seja atribuído ao indígena Guarani a identificação como *pessoas que fazem belos trabalhos artísticos*.



Foto 08: Artesanato produzido pelas pessoas da Tekoá Yryapu.

O artesanato Guarani traz uma relação forte com a tradição histórica-cultural. Percebemos a sensibilidade de cada objeto produzido pelas mãos dos indígenas Guarani. Objetos que não são só um artesanato, mas também trazem em si a história de seus antepassados. Refleti muito sobre o quanto foi "*guardado*" essas habilidades durante milênios e se repetem a cada nova geração. Não apagaram tudo. Compartilho com Duarte (2000, 184) sobre a valorização emprestada pelo ensaísta ao saber local, à tradição histórico-cultural presente na atividade artesanal, a qual fornece ainda a oportunidade e a estimulação necessária à educação do sensível nos membros da comunidade com ela envolvida.

Mesmo que na atualidade as maiorias das Aldeias Indígenas Guarani estejam seduzidas pela tecnologia contemporânea, nada disso interferiu no modo de ser guarani e no artesanato que é fonte essencial para a subsistência da comunidade, sobre isso Garlet (1997, 111) ajuda a pensar sobre a importância do artesanato para os Guarani.

A importância preponderante que a produção e comercialização de artesanato assumiu na subsistência de muitas famílias [...] motiva e dá suporte a mobilidade dos Mbyá no RS [...] gerando os recursos para a aquisição de gêneros alimentícios e bens imprescindíveis.

Ao mesmo tempo em que precisam produzir e comercializar o artesanato, estão "guardando" um dos patrimônios de sua cultura, essa representação sensível na elaboração de cada bichinho, cesto, colares perpetuando assim esta cultura milenar. Respeitam a natureza celebrando as matérias-primas como presentes, dessa maneira suas artes são cheias de vida e história. Sinto que para eles é importante a venda do artesanato, mais do que as doações de roupas e alimentos, é como se sua cultura estivesse sendo valorizada e reconhecida por outros povos.

## 2.1. PROTAGONISTAS DE UMA BELA CONVIVÊNCIA: PESSOAS QUE VIVEM NA TEKÓÁ YRYAPU

*"Cada indivíduo é uno, singular, irreduzível.  
Contudo é, ao mesmo tempo, duplo, plural,  
Incontável e diverso".*

(MORIN, 2005, 82)

Com alegria, apresento neste espaço, as pessoas que fazem parte da pesquisa. Pessoas de Etnia Mbyá Guarani. O modo de vida Guarani e das pessoas da Tekoá pesquisada se traduz na singularidade de cada um, na vida coletiva, na simplicidade do viver e na espiritualidade. No conviver com as pessoas da aldeia, diversas foram as formas de Linguagem que constituímos e que me possibilitou contar sobre eles: pelas conversas, pelo olhar, pela emoção, pela expressão do rosto, pela lágrima, pelo sorriso, pelo aperto de mão, pelo silêncio, pela fala...

No que pude perceber a família constitui um cenário repleto de beleza, o respeito entre eles, o bem viver junto, a cumplicidade de ser e estar na família, à inteireza do Ser Guarani, o dividir o alimento, as doações, os compromissos... Claro que como qualquer família, também existe momentos em que os pontos de vistas diferentes causam certo mal estar no conviver. Algumas vezes senti o clima um pouco diferente. Nunca entendi bem os motivos (também não procurei entender), mas era possível perceber que mesmo tranquilos e donos de uma serenidade também divergem entre si, também ficam com a expressão de bravos, mas creio que ao invés de brigar se retiram, se afastam em silêncio. Coisas de famílias, semelhantes a nossa cultura.

A organização familiar nos remete a uma vida tranquila. Pude perceber que na Tekoá Yryapu cada um desempenha uma atividade. As mulheres ficam com os afazeres da vida cotidiana: cozinhar, lavar roupas, cuidar das crianças, vender o artesanato na cidade, pedir doações na cidade, fazer compras no mercado da cidade, cuidar da saúde da família, ensinar as meninas a fazer o artesanato. Os homens mais velhos são responsáveis pelas questões sociais e políticas da Tekoá, os mais novos ajudam nas plantações, na pesca, na caça, coletam o material para a produção do artesanato e também fazem o artesanato, participam de atividades sociais quando convidados, também fazem compras no mercado da cidade. Os mais velhos ensinam aos meninos sobre a vida na Tekoá. Tanto os homens quanto as mulheres são responsáveis pela Educação das crianças, os mais velhos ensinam os mais novos. Sobre o método de ensino disseram que os mais novos aprendem observando os mais velhos.

Na Tekoá cada um tem seu espaço, a família é organizada de maneira que o filho mais velho e as filhas com filhos moram em casas separadas, mas a casa separada não quer dizer que vivam separados, na verdade utilizam suas casas separadas para dormirem e para os momentos em que querem estar sozinhos,

pois durante o dia realizam coletivamente as atividades do cotidiano. A vida diária é coletiva, mas cada um tem sua individualidade respeitada, o que do meu ponto de vista é a base para a harmonia sentida naquela comunidade. A vida familiar é alegre. Qualquer pequena ação do outro é compartilhada, seja com seriedade ou com muitos risos. Existe uma leveza naquela comunidade que não sei explicar com conceitos ou palavras. É como se fosse uma vida leve, mesmo com dificuldades de subsistência a família mostra um bem viver, um estar-junto contemplativo, que é oposto a uma ideologia individualista própria da modernidade, um estar-junto que é encharcado de significações vividas. Vivem numa outra lógica, um tipo de lógica pensada por Maffesoli (1996,52) centrada no cotidiano, no doméstico.

Todas as vezes que conversei por telefone ou pessoalmente com o pessoal da Tekoá a respeito de como estavam, sempre a resposta foi: Estamos todos bem! Muito bem! Tranquilos! Confesso que algumas vezes estranhei as respostas, pois na lógica que convivo, nem sempre estamos bem, inclusive é comum queixas e lamentações sobre a vida, mas na lógica da Comunidade Mbyá Guarani a vida é o que é no presente, e é boa apesar de todos os problemas que possam estar vivenciando. A vida na Tekoá é vivida em um tempo diferente do nosso que é cronológico, mesmo tendo relógio, lá o tempo é contemplado sem pressa, o tempo é o da natureza que conduz a hora de dormir, de acordar, de fazer o fogo, o banho, o trabalho... O tempo cronológico só é usado para a vida social, como pegar o ônibus para ir à cidade, compromissos... Várias vezes que estive lá perdi a hora cronológica de voltar para casa, pois o estar com aquelas pessoas suscitavam uma sinergia entre meu jeito de estar no mundo com o jeito de estar no mundo dos indígenas Mbyá Guarani. Maffesoli (1996, 107) me ajuda a pensar que talvez esses momentos na Tekoá Yryapu contornem a experiência banal que do meu

ponto de vista é base da socialidade constituída naquele espaço pela visibilidade do sensível.

Pode-se bem compreender isso, partir de algumas banalidades de base: assim o que R. Hoggart chama de "prazeres do dia-a-dia". No seu estudo sobre as classes populares, ele mostra a importância do gosto de viver, da "boa vida", da preocupação apenas com o presente. É certamente possível extrapolar essa análise, e mostrar que o epicurismo da vida cotidiana é uma ideologia, e uma maneira de ser, amplamente difundida. Presenteísmo de múltiplas faces que não contestam as grandes representações projetivas, sejam elas religiosas, políticas ou econômicas, mas que se situa deliberadamente à margem delas, contentando-se em aproveitar o tempo que passa.

Seu Augusto Duarte é o cacique da Tekóa Yryapu, considerado o Karaí (Líder político e espiritual). De poucas palavras, mas de um olhar forte e sensível. Fala o que é necessário e ouve muito. Nasceu no Paraguai, depois foi para as Misiones Argentinas e veio para o Brasil quando seus pais faleceram. Uma pessoa com enorme sabedoria é quem ensina a cultura milenar da Nação Guarani a sua família, tem 56 anos. É casado com Dona Marcelina Benites, que tem 60 anos. De olhar forte e ao mesmo tempo sensível ela encanta com o seu belo sorriso e sua simplicidade. É ela quem vai com as crianças até a cidade para vender o artesanato, pedir doações e ir ao mercado, é quem teve mais contato comigo durante esse tempo de pesquisa. Mesmo que com um pouco de dificuldade na comunicação devido a nossas línguas serem diferentes foi possível que nossa comunicação fosse entendível, aprendemos a nos comunicar. Uma mulher de coragem e muito vaidosa que encena a figura de uma pessoa responsável e preocupada com sua família. Eles têm oito filhos, três ainda moram juntos: Sérgio Duarte, 17 anos; Francisco Duarte, 15 anos; Marcelo Duarte, 13 anos. Seu Augusto junto com Dona Marcelina representam o equilíbrio da família, a vida daquela comunidade.



Foto 09: Seu Augusto Cacique da Aldeia Yryapu

O Sérgio Duarte foi quem levou mais tempo para se aproximar de mim, com um jeito alegre, mas ao mesmo tempo tímido, foi lentamente se aproximando. Pouco escutei e escuto sua fala, é mais reservado. Nunca estudou em escola, entende um pouco da Língua Portuguesa. Seu físico difere um pouco de seus irmãos, pois é mais alto e magro. Inclusive esse fato chamou atenção das pessoas nas escolas. Esse ano de 2010 foi o primeiro ano em que o Sérgio esteve nas escolas e na minha casa. Seu sorriso é a imagem que guardo.

O Francisco Duarte participa ativamente da pesquisa desde o início, sempre próximo acompanhou todas as visitas nas escolas, as idas até Porto Alegre na Lomba do Pinheiro em visita aos parentes, e sempre está próximo de nossas conversas. Na venda do artesanato se destaca pela facilidade de entender e se comunicar com as pessoas. Nunca foi a escola. Mesmo não dominando a língua portuguesa têm facilidade em se comunicar. Gosta muito de jogar futebol, fato que fez com que jogasse com se aproximando dos alunos da escola. Seu olhar é a imagem que guardo.

O Marcelo Duarte assim como o Francisco sempre esteve próximo da pesquisa. Seu olhar lembra muito o olhar do Seu Augusto. Sua tranquilidade mostra um pouco da harmonia da família. Sempre junto do Francisco, ou o Francisco junto dele. É difícil encontrar o Francisco sem o Marcelo, ou o Marcelo sem o Francisco. Também gosta muito de futebol e participou dos jogos na escola. A seriedade do seu estar-junto é a imagem que guardo.



Foto 10: Francisco e Marcelo na Tekoá Yryapu.

O Eduardo Duarte tem 29 anos é o filho mais velho e representante da Tekoá. Foi casado duas vezes. Separou-se da segunda esposa em 2006. Tem três filhos que moram com a mãe na Tekoá da Lomba do Pinheiro em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, mas que sempre o visitam por alguns meses. Ele foi fundamental durante toda a pesquisa, pois como representante da Família me contou sobre a vida da comunidade, bem como sobre a cultura Mbyá Guarani. As rodas de conversas acompanhadas do *Kaay* marcaram nossa relação que do meu ponto de vista transcendeu a relação de pesquisadora e pesquisado, pois da pesquisa germinou uma bela amizade que envolve outras coisas que não se fecham e acabam na pesquisa. Seu cuidado com a palavra e sua calma ao conversar encena

a seriedade com que conduz a vida e seu sorriso encena a leveza com que a vida se mostra. Seu jeito simples e divertido é a imagem que guardo.



Foto 11: Eduardo filho do seu Augusto e representante da Tekoá

A Maria Duarte tem 33 anos, é a filha mais velha e a que mais fala a Língua Portuguesa. É Agente de Saúde da Tekoá. Vive com sua filha Patrícia Benites de 10 anos. Maria é quem resolve os problemas com relação ao poder público. Sempre atenta aos problemas é quem acompanha até a cidade quem está doente, ou quem tem alguma coisa para resolver. De jeito desconfiado, presta atenção em tudo. É muito bem resolvida. Sua aproximação foi devagar, mas assim que percebeu que eu era de confiança nos tornamos boas amigas. Por falar melhor a Língua Portuguesa é quem mais me ajudou na tradução das conversas com as mulheres da Tekoá. A Patrícia é a menina que mais teve contato comigo durante a pesquisa, aprendemos a nos comunicar pelo sorriso, olhar e o abraço carinhoso. Nunca foi a escola e um dia perguntei se ela gostaria de estudar numa escola como as crianças da nossa escola e a resposta foi: "Não tenho vontade não, não!" (LANG, Diário de Campo, 19 de maio de 2009). A Maria é quem ensina ela a escrever e ler, já sabe ler algumas coisas e escrever também (tanto na língua guarani, como na língua portuguesa). A amizade generosa das duas é o que guardo.



Foto 12: Patrícia e eu em um dia que a Escola de Educação Infantil estava visitando a Tekoá Yryapu.

O Ipólito Benites tem 27 anos, é quem representa os indígenas na cidade, quando são convidados para alguma atividade. Genro do casal, esposo de Andréia Duarte que tem 20 anos. Em fevereiro de 2010 nasceu o primeiro filho do casal: Michel Duarte Benites. Ipólito acompanhou toda a pesquisa, foi quem desde o início esteve presente nas escolas. Ele conta: "Vim para o Brasil com 18 anos, morava na Argentina, lá tinha uma escola, a professora era branca e falava a língua guarani e espanhol. Faz sete anos que moro aqui, meus pais estão na Argentina, estou sozinho aqui no Brasil" (LANG, Diário de Campo, 19 de maio de 2009). Andréia é bem tímida, fala muito pouco. Aproximamo-nos mais após o nascimento do filho do casal, o Michel foi nosso elo de comunicação. Foi muito legal acompanhar a gestação e o nascimento do Michel, parece que germinou uma intimidade maior com o pessoal da Aldeia. Inclusive aprendi que quem ganha nenê não pode tomar café, nem leite com açúcar, nem açúcar, só o leite puro. Também aprendi que as crianças são amamentadas até os quatro anos de idade, só quando as crianças querem param de mamar no peito, e devido à amamentação é que são raríssimos os casos de câncer de mama nas mulheres indígenas guarani. O jeito de estar-junto de Ipólito, Andréia e Michel é a imagem que guardo.



Foto 13: Ipólito e Andréia



Foto 14: Michel e eu na Tekoá Yryapu.

A Mônica Duarte tem 26 anos, filha do casal. Mora com sua filha Joana Timoteo de 9 anos e seu filho José Armando Timoteo, 3 anos. Mônica acompanhou quase todas as rodas de conversa, servindo o *Kaay* e ouvindo nossas conversas. De poucas palavras, sempre esteve presente com seu olhar sensível que muitas vezes dizia mais que palavras. Mãe da Joana fiel companheira da Patrícia, menina de olhar forte e sério, mas ao mesmo tempo de um sorriso lindo e misterioso. Também mãe do José Armando que emana alegria e energia. O silêncio das duas é o que guardo. E do José Armando guardo a criatividade por transformar qualquer objeto em um brinquedo.



Foto 15: A Mônica e o Ipólito junto com as crianças da Tekoá e da Escola de Educação Infantil recebendo doações.

A Claudia Duarte tem 23 anos, filha do casal. Mora com seus filhos Gerson Lopes, de 8 anos e Luiz Armando Brizuela, 3 anos. Os meninos são silenciosos, se aproximam e se afastam. O jeito de estar livre e próximo da mãe me encanta. Acompanhei o crescimento das crianças, de um ano para o outro cresceram bastante. Ainda lembro-me do Gerson pequenininho dançando para a Escola de Educação Infantil Pintando "7" a segunda vez que fomos à Tekoá. Os meninos acompanham sempre a Dona Marcelina na cidade e o Gerson acompanha as atividades nas escolas. Claudia não entende muito a Língua portuguesa, mas sinto que consegue entender quando conversamos.



Foto 16: Maria ( de pé), Sérgio, Dona Marcelina, Andréia

A Língua Guarani é falada por todos da Tekoá, entre eles não é falada outra língua. Os Homens mais velhos da Aldeia falam também em Português e Espanhol. As mulheres falam quase que exclusivamente a Língua Guarani, mas entendem algumas palavras em Língua Portuguesa com exceção da Maria que: entende e fala bem a Língua Portuguesa. As crianças só falam em Guarani, porém, as meninas Patrícia e Joana entendem algumas palavras em Português. Nossa comunicação é tranquila, nos fazemos compreender numa relação de proximidades de Línguas e constantes aprendizagens.

Maturana (1998, 24) nos ajuda a pensar sobre o fenômeno social da linguagem que se funda na aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito. Creio que a história de interações que constituímos no estar-junto da pesquisa vem possibilitando relações humanas fundamentadas na emoção, que envolvem a companhia das pessoas apresentadas, do outro.



Foto 17: Lugares inspiradores, cenários vivos.

As pessoas descritas além de amigas são participantes ativos, interlocutores de muitos conhecimentos e reflexões apresentadas no estudo, pois como coloca Maturana (1998, 38) se não estamos na linguagem não há reflexão, não há discurso, não dizemos nada. Esse encontro na Linguagem é fonte de inspiração de todos os cenários que apresento e que não se fazem só com as pessoas, mas também com os lugares, com a Tekoá Yryapu.



Foto 18: Família se organizando para apresentação de canto e dança Guarani para a Escola de Educação Infantil Pintando "7" que visita a Tekoá Yryapu.

Das pessoas indígenas Mbyá Guarani escolhi apenas um, pois a questão da Língua Guarani poderia prejudicar um pouco o entendimento da conversa que seria gravada. E também o Kuaraiy (o Eduardo escolheu seu nome na Língua Guarani para ser chamado durante a entrevista, mas gostaria que se deixasse claro que o Kuaraiy é o Eduardo na Língua Portuguesa) é quem esteve presente com a sabedoria da palavra durante toda a pesquisa. Esteve presente na organização da Semana da Cultura Indígena deste ano nas Escolas. Acompanha a pesquisa desde 2008. A Entrevista foi realizada dia 02 de junho na Tekoá Yryapu.

## 2.2. CENÁRIOS MOVEDIÇOS: ORA NUMA ESCOLA, ORA NA OUTRA.

*"As fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam".*

(BARTH, 2000, p.26)

Nesse espaço conto sobre as Escolas que encarnaram<sup>18</sup> na pesquisa, fazendo parte dos muitos cenários e encenações que tivemos ao longo de todo o estudo. As escolas encharcaram a pesquisa de sentido ao se encontrarem com a Comunidade Mbyá Guarani fazendo germinar cenários que se deixaram olhar, oriundos do cerne de minhas relações e emoções. São duas as escolas que adentraram nos cenários da pesquisa:

1-A Escola Municipal de Educação Infantil Pintando "7" se localiza no Município de Palmares do Sul, no Centro da cidade. A escola não dispõe de prédio próprio, sendo assim a escola é adaptada em casas alugadas. Quando iniciamos as

---

<sup>18</sup> Utilizo o verbo encarnar para me referir a algo orgânico, algo que se incorpora em algum acontecimento ou coisa, *estando junto*. Não sendo mais aspectos isolados, separados.

visitas na Tekoá Yryapu à escola localizava-se em outra casa, outro endereço. Atualmente tem aproximadamente 75 alunos de diversos níveis econômicos. O corpo docente é composto por seis professores com nível superior e curso específico para a área de Educação Infantil e uma professora com o curso de Magistério, num total de sete professoras. Dispõe de uma diretora escolar, uma auxiliar de educação, dois estagiários na função de auxiliares da educação, uma servente e uma merendeira. A Escola é Coordenada pela Secretaria de Educação Municipal. É uma escola pequena, que não dispõe de um bom espaço físico, mas que se organiza conforme a infra-estrutura disponível. A escola trabalha com a metodologia de Projetos de Pesquisa, tem reuniões de estudos mensais e é oferecido pela SMEC seminários de formação continuada.



Foto 19: Escola Municipal de Educação Infantil Pintando "7"

Cabe salientar que a questão indígena nunca foi tema para diálogo na formação dos professores organizado pela Coordenação Pedagógica do Município.

O Encontro com o conhecimento da cultura indígena Mbyá Guarani foi iniciado pelas idas à aldeia e principalmente pela participação da escola na pesquisa desde 2008. O primeiro contado da escola com o estudo da temática indígena iniciou-se em 2009.

Por ser uma Escola Municipal o grupo escolar varia muito, de um ano para o outro se troca os contratados, entra novos professores e saem outros. Dessa maneira precisei optar por apenas uma professora (Beija-Flor) da Escola de Educação Infantil que acompanhou toda nossa caminhada do Encontro com a Comunidade da Tekoá Yryapu, pois as outras que são efetivas na escola, uma é amiga muito próxima e outra minha comadre (ambas encharcadas de minhas vivências com os Mbyá Guarani) e a outra não estava certa de permanecer no grupo escolar. Os alunos não realizaram a entrevista, optei pelos alunos maiores da outra escola. Escolhi duas mães da escola: uma que é mãe na Escola e professora na Escola Estadual Manoel Luiz (Sol) e uma mãe de ex aluno e ex-professora da Escola (Raiz). Trabalho 20 horas semanais como professora nesta escola desde 2003, de 2005 até 2009 estive na direção escolar, neste ano de 2010 retornei para a docência.

A Escola de Educação Infantil Pintando "7" vivenciou a mudança quanto à maneira de tornar visível o indígena da Festa do Dia Nacional do Índio por o projeto da Semana da Cultura Indígena fenômeno que possibilitou que encontros constituíssem aproximações com a Cultura Mbyá Guarani, mostrando cenas encharcadas de vida, de emoções e razões. Sentido como uma grande descoberta para as práticas pedagógicas, se permitir olhar diferente foi algo que movimentou vidas, abalou certezas e colocou o pensamento a andar.



Foto 20: Festa do Índio em 2004 na Escola de Educação Infantil Pintando "7".

2-A Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz se localiza no Município de Palmares do Sul, no Centro da Cidade. Atualmente tem aproximadamente 200 alunos do Ensino Fundamental (do 1º ano, até a 4ª série). O corpo docente é formado por nove professoras com nível superior e uma professora com o curso de Magistério, uma diretora escolar, uma vice-diretora escolar, uma supervisora escolar, uma secretaria, duas serventes e uma merendeira. A Escola é coordenada pela 11ª Coordenadoria Estadual de Educação localizada no Município de Osório. É uma escola pequena, mas dispõe de uma boa infraestrutura. A escola não dispõe de nenhuma metodologia de trabalho específica, cada professora tem a liberdade de planejar conforme suas convicções pedagógicas. A Coordenadoria de Educação não promove formação continuada de professores, a escola participa anualmente do Fórum Internacional de Educação que acontece no Município de Osório com a participação da Coordenadoria Estadual de Educação. A Escola realiza mensalmente reuniões pedagógicas para tratar diversos assuntos.



Foto 21: Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz

A Escola Estadual de Ensino Fundamental é uma escola considerada tradicional na cidade, existe aproximadamente cinquenta anos. É uma escola que guarda a memória de muitas pessoas moradoras da cidade. A maioria das professoras (nunca trabalhou nenhum professor homem) que por ela passam, ficam e esperam a aposentadoria. O espaço físico da escola é considerado bom, as salas de aulas são grandes e amplas, o refeitório é grande, atualmente têm uma sala de informática, têm uma biblioteca (sem bibliotecária), têm uma boa pracinha e um bom pátio. Trabalho na escola aproximadamente há dez anos, sendo que de 2005 até 2009, estive permutada para o município, retornei para a escola neste ano de 2010, onde sou professora de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Neste ano de 2010 a escola teve um acontecimento inédito: O Encontro com a Comunidade Mbyá Guarani, através da I Semana da Cultura Indígena.



Foto 22: Conversa com os indígenas Mbyá Guarani na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz.

Quando a pesquisa iniciou a Escola não estava presente, não fazia parte da intenção do estudo que contava sobre o Encontro dos Mbyá Guarani com a Escola de Educação Infantil Pintando "7", mas no imprevisto acabou montando um dos Cenários principais do estudo. Ganhou uma forma que contemplou as muitas possibilidades de se pensar e conviver com os indígenas Mbyá Guarani. A disposição da escola em Encontrar-se com outra cultura, me entusiasmou frente ao que estava organizando enquanto pensamento e desta maneira a escola adentrou com uma potência vital no corpo da pesquisa. Tanto que a maior parte dos entrevistados está vinculada a Escola Estadual. Escolhi para fazer parte das entrevistas a Diretora Escolar (Violeta), a Vice - diretora e Supervisora Escolar (Orquídea), a Secretaria da Escola (Tivi), quatro professoras de Séries Iniciais (Terra, Onça Pintada, Borboleta, Sol). Sol ora se apresenta como mãe da Escola de Educação Infantil Pintando "7", ora como Professora da Escola apresentada. Três alunos das séries iniciais (Rosa, Pantera, Águia). Uma mãe (Raiz) que é mãe

de ex aluno e ex-professora da Escola de Educação Infantil Pintando "7" mãe de aluno da Escola Manoel Luiz. (Ora aqui, ora lá).

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz acolheu com muita sensibilidade o Projeto da I Semana da Cultura Indígena neste ano de 2010, o que possibilitou uma mudança importante na maneira de olhar o indígena. A Escola não tinha como costume dar ênfase à temática indígena, sempre ficou a critério de cada professora trabalhar ou não o Dia Nacional do Índio, ou questões específicas dos povos indígenas. O Encontro com a Comunidade Mbyá Guarani aconteceu dentro da escola, mas principalmente dentro de cada pessoa que permitiu o Encontro. Nem todos participantes viram a partir do mesmo ponto de vista, foi uma mistura de Encantamento, Estranhamento, Descobrimento, Respeito, Preconceito, Medo, Ousadia, Indiferença, Conhecimento, Alegria, Aproximação, Afastamento... Foram esses fenômenos vividos no presente que me fizeram estar contando sobre o cotidiano, sobre o que se mostrou.

"A sensação movediça fruto da imprevisibilidade das coisas me fizeram refletir sobre a chegada da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz na pesquisa. É como se o movimento estivesse sido planejado a priori, mas não foi. Aconteceu. A força do vivido que contornou essas manifestações se juntaram com as manifestações da Escola de Educação Infantil Pintando "7" dando forma aos cenários vividos". (LANG, Diário de Campo, 18 de junho de 2010)

As Escolas apresentadas e o encontro trazem em si inúmeros cenários que se montam e se desmontam a cada dia. Conseguir penetrar trazendo uma proposta de Encontro com uma Comunidade Desconhecida não é tarefa fácil, pois movimenta toda a estrutura estável e nos faz enfrentar o "estranho", impedindo que permaneça o estabelecido, fazendo gestar outras possibilidades. Maffesoli

(1998, 11) nos convida a pensar que “a descrição dos fenômenos sociais não há de ser unicamente um problema, mas sim uma plataforma a partir da qual vai elaborar-se um exercício do pensamento que responda, da melhor maneira, às audaciosas contradições de um mundo em gestação”.

Agregar os fenômenos das escolas nesse estudo me fez olhar e refletir sobre o “encontro” que foi fluindo<sup>19</sup>. Como nos fala Maturana (1997 172): “[...] ao movermo-nos na linguagem em interações com os outros, mudam nossas emoções segundo um emocionar que é função da história de interações que tenhamos vivido”. Ambas as escolas que apresento não tinham nenhum sentido determinado para o Encontro, mas o Encontro foi possibilitando que os Sentidos fossem nascendo no estar-junto, nas vivências.

### 2.3. PROTAGONISTAS DE UM BELO ENCONTRO: PESSOAS PARTE DAS CENAS.

*“Eu modifiquei muito minha maneira de pensar. Vou te dizer assim, depois do projeto na escola este ano. Eu tinha uma ideia muito antiga. Fiquei até com vergonha do meu pensamento, minha ideia era muito antiquada: O índio é vagabundo, sujo, é aquela pessoa que não muda de vida porque não quer, é aquela pessoa que poderia estar em melhores condições e até de repente por ser preguiçoso ele anda daquele jeito”.*

*(Sol, 26 de maio de 2010)*

Belo Encontro, a metáfora usada mostra o quanto um Encontro pode ser cheio de belezas, belezas diferentes. Não me refiro à beleza só estética, mas a beleza que está na vida comum de uma escola, que esconde desejos, que mostra

---

<sup>19</sup>Uso o termo fluindo para referir-me ao fluir que Maturana (1997) chama de conversação, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar.

na superficialidade das coisas o que realmente dá sentido para que as pessoas pulsem no seu cotidiano. Pessoas simples que se permitem serem observadas e também observar. No Cenário da Escola estão presentes todos: alunos, alunas, pais, professoras, merendeira, serventes, equipe diretiva, árvores, pássaros, cachorros que acompanham os alunos, o portão de entrada, as salas de aula, o refeitório, o pátio, móveis que enfeitam cada espaço. Tudo vai se fazendo um cenário. E foi dos muitos cenários que procurei perceber cenas ou encenações, descrever sobre algumas das vivências e principalmente refletir sobre coisas que olhava, pensava e contava nas escritas. Dar atenção ao que em sala de aula os alunos traziam sobre as questões indígenas, foi importantíssimo, pois nas conversas informais tecemos algumas reflexões essenciais quanto à importância do Encontro na vida daquelas pessoas. Confesso que não esperava tanto distanciamento com a temática indígena, ou melhor, tanta invisibilidade e também preconceitos a cerca dos povos indígenas.

A pesquisa é um pouco disso: de um encontro aconteceram fenômenos que movimentaram vidas e a pesquisa conta aquilo que realmente acontece nos cenários, cenas e bastidores da vida comum, sem tentar lançar fórmulas milagrosas que são capazes de fazer de um projeto a inovação de práticas pedagógicas, ou de um novo currículo que contemple a questão indígena. O desafio do estudo está em contar como um encontro pode penetrar nas práticas pedagógicas de uma escola e no íntimo de cada pessoa envolvida, a ponto de olhar diferente a partir de si mesma e assim repensar sobre o que se tinha enquanto possibilidade de trabalhar com a questão indígena na educação infantil e nas séries iniciais. Para essa compreensão contei com a colaboração de pessoas que foram entrevistadas, que aceitaram conversar sobre a temática indígena e principalmente sobre o Encontro. Nesse espaço apresento as pessoas envolvidas

nos cenários das duas Escolas participantes do estudo, arriscando falar um pouco do que senti na relação com cada pessoa entrevistada.

#### Escola Municipal de Educação Infantil

1-Beija-Flor tem 42 anos de idade, é professora de Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil pesquisada, é formada no curso de Magistério e Graduada em Pedagogia. Trabalha 40 horas na Escola de Educação Infantil. Tem 23 anos de docência, sendo que durante 7 anos esteve na Direção Escolar. Realizamos a entrevista dia 30 de junho de 2010 na sua casa. O olhar curioso de Beija-Flor encenou durante todo tempo o espanto diante de uma situação diferente, algumas vezes para ela inusitada. O estar-junto com ela e escutar que a experiência de conviver com os Amigos Guarani lhe fez ver diferentemente outras coisas da sua vida, mostra a dimensão do Encontro. Ela conta:

[...] pensando em um episódio que aconteceu comigo hoje sobre a questão da invisibilidade. Hoje estava saindo para vir trabalhar de manhã, quando me chamou a atenção um mendigo que saiu de dentro da parada de ônibus. Aí comecei a olhar com medo. [...] ele foi até o valo encheu uma latinha, e saiu tomando aquela água e eu fiquei olhando [...] vamos ajudar, ele não vai roubar [...] o mendigo estava indo, o Roni pegou a bicicleta, foi atrás e levou pão, água, uma comida [...] eu disse pra levar uma jaqueta. [...] Olha o que nós fizemos. (Beija-Flor, Professora de Educação Infantil, 30 de junho de 2010)

2-Sol tem 42 anos de idade, é mãe de um aluno da Escola de Educação Infantil Pintando "7" e professora das Séries Iniciais da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz, é formada no curso de Magistério e Graduada em Matemática. Trabalha 20 horas na Escola. Tem 23 anos de docência. A entrevista foi realizada no dia 26 de maio de 2010 na sua casa. Sol esteve ora conversando sobre as aprendizagens e experiências de seu filho, ora sobre sua experiência de Encontro como professora. A mudança na maneira de olhar foi o

que percebi na relação com Sol, aos poucos foi dando pistas que podia estar diferente na relação com os indígenas como conta:

Mudei muito. [...] foi uma coisa mais pessoal, minha, que passei para minha prática. Estou vivenciando isso desde o ano retrasado, que meu filho entrou na escolinha, vocês já faziam este trabalho lá, então acompanho muito vendo os trabalhos dele. Comecei a observar aquelas coisas que ele vinha me trazendo e este ano pra mim, foi a melhor parte porque tive contato. Fiquei envergonhada em certos momentos. Às vezes em roda de amigas conversando: Ah, o índio é fedorento. Entraram no ônibus fedendo, nossa! [...] Como se o índio fosse menos que eu. (Sol, Mãe da Escola de Educação Infantil e Professora da Escola Estadual, 26 de maio de 2010)

3-Raiz tem 37 anos de idade, é mãe de ex- aluno e ex- professora da Escola de Educação Infantil Pintando "7" e atual mãe de aluno da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz. Vem acompanhando o projeto desde que sua filha entrou na escolinha e em 2009 esteve também na condição professora contratada. É formada no curso de Magistério e Graduada em Pedagogia. A entrevista foi realizada no dia 10 de junho de 2010 na sua casa. Com uma enorme sensibilidade, mesmo que um pouco apreensiva com a condição de gravar nossa conversa foi possível perceber a beleza do olhar de Raiz aos nossos Amigos Guarani. Ela conta:

Foi muito bom ter participado e conhecer a Aldeia, foi muito bom. Eles trazem coisas que a gente nem imagina. As crianças trazem muitas coisas importantes e eles vão falando em casa o que acontece. Eu sei porque minha filha estudou três anos na Pintando "7" e ela visitou a Aldeia e todas as vezes ela sempre trazia coisas importantes. (Raiz, Mãe de ex- aluno e Ex- professora da Escola de Educação Infantil e atual Mãe da Escola Estadual, 10 de junho de 2010)

#### Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz

4-Terra tem 32 anos de idade, é professora das séries iniciais, trabalha quarenta horas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz, é formada no curso de Magistério e fez Graduação em Pedagogia. Trabalha como docente há 12 anos. Realizamos a entrevista no dia 26 de maio de 2010 na sua casa. Terra

abriu seu coração, no sentido de dar sentido para nossa conversa, como um momento de crescimento, de se dar conta do significado do seu jeito de ensinar.

Conta que cresceu muito depois do Encontro:

[...] eu ficava só no superficial. Só em cima. E enquanto pessoa também. Tu ficas olhando com estranhamentos. A minha visão era de estranhamento e depois foi o encantamento, acho pode-se dizer, os extremos. E até uma coisa interessante é permanecermos trazendo eles [...] tendo outras formas de ver, e de realizar o trabalho. (Terra, Professora das Séries Iniciais, 26 de maio de 2010)

5-Borboleta tem 31 anos de idade, é professora das Séries Iniciais, é formada no curso de Magistério e Graduada em Pedagogia. Trabalha 20 horas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz. Realizamos a entrevista no dia 21 de maio de 2010 na sua casa. Trabalha aproximadamente há 10 anos na escola pesquisada, tem 11 anos de docência, sendo que um ano trabalhou no Estado do Tocantins, na Lagoa da Confusão próxima de uma Aldeia Indígena, experiência que ajudou a reforçar o estereótipo do indígena isolado da cidade, exótico. Muitos dos estranhamentos tiveram relação com as interações na época em que morou em Tocantins. Olhar o índio diferente do ser índio que habitava em seu imaginário foi um processo de descoberta e de novas possibilidades. Ela conta que:

Em Tocantins, na Lagoa da Confusão, a 50 km da Ilha do Bananal que tem uma tribo [...] Todo mundo falava muito mal, diziam que não podia entrar na ilha. Só quem podia era as irmãs, elas iam lá e trabalhavam com eles, conversavam com eles, levavam medicamentos, tratavam as crianças e comentavam na cidade sobre muitas coisas que acontecia [...] eles eram totalmente isolados da gente [...] as pessoas que não eram convidadas eles prendiam lá, aprisionavam na ilha [...] na minha visão de índio daquela época, bom era um pessoal totalmente fora da nossa realidade, pois a única coisa que eu via eles fazerem na cidade era trazer o artesanato que não era eles que vendiam, era vendido numa casa da cidade, casa de artesanato. (Borboleta, Professora Séries Iniciais, 21 de maio de 2010)

6-Onça Pintada tem 44 anos de idade, é professora das séries iniciais na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz, é formada no curso de Magistério e Graduada em Letras. Trabalha 20 horas na Escola tem 24 anos de docência na escola pesquisada. A entrevista foi realizada no dia 27 de maio de 2010 na escola. A Onça Pintada na conversa traz elementos importantes sobre a nossa realidade na relação com os indígenas, me alegra a possibilidade de poder ver esse germinar de pensamentos diferentes. Conta que:

[...] eu comecei a ver que agora o índio ou de repente sempre foi assim e eu não sabia, que agora está fazendo parte da nossa realidade. A gente vê na rua, passamos por eles, estão no supermercado, fazem compras, usam roupas, conhecem dinheiro. Então, agora eu acho que o índio é de uma cultura diferente da gente, mas estão integrados com nossa cidade. (Onça Pintada, Professora Séries Iniciais, 27 de maio de 2010)

7-Tivi (Onça na Língua Guarani), tem 54 anos de idade, é secretaria da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz, é formada no ensino Médio e Graduada em Pedagogia. Trabalha na escola há 15 anos. Realizamos a entrevista na escola no dia 09 de junho de 2010. Tivi me impressionou pela maneira que vê o indígena. No seu imaginário o índio nunca deixará de ser um ser ingênuo e puro. De um jeito romântico apresenta seu jeito de ver o índio, o Encontro com os Mbyá Guarani não mudou seu pensamento a respeito de como vê o indígena. Ela conta que:

[...] eu fico com pena de ver às vezes, eles pedindo, porque não faz parte da cultura indígena estar pedindo, estar numa calçada. Tu chegas em Osório e vês eles pedindo. Tem alguns vendendo o artesanato, mas tu sabes que aquela venda não é uma venda de artesanato, mais é para pedir. Aquilo ali me entristece, eu não gosto de ver aquilo. (Tivi, Secretaria da Escola, 09 de junho de 2010)

8-Orquídea tem 53 anos de idade, é Supervisora Escolar e Vice-Diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz, é formada no curso de Magistério e Graduada em Letras. Trabalha como docente há 24 anos e meio, na

escola pesquisada trabalha aproximadamente há 10 anos como Supervisora-Escolar. A entrevista foi realizada no dia 14 de junho de 2010 na escola. Orquídea teve um papel fundamental no advento da I Semana da Cultura Indígena na Escola, teve um olhar cuidadoso ao Encontro, pesquisou materiais, acolheu com muita sensibilidade as atividades organizadas e principalmente empenhou-se com disposição para que tudo acontecesse com tranquilidade. Ficaram na memória o encantamento e a emoção do estar-junto com as pessoas da Etnia Mbyá Guarani. Sobre o Projeto na Escola conta que:

Me surpreendeu em primeiro lugar, e em segundo, como resultado, foi gratificante coordenar. Eu senti uma mudança, muita mudança na maneira de pensar, de agir e de ser de cada professor ao trabalhar com as crianças em sala de aula. E o que me impressionou mais foi que eles conseguiram trabalhar tanto com as crianças, mas tanto, que muitas das crianças ficavam, na minha observação, no meu olhar, dos encontros indígenas, paradinhas, observando encantadas com tudo que eles faziam e diziam. Eles aprenderam muito. Muito mesmo. (Orquídea, Supervisora Escolar e Vice-Diretora, 14 de junho de 2010)

9-Violeta tem 47 anos de idade, é Diretora Escolar há aproximadamente 15 anos, é formada no curso de Magistério e Graduada em Pedagogia. Trabalha 40 horas na Escola Estadual de Ensino Fundamental, tem 24 anos de docência. A Entrevista foi realizada dia 17 de junho de 2010 na escola. Violeta acolheu o Projeto na escola se colocando a disposição para ajudar no que fosse necessário. Participou das atividades e procurou entender algumas coisas da Cultura Mbyá Guarani. Sobre o Encontro conta que:

Achei muito bom e interessante para as crianças, pois vão se criando com um olhar diferente do que fomos criados. Porque quando estudávamos o índio, era o índio tradicional: o de peninha, peladinho, pintadinho... Não era o de hoje, então foi bem tranquilo na escola, as crianças adoraram o trabalho. Acho que é uma coisa que já está certa para o ano que vem. Os professores atenderam a solicitação. Foi muito importante mesmo. (Violeta, Diretora Escolar, 17 de junho de 2010)

Alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz

10-Pantera, tem 9 anos de idade, é aluno da 3ª série do Ensino Fundamental. Estuda na Escola pesquisada desde sua pré-escola. Realizamos a entrevista no dia 10 de junho de 2010 na casa de seus tios. A sensibilidade de Pantera ao contar sobre o Encontro foi algo que guardo.

Eles sentam vendendo bichinhos e as pessoas não dão a mínima para eles. Todas as pessoas tinham que ver as coisas. Mas eu tenho pena deles, porque eles deixam um monte de coisas bonitas e as pessoas nem olham, só ficam interessadas em aparelhos. ( Pantera, Aluno da 3ª Série do Ensino Fundamental, 10 de junho de 2010)

11-Águia, tem 9 anos, é aluno da 4ª série do Ensino Fundamental. Estuda na escola pesquisada desde sua pré-escola. Realizamos a entrevista no dia 07 de julho na minha casa. O olhar de espanto da Águia diante de uma descoberta é o que guardo em minha memória.

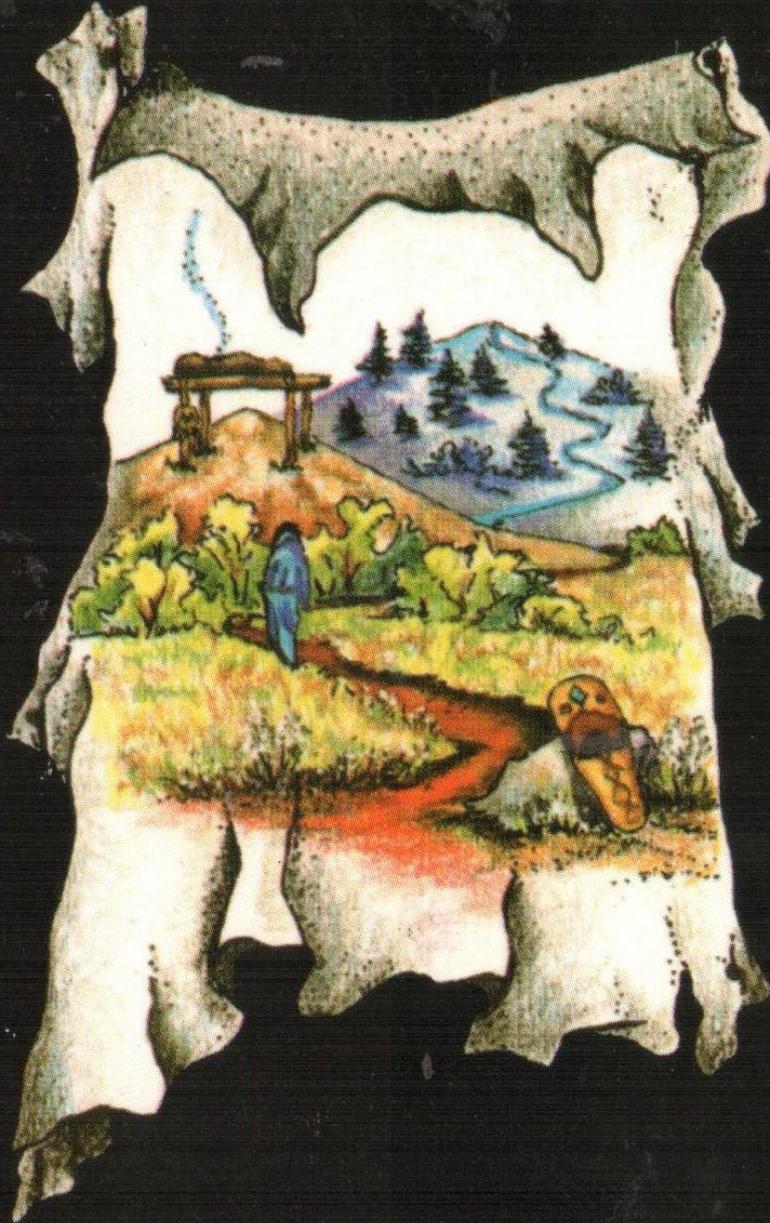
[...] eles não ficam só fantasiados de índio, assim com as tintas, ficam com roupas, não ficam só caçando, eles ficam plantando, fazendo artesanato e vendendo. (Aluno da 4ª série do Ensino Fundamental, 07 de julho de 2010)

12-Rosa, tem 9 anos de idade, é aluna da 3ª série do Ensino Fundamental. Estuda na escola pesquisada desde sua pré-escola. Realizamos a entrevista no dia 10 de junho juntamente com a Pantera. O olhar tímido e as poucas palavras ditas de Rosa é o que guardo. De poucas palavras, sua entrevista foi praticamente toda com frases curtíssimas e uma única palavra como resposta. Confesso que quando perguntei a ela sobre o que é ser índio me encantei com a beleza e simplicidade da resposta: "Uma pessoa".

Todas as pessoas apresentadas tiveram grande importância no que apresento como reflexão teórica, pois não só suas falas, mas também o que estas me fizeram pensar após nossas conversas constituíram essas escritas.

21

Ritos de Passagem



Mudança

### 3. DE DIA DO ÍNDIO A SEMANA DA CULTURA INDÍGENA NA ESCOLA.

*"[...] os índios na escola[...] Eles dançaram muito umas músicas bem legal.[...] Eu comprei um negócio das Missões e uma coruja. Eu gostaria muito de visitar alguma aldeia. Hoje eu fiz amizade com as índias Patrícia, Cassiana e a Joana, nós brincamos e mostramos a escola para elas e os meninos jogaram futebol".*

(M.A. 10 anos, abril de 2010)

A possibilidade de "*contar*"<sup>20</sup> sobre as conversas e reflexões, que fluíram das vivências e convivências, das leituras, das entrevistas, ou melhor, da "*colheita*" dos muitos encontros, que se fizeram fonte principal de todo o processo criador dessa pesquisa, é *emocionante*. Nesse capítulo trago o registro do advento da Semana da Cultura Indígena que movimentou a vida das duas escolas, acordou sentimentos e principalmente trouxe para as Escolas um jeito diferente de olhar para si mesmo na relação com os Mbyá Guarani.

As aproximações com a Comunidade Mbyá Guarani iniciaram com o *Passeio* até a Tekoá Yrypau realizado pela Escola Municipal de Educação Infantil Pintando "7". Mas foi no ano de 2009 que pude partilhar a beleza de encontros sensíveis e visíveis que deram consistência ao advento da I Semana da Cultura Indígena na Escola Municipal de Educação Infantil Pintando "7". Considero que, as atividades foram marcadas por uma *cerimônia de aprendizagens*<sup>21</sup>. Iniciamos com um encontro de todo grupo da escola, onde realizamos a leitura do texto "O Dia do índio: ações e reflexões interculturais na formação de professores"

---

<sup>20</sup> Contar no dicionário (Luft, 2000) pode ser compreendido como dar importância, levar em consideração e é nesse sentido que utilizo o termo *contar* como algo que foi fundamental durante toda a pesquisa. O *contar* das vivências, dos sentimentos, dos conhecimentos, das muitas histórias, o *contar* sobre os encontros e principalmente o meu *contar* sobre a pesquisa.

<sup>21</sup> O termo "cerimônia de aprendizagens" designa o encontro. Foi algo que transcendeu o conhecimento cognitivo, as aprendizagens foram vividas desde o sentimento até as histórias pessoais, fazendo com que iniciássemos um processo de descobertas quanto aos povos indígenas.

(BERGAMASCHI, 2008). As falas das professoras presentes no encontro mostravam o quanto o momento foi contemplado:

*"Minha vó que fez cem anos, conta que é indígena e que se abaixavam para escutar no chão se cavalos aproximavam-se da casa".*

*"Nunca pensei que os índios fossem diferentes entre eles".*

*"Realmente quase todo mundo conta que tem um parente que era índio ou bugre".*

Para Gadotti (2000, 21) é importante que nos de conta que existe em nós um pedaço de índio. O autor questiona sobre qual é o pedaço de índio que está dentro de nós e diz que talvez o nosso nome, o nome de um parente, de um vizinho, talvez o nome da rua em que moramos, da cidade, esteja presente em nossas vidas. Esse se dar conta de que somos um povo mestiço e que o povo indígena não está separado de nossa existência foi o que fez com que nesse ano, nosso projeto fosse algo com vida e conhecimento.

No partilhar culturas, foi promovida a vinda de algumas pessoas da Tekoá para a cidade e a ida da Escola até a Tekoá. Ambos os encontros foram significativos, tanto para nós (professoras, crianças, pais e funcionárias da escola) como para a comunidade Tekoá Yryapu. Como fala Eduardo (LANG, 2009) "é muito importante para os indígenas poder mostrar sua cultura".

Ipólito, Francisco e Gérson vieram até a escola. Ficamos durante todo o dia juntos. As rodas de conversa tão presentes na cultura Guarani, nas visitas à Tekoá, fizeram parte, também, de nosso espaço escolar. Todos puderam conversar e se aproximar dos "nossos amigos Guarani". Perguntas, muitas perguntas por parte dos alunos e professoras da escola. Ipólito respondia, algumas vezes só ria, achava engraçadas as perguntas. Tivemos alguns momentos

de trocas onde contávamos como é na nossa cultura e inclusive experimentaram pela primeira vez "moranga caramelada". Outro momento importante foi à venda do artesanato, pois esse aproximou as mães da escola e a cultura indígena. Essa relação foi um pouco estranha, pois tentaram estabelecer um diálogo, mas acabavam primeiramente falando comigo, como se eu fosse intérprete deles, acabava rindo com eles de algumas situações, mas não de maneira desrespeitosa. Maffesoli (1995,73) nos ajuda a pensar sobre a importância desse conviver, pois como nos diz: "O importante é a existência de uma sensibilidade coletiva que, aprendida e vivida no cotidiano, tem depois os efeitos que se conhecem na vida profissional, social e religiosa".



Foto 23: Ipólito, Francisco e Gerson expõem o artesanato Guarani na Escola de Educação Infantil na I Semana da Cultura Indígena no ano de 2009



Foto 24: Aluno da Escola de Educação Infantil Pintando "7" comprando uma onça feita de madeira.

Numa tentativa criadora a Escola de Educação Infantil em 2009 desenvolveu várias atividades sobre o Encontro com a comunidade Mbyá Guarani. Uma delas penso ter sido muito importante: a roda de conversas com "nossos amigos guarani". Encenada com muitas perguntas, conversas e principalmente afetos e emoções. Lembro-me de um aluno de quatro anos de idade que perguntou para o Ipólito se eles gostavam dos alunos da escola. E a resposta foi: Sim, gostamos! Teve alguns alunos novos que entraram na escola e que sentiram medo dos indígenas, foi necessário conversar com eles e contar que são amigos da escola. Ao mesmo tempo em que se encenava o medo, logo se mostrava o encanto e a proximidade.



Foto 25: Roda de conversa na sala de aula da Escola de Educação Infantil Pintando "7".

Nem tudo foi só flores, em alguns momentos senti forte o preconceito com o povo indígena e, principalmente, referindo-se à escolha do tema da minha pesquisa. Algumas conversas demonstravam o quanto ainda precisamos andar para nos dar conta de nossa cultura humana, que nos aproxima de todas as espécies. Nesse movimento da escola, com a intencionalidade pedagógica de desenvolver atividades interculturais, tive pouco apoio por parte dos gestores da Educação do Município, inclusive falas cheias de preconceitos, e, principalmente, desconhecimentos sobre a cultura indígena. Em muitos momentos fiquei em silêncio. Já em outros falei que se tivéssemos crescido tendo a oportunidade de conhecer culturas diferentes, hoje não teríamos tanta dificuldade de lidarmos com o diferente.

Na Semana da Cultura Indígena fui com o Ipólito visitar outras duas escolas de Educação Infantil do Município. Foi interessante a experiência, pois senti o quanto as professoras estavam curiosas para conhecerem o Ipólito e saber sobre a cultura Mbyá Guarani. Refleti muito sobre as diferentes lógicas da vida e o quanto "a professora" foi impedida de conhecer o indígena ao longo da história. Foram várias situações de diálogo e de silêncio, mas uma das situações considero importante para pensar sobre as diferentes lógicas: uma professora cheia de boas intenções com a natureza, falou sobre o cuidado que devemos ter com os animais, relatou que algumas pessoas da comunidade estão acostumados a matar capivara e passarinhos, e com a certeza de que o Ipólito ajudaria na conscientização das crianças, perguntou: "Ipólito podemos matar os passarinhos da Natureza?" O Ipólito com muita naturalidade respondeu: "Sim, para comer podemos matar". Por alguns segundos, o espanto tomou conta do espaço, o silêncio mostrou o quanto nossas certezas são frágeis e móveis.

Durante a Semana da Cultura Indígena organizamos novamente a ida da Escola até a Tekoá Yryapu. A chegada da nossa escola na Tekoá foi contemplada

com um acolhimento por parte da comunidade. Fizemos uma grande roda para conversa, onde algumas apresentações foram feitas, depois as crianças foram conhecer o espaço da Tekoá, entraram na casa tradicional de barro que tem o formato de tartaruga. A lagoa, um carrinho de mão cheio de "grandes amendoins"<sup>22</sup>, os cachorrinhos que tinham nascido há poucas semanas, e as crianças Guarani conquistaram a atenção das crianças da escola. Tudo era observado atentamente, alguns encantamentos e outros estranhamentos, coisas que aproximavam e outras que distanciavam... Quando terminou o projeto, nossa relação permaneceu com as visitas constantes do pessoal da Tekoá na Escola, nos comentários sobre nossos amigos Guarani. Uma marca forte presente durante todo ano é sem dúvida o artesanato Guarani, que é algo que identifica e lembra *os amigos guarani*.

O imprevisto novamente movimentou a pesquisa, em 2010 cumpri meu tempo no estar diretora na Escola Municipal de Educação Infantil Pintando "7", retornei para sala de aula e também retornei para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz. Movimento este que considero uma riqueza para a existência da pesquisa. Assim que cheguei à Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz contei sobre minha pesquisa, o que despertou em muitas professoras curiosidades que as levaram a sugerir que eu elaborasse um Projeto da Semana da Cultura Indígena na Escola. Na verdade era tudo o que eu queria, gostaria que a intenção de vivenciar o projeto fosse algo coletivo.

---

<sup>22</sup> "Grandes amendoins" foi como os alunos da escola se referiram aos amendoins que os meninos da aldeia tinham colhido e que, relacionado com os amendoins que estamos acostumados a comprar, se diferem por ser bem maior.

"Na verdade gostaria que não precisasse existir a Semana da Cultura Indígena, pois cada turma poderia ter nas práticas conversas e conhecimentos sobre diversas culturas, mas sabemos que a tendência é a de tornar uma única cultura (nossa) o centro da vida, da sociedade"... (Lang, Diário de Campo, 10 de abril de 2010)

Com esse fenômeno tive a possibilidade de ampliar meu objeto de estudo e poder olhar para as duas Escolas na Relação com a Comunidade Mbyá Guarani. Foi como se um pássaro estivesse indo e vindo num *sementar*<sup>23</sup> encontros e pensamentos, sem a certeza do nascimento e permanência do fruto. A Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz adentrou no campo da pesquisa quando aceitou que fosse pensada e organizada a I Semana da Cultura Indígena, movimento inédito na escola. .

[...] neste ano foi explorado totalmente diferente. Antigamente era aquela coisa batidinha que passava: Ah! Hoje é o Dia do Índio. Não. Este ano trabalhamos [...] uma experiência nova. Então nós também estamos aprendendo com outro olhar. (Violeta, Diretora Escolar, maio de 2010)

O cuidado na elaboração do projeto perpassou por todos os envolvidos, desde o grupo escolar até a comunidade Mbyá Guarani. Tentei aproximar as vivências da Escola de Educação Infantil Pintando "7" que estava organizando a II Semana da Cultura Indígena e a opinião do Eduardo que me ajudou a pensar na organização da I Semana da Cultura Indígena na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz. Foram mais de três idas até a Tekoá Yryapu com esse objetivo, mais alguns telefonemas até que tudo estivesse combinado. Nessas idas participei do ensaio da Dança Guarani, senti que toda a comunidade estava no

---

<sup>23</sup> Uso o termo *sementar* para referir-me a ação de semear, espalhar, compartilhar possibilidades.

espírito da Semana da Cultura Indígena, alegres e se organizando com o artesanato, cada um fazendo seus bichinhos de madeira para ser levado para a atividade.

"Ficamos combinados! Tirei algumas fotos da Aldeia e do pessoal, para mostrar na escola no dia da Conversa com o Eduardo". (LANG, 2010. *Diário de Campo*).

A empolgação transcrita em palavras no meu Diário de Campo ensaia o quanto o advento foi intenso e sistematizado a partir de *movimentos de vidas: minha vida, vida da comunidade Mbyá Guarani, vida das Escolas participantes*. É sedutora a Emoção de conviver com experiências encantadoras que movimentam vidas e fazem com que a ação e a emoção estejam entrelaçadas dando forma ao cotidiano, deixando fluir acontecimentos importantes para ambas as vidas. Como sustenta Maturana (1998, 22) "[...] não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato".



Foto 26: Frente da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz: acolhimento do projeto-apresentação para a comunidade escolar.

Na intencionalidade de que o projeto desse certo procurei estar em parceria com a Supervisora da Escola e Vice- Diretora que acompanhou todos os

passos. Logo que organizamos o Cronograma das atividades, depois de combinado e organizado com o Eduardo, compartilhamos com as professoras e nos colocamos a andar.

O primeiro ponto importante foi organizar a vinda do pessoal da Tekoá até a Escola, pois, diferente da Escola de Educação Infantil Pintando "7", não haveria jeito de levarmos os alunos até a Aldeia, não foi disponibilizado transporte. Então a maneira que encontramos foi trazê-los até a Escola. Para que pudéssemos nos aproximar da realidade da Tekoá Yryapu, fui até lá no sábado para tirar fotos das pessoas e das coisas que lá estão. Com a autorização de todos registrei algumas coisas que do meu ponto de vista seria importante compartilhar.

No início da Semana da Cultura Indígena tentei aproximar as atividades entre as duas Escolas. Iniciamos na segunda-feira com uma conversa. Na verdade não foi bem uma conversa, pois acabou sendo um momento de fala do Eduardo para os grupos escolares, muitas coisas foram perguntadas, muitas revelações... Muitos Estranhamentos e Encantamentos iam se mostrando ao longo da manhã. Foram horas de conversa e o que me chamou muito a atenção foi o interesse por parte dos alunos. Todos observavam e interagiam contando coisas que sabiam e principalmente fazendo perguntas. Bauman (2004, 34) me ajuda a pensar sobre o sentido e o tempo das perguntas e respostas que foram trazidas para o Encontro, pois ninguém previa o que seria perguntado ou respondido, algumas até imaginávamos, mas não existia a certeza, não havia uma combinação prévia de perguntas.

O tempo transcorrido nunca é tão curto a ponto de permitir que aquele que perguntou e aquele que respondeu permaneçam, no momento em que chega a resposta, os mesmos seres que eram quando o relógio foi posto a funcionar [...] a resposta é dada por uma pessoa inevitavelmente diferente daquela a quem foi feita a pergunta, e ela é dada a alguém que mudou desde que perguntou. É impossível saber a profundidade dessa mudança. Fazer a pergunta, esperar a resposta, ser indagado, esforçar-se para responder- isso é que faz a diferença.

O olhar de ambos (perguntador e perguntado) mostrava o quanto as perguntas mergulhavam profundamente no pensamento. Mudança na expressão, admiração na resposta, silêncio na pergunta, dúvidas e curiosidades, perguntas profundas (sobre o modo de ser Guarani: Espiritualidade e Intimidade), outras triviais (o que gostam de fazer, se tem bicicleta na aldeia, se brincam, se tomam banho, etc...). Aquela sensação de que a pergunta e a resposta acabaram, mas permaneceram no íntimo dos pensamentos esteve presente durante a atividade. Foi visível o esforço para se fazerem entender tanto quem perguntava para quem respondia. Não se pode afirmar o que mudou, nem o que cada pessoa organizou em seu pensamento sobre o Encontro, mas ao longo das escritas vamos encontrar cenas que nos dão pistas do que realmente foi o momento inicial do projeto na escola.

"Perguntaram coisas do interior da vida Guarani, achei engraçado a curiosidade de algumas professoras e alunos sobre o casamento Guarani e também sobre a questão da morte na Aldeia. Ficaram surpresos quando o Eduardo contou que quando uma pessoa morre pode ficar até três dias esperando os parentes que vem de longe para serem enterrados". (Lang, Diário de Campo, 12 de abril de 2010)

Creio ter sido importante esse espaço de diálogo, mesmo que não estivéssemos em uma roda de conversa. Na Escola de Educação Infantil Pintando "7" também realizamos uma conversa, um pouco diferente do ano passado, onde havíamos realizado rodas de conversas com os amigos Guarani. Após as conversas (nas duas escolas) foi realizada a exposição do artesanato Guarani, na Escola de Educação Infantil Pintando "7" o artesanato já era reconhecido pela maioria dos

alunos e professoras, já na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz o artesanato foi algo novo, que oportunizou uma bela aproximação entre os alunos, professoras, pais e os indígenas Guarani. O Artesanato sem dúvida mostrou outra maneira de perceber o indígena na escola, pois a beleza da arte guarani encantou a todos.



Foto 27: Alunos e pais próximos do Artesanato Guarani na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz.

O Cenário da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz mostrava momentos de Estranhamentos e Encantamentos. A aproximação foi contemplada por vários momentos de muita beleza. As famílias circularam pela escola então puderam observar os trabalhos realizados sobre a Cultura Indígena e se aproximar do Artesanato Guarani (para a maioria foi o primeiro contato). As interações foram de várias formas. Ora pela compra do Artesanato, ora pelos relatos escritos e desenhos dos alunos, ora pela presença dos Mbyá Guarani no espaço da Escola, ora pelo olhar que se lançava de longe tentando capturar coisas que estranhavam e encantavam num Encontro inédito.



Foto 28: Alunos e pais da Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz interagindo com o Diário de Aprendizagens sobre alguns aspectos da Cultura Mbyá Guarani realizado pela turma de 2º ano.

No segundo dia realizamos uma sessão de vídeo na escola, onde foi apresentado o *Vídeo: Mokoí TekoáPetei Jeguata*<sup>24</sup> (Duas Aldeias, uma caminhada). Observar a admiração das crianças e as falas que brotavam das imagens foi campo importante para minhas reflexões, pois o indígena causava certo estranhamento nos alunos (creio que também nas professoras) quando em algumas situações mostrada no vídeo cenas de sua vida semelhante às cenas das suas vidas. Nas escritas das crianças da quarta série foi possível perceber a relação de proximidade. Pontos que se encontram.

"Eles compram roupas, calçados e sacolé". (A, aluno da 4ª série A, 10 anos)

"Eles jogam vídeo-gam!"; "Eles saem para vender o artesanato nas ruas".

(G, aluna da 4ª série B, 10 anos)

<sup>24</sup> Vídeo filmado por dois Mbyá Guarani nas Aldeias da Lomba do Pinheiro (Porto Alegre) e em São Miguel das Missões.

"Eu vi também que eles comem passarinho, no começo até fechei os olhos, mas depois eu fiquei pensando e olhando: Qual a diferença de matar uma vaca ou um passarinho. Eles matam para comer, né?" (E, aluna da 4ª série B, 10 anos)

"Eles pegaram um ônibus para ir no centro de Porto Alegre pra comprar fumo". "Eles sobrevivem vendendo o artesanato" (J, aluna da 4ª série B, 10 anos)"

"Eles fazem as danças e cantam e também usam instrumentos como: Violão, violino e outros". ( M.A, aluna da 4ª série B, 10 anos)

O Encontro com a dança Guarani no final da semana foi uma oportunidade de conhecer não só a dança pela dança, mas a espiritualidade que é perceptível ao estar-junto com as crianças indígenas, nos movimentos do corpo e harmonia da voz no cantar sobre as coisas da vida e da natureza. Emoções e olhares atentos eram visíveis entre as professoras e os alunos. Algumas sensações traduzidas nas lágrimas de algumas professoras mostravam o quanto a cena nos abria espaços para pensar sobre o outro, o indígena Guarani que acabamos de conhecer.

Pude observar que alguns olhares de adultos exigentes esperavam que a dança viesse acompanhada de maiores adornos corporais ou talvez um melhor desempenho artístico, talvez o reflexo de nossa rigidez faça com que não permitamos nos emocionar com a beleza da dança ou com a leveza de estar - junto. Procuramos pontos para que possamos avaliar comparar, e tirar conclusões sobre o outro. Menezes (2009, 160) me convida a pensar sobre a importância da Dança na Semana da Cultura Indígena quando diz:

Quando os Guarani se apresentam, trazem para o cenário o modo peculiar de seu movimentos, revelando a riqueza de sua cultura e que provoca uma profunda reflexão sobre o sentido e o significado da dança no contexto intercultural. Observo que, entre os Guarani, a apresentação é um estímulo e uma afirmação cultural, que os fazem vibrar com o corpo e a alma.

Essa possibilidade de poderem vibrar com sua dança, na troca de energia de quem assiste e também compartilhar sua cultura através de seus cantos e danças encenou um momento intercultural: Dar e receber energia o tempo todo, encheu de sentido o fenômeno da Dança Guarani na Escola.

Nas palavras dos Guarani, a dança e o canto têm o poder de emocionar. Para estes, a emoção é uma perspectiva de integração e aceitação de sua cultura. A música dionisíaca grega, conforme Nietzsche (1992), também teve esta função: a de fazer com que os mitos fossem revividos pela intuição, pela capacidade de emocionar, poder esse que o espírito científico aniquilou, excluindo a poesia de sua própria natureza. (MENEZES, 2009, p.160)

A emoção da dança também se repetiu na visita da Escola de Educação Infantil Pintando "7" à Tekoá Yryapu, que foi homenageada com a apresentação da Dança Guarani dançada pelos indígenas, por uma colega professora e também por mim. Creio que "dançar junto com eles, segurando a mão da Patrícia" na apresentação que organizaram para nosso grupo da escola, foi algo que me fez "andar", "sentir", e principalmente me "aproximar" daquelas pessoas, que até há pouco tempo eram somente os "Índios Guaranis". Os nossos Amigos Guaranis, os meus Amigos Guaranis.



Foto 29: Visita da Escola de Educação Infantil na Tekoá Yryapu, eu e uma colega professora dançando junto com as crianças indígenas guarani.

O Encontro com a presença indígena possibilitou uma série de mudanças nas práticas pedagógicas das escolas. Lentamente foram surgindo outras possibilidades no fazer pedagógico o que possibilitou o processo de mudança no pensamento e na ação: Do Dia do Índio à Semana da Cultura Indígena.

### 3.1. EMOÇÕES E DISPOSIÇÕES ENCENADAS...

O ato de apresentar e desenvolver um projeto numa escola vai além de uma produção teórica bem elaborada como pudemos sentir na fala de Orquídea “[...] eu não imaginava a dimensão do trabalho e da importância que ela tinha no meu conhecimento. Ela me somou e muito. Continua me somando. [...]” (Vice- Diretora da Escola, 14 de junho de 2010). Envolve emoções e disposições, como nos diz Maturana (1998, 23) “não é a razão o que leva à ação, mas a emoção”. A interação de várias pessoas num advento trouxe para a vida das muitas um olhar diferente sobre o outro, possibilitando um olhar para dentro de si mesmo num emocionar-se que nos movimenta, pois como nos ajuda a pensar Morin (2005, 76) “[...] o indivíduo vive para si e para o outro dialogicamente [...]”. Os Encontros colocaram em interação *mundos*<sup>25</sup> diferentes que estão podendo dialogar, ou melhor, conversar, sendo autorizados a recontar histórias e se mostrar diferentemente. O projeto foi importante na constituição dos cenários, como afirma Terra “[...] acho que foi um crescimento [...] ver aquilo que não acreditávamos que dava para realizar [...] a gente conseguiu fazer o trabalho [...]” (Professora, 26 de maio de 2010)

---

<sup>25</sup> Conceituo *mundos* não como algo com fronteiras, estabelecido por divisões geográficas, mas mundos individuais que abarcam o biológico, a cultura, a etnia, a história pessoal, as emoções e principalmente o pensamento.

Creio que se precisa de coragem para vivenciar momentos onde somos obrigados a olhar, pois nem sempre estamos abertos a querer ver. E também vemos diferentemente. A incerteza de não saber o que vai ser "*olhado*" e "*pensado*" quando nos dispomos a organizar um projeto acaba nos fazendo sentir medo. Também sentimos coragem, pois nessa relação várias percepções poderão aparecer e no aparecer: confortos e desconfortos poderão emergir da reflexão sobre as muitas ideias a cerca de uma única questão.

Nesse pensar sobre o que faríamos com os encontros e os diálogos interculturais no que diz respeito ao modo das pessoas se relacionarem, no estar-junto durante esse tempo, me inquietou muito. Mesmo que antagônicos o medo e a coragem estiveram juntos. Não sabia como seria, de que maneira as pessoas deixariam pulsar em si o desejo de olhar e ver. Nessa atividade pensante Morin me ajuda a refletir sobre o pensamento complexo que invade minhas indagações sobre os movimentos.

O pensamento pode ter seus fracassos, suas falhas, pois não é onisciente. [...] A razão não regulada pela experiência, pela observação, pela verificação leva à racionalização, logicamente coerente, mas empiricamente falsa. O pensamento corre sempre o risco da desordem. (MORIN, 2005,p.103)

O ir repensando meu pensamento na relação do ser professora e pesquisadora, do estar vivenciando a Semana da Cultura Indígena nas Escolas e ao mesmo tempo contemplando um olhar atento a todos os movimentos que iam se fazendo ver (Fenômenos). Questionei-me sobre a importância do projeto para aquelas pessoas (a princípio comum para uma escola), ao perceber o olhar inquieto de algumas professoras que me diziam: "O que vamos trabalhar sobre os índios?" "Como será a Semana da Cultura Indígena?" "Os índios vão vir na escola?".

A insegurança das professoras sobre o que falar o que ensinar, o que perguntar me colocaram a pensar e refletir sobre o que nos movimenta ao conhecer, ao conhecimento. O que se conhece talvez seja um pouquinho, talvez quase nada sobre os povos indígenas e sem dúvida é o desconhecimento que nos causa medo. Às vezes é melhor não conhecer? Para que conhecer? (Lang, Diário de Campo, 16 de abril de 2010)

Muitas coisas emergem de um encontro, essa ação pode nos fazer caminhar, no achar e descobrir coisas que não conhecíamos. Também pode nos colocar a desviar o olhar, ou também pode nos fazer unir, numa conjunção de pessoas que comungam do querer se avistar-se na relação com o outro. Muitas são as possibilidades oriundas de um encontro, algumas talvez eu desconheça, mas acredito que do encontro nasce o conhecer, germina a possibilidade de "avistar", de olhar com cuidado ao ato de conhecer e de compreender o conhecimento. O registro no meu Diário de Campo mostra um pouco do cuidado no ato de conhecer que esteve presente em alguns momentos e em algumas professoras:

"A fala de uma das professoras ficou latejando em meu pensamento: Eu não sabia o que trabalhar, então, esperei primeiro o encontro com os indígenas na sala de aula e fiquei quieta".(Lang, Diário de Campo,16 de abril de 2010)

O estar aberto para encontrar-se é sem dúvida importante para o conhecer, pois é comum nos espaços escolares (também nos muitos outros espaços da vida cotidiana) apropriações de verdades estabelecidas a partir de um único ponto de vista, da razão universal, alicerçadas pelos códigos morais. Durante meu estar pesquisadora junto aos grupos de pessoas nas escolas, senti o

quanto era (é) forte o fechamento (mas não algo impossível de abertura) para outras formas de pensar. Nas frases que se repetem constantemente no cotidiano, é possível perceber o conforto de estar em um lugar seguro e aceito pela maioria (o que faz parte dos códigos morais que estabelecemos na convivência com as instituições): "sempre fiz assim", "aprendi assim", "não está no livro, então não é verdade", "minha família me ensinou assim". É como se houvesse (e existe) uma persuasão do que seria um bom e correto hábito de fazer as coisas. Qualquer movimento na vida regrada seria um incômodo e nos colocaria a olhar para outras possibilidades, o que nos conduziria a organizar outros códigos para convivência.

A verdadeira liberdade para tomar decisões é um doloroso fardo, como observavam Bergson, Jean- Paul Sartre e os existencialistas. Códigos de uma moralidade já pronta e empacotada, que remove esse incômodo, são, pois convenientes, desejáveis e úteis. (THOMSON, 2002, p.23,24)

"Ensino o que me ensinaram como certo e isso é o certo". Creio que não exista nenhuma epistemologia capaz de ter força para fazer com que essa *força moral*<sup>26</sup> seja removida para dar lugar a outras disposições, senão a emoção que se manifesta no encontro, no *estar-junto*. Pude perceber essa emoção durante o desenvolvimento do projeto, onde lentamente "frestas iam se abrindo" dando lugar a potência do conhecer que emergia dos movimentos de vida, possibilitando que se recontasse diferentemente histórias já contadas.

[...] acho que está na hora mesmo de mudar certas coisas que a gente vê na faculdade, mas que muitas vezes é pouco tempo, nós tivemos uma ou duas disciplinas que falavam sobre história. [...] acho que é importante a gente aprender, conhecer para poder trabalhar em sala, a gente sempre trabalhou, mas nem sempre teve conhecimento para isso. (Borboleta, professora, 21 de maio de 2010)

---

<sup>26</sup> Conceituo *força moral* como a força que fundamenta a vida dos grupos, que não necessita de um código de leis Civis, mas que é legitimada pela convivência. Thomson (2002, p.32,33) nos ajuda a pensar quando diz que um código moral pode ser definido como um sistema de padrões éticos que controlam seus membros.

Imagina uma escola confortavelmente organizada, com conhecimentos previamente estabelecidos por toda uma bagagem de formação moral, social, profissional, pessoal que têm raiz na tradição<sup>27</sup>, de repente, conforme aparece nas entrevistas se encontra com um conhecimento sobre a cultura indígena que desconheciam. Nunca tinham imaginado que assim fosse.

[...] Profissionalmente eu não tenho vergonha de te dizer que eu desconhecia e muito essa cultura. Desconhecia mesmo. Não que eu não tivesse procurado ou me interessado. Mas ao conhecer e ver a cultura indígena dessa forma... Eu não sabia. Até que ponto a gente não teve no nosso currículo escolar. Não nos ensinaram dessa forma [...](Orquídea, Vice-Diretora, 14 de junho de 2010)

Na verdade o encontro estava fazendo conhecer coisas (individuais e coletivas) e que não se fazia só numa relação linear de apresentação dos indígenas à escola, mas numa relação de "mistura", sem que pudéssemos descrever todos os movimentos e emoções que estavam sendo vivenciados. Nessa mistura de coisas (pessoas, pensamentos, elementos, emoções, imagens...) podemos dizer que a beleza está no "*movimento pedagógico*" da experiência vivenciada por todos (As Escolas, e a comunidade Mbyá Guarani e Eu), que transcende a ideia de ensinar e aprender, pois implica um encontro que nos coloca a compreender, a nos relacionar com o conhecimento a partir de nós mesmos.

*Há um conhecimento que é compreensível e está fundado sobre a comunicação e a empatia- simpatia mesmo- intersubjetivas. [...] compreender comporta um processo de identificação e de projeção de sujeito a sujeito. [...] A compreensão sempre intersubjetiva, necessita de abertura e generosidade. (MORIN, 2001, p.93 )*

*Para Maturana (2001, 264) "todo fazer leva a um novo fazer: é o círculo cognitivo que caracteriza o nosso ser, num processo cuja realização está imersa*

---

<sup>27</sup> Uso aqui o termo *tradição* segundo o conceito de Thomson (2002, p.30) que é um condicionador da moral, resíduo da moralidade de gerações anteriores que passa para a próxima.

*no modo de ser autônomo do ser vivo". O tecer relações entre as vivências com o projeto e os diálogos interculturais que germinam da convivência, vão se desenhando em forma circular, numa interação de histórias recontadas e principalmente resignificadas.*

### 3.2. NOS BASTIDORES DO ENCONTRO

*"Eu pensava que eles não fumavam, pensava que não comecem balas, sacolés, frutas, refris e passarinhos. Pensava que a casa de reza era tipo uma igreja [...]"*

(J, 10 anos, aluna da 4ª série, abril de 2010)

Nem sempre damos lugar ao óbvio, ou melhor, ao que parece óbvio. Durante semanas fiquei refletindo sobre coisas que observava e escutava nos espaços das escolas. A espera pelo encontro foi algo que mereceu atenção, tanto as professoras como os alunos estavam inquietos a espera pelos "índios". Claro que não se pode descrever com precisão o que sentiam. Percebia o quanto encontrar-se com os indígenas guarani estava movimentando o imaginário, causando dúvidas e curiosidades. Esse movimento também era visível em relação ao pessoal da comunidade Mbyá Guarani que não sabiam o que encontrariam. A curiosidade envolvia a todos. Mesmo que ainda distante o *encontro*<sup>28</sup> já acontecia.

[...] cada vez que encontros recorrentes acontecem, ocorrem mudanças estruturais que seguem um curso contingente com o curso desses. Isto acontece conosco no viver cotidiano, de tal modo que, apesar de estarmos, como seres vivos, em contínua mudança estrutural espontânea e reativa, o curso de nossa mudança estrutural espontânea e reativa se faz de maneira

---

<sup>28</sup> Conceituo encontro como uma interação no conviver, a partir do pensamento de Maturana sobre as histórias de interações recorrentes da convivência. " *Toda interação implica num encontro estrutural entre os que interagem, e todo encontro estrutural resulta num desencadilhamento ou num desencadeamento de mudanças estruturais entre os participantes do encontro.* " (1998, 59)

contingente com as histórias de nossas interações. (Maturana, 1998, 59-60)

Na sala dos professores, algumas falas sobre o projeto foram trazidas para meu campo de reflexão, pois acredito que coisas ditas ali, não seriam ditas em outros momentos. Algumas falas (antes do encontro) diziam que não iam trabalhar diferente, que o índio é aquele com pena na cabeça e pintado, e que índio sempre vai ser índio e que é radicalismo querer que os chame de Guarani, Kaingang, etc.. Também diziam que não viam outra forma de ensinar sobre os índios que não fosse à do índio protetor da floresta. Percebi claramente que minha presença fazia com que tivessem mais cuidado quando falavam sobre os povos indígenas, talvez por respeito a minha disposição de olhar para as temáticas indígenas, mas senti que no fundo achavam que encontrá-los não mudaria nada.

Comecei a ver de maneira diferenciada, comecei a estudar textos que eu tenho, que me passaste, lia para pensar a realidade da escola um pouco diferenciada. As professoras que tinham mais interesse, eu deixava polígrafos sobre a mesa. Umas liam, outras não liam e não vou negar que foi difícil mudar essa cultura. Porque algumas diziam: Puxa, mas como é que vou fazer de maneira diferente, eu também sempre fui ensinada assim? Pra mim é complicado. (Orquídea, Vice- Diretora, 14 de junho de 2010)

Confesso que o silêncio foi uma maneira que encontrei para respeitar os muitos pontos de vistas que iam se mostrando no estar-junto em um projeto pedagógico. Com serenidade íamos dando vida ou revivendo um encontrar com o conhecimento *não-oficial*<sup>29</sup>, com pessoas que representavam outra etnia e que estavam dispostos a contar sobre seu modo de vida, sobre sua cultura, sobre o jeito de Ser Guarani.

---

<sup>29</sup> Utilizo o termo *não-oficial* para me referir a um conhecimento que não está registrado em livros didáticos e nem faz parte do currículo escolar. Não está programado no Plano Escolar.

"Fiquei feliz, pois pude olhar diferente para o grupo escolar e pensar diferentemente do que pensava, pois na verdade não sabemos compreender, apenas pensamos que sabemos e quando compreendemos percebemos que a sabedoria é algo muito maior que os conhecimentos que elegemos como os essenciais para a vida". (Lang, Diário de Campo, 12 de abril de 2010)

Balandier (1997, 167) quando fala sobre a marca do moderno como sendo "à catástrofe do instante que rompe a continuidade temporal", me situa num pensamento que rompe com a racionalidade da obrigatoriedade da duração, da continuidade. Compreender esse movimento de ruptura com a racionalidade da continuidade temporal é importante, pois saltamos de uma linha progressiva, para um espiral onde a complexidade é parte do pensar. Situando-se nesse presente é necessário deixar de olhar o projeto pedagógico como algo eterno, que necessita de continuidade, para olhar o projeto como algo vivido no cotidiano, no "*instante eterno*"<sup>30</sup>. O encontro só acontece quando existe uma interação entre os que desejam se encontrar. Como diz Balandier: "A obrigação de ir em frente exclui qualquer retorno, mas a dificuldade de se estar tomado pelo instante vivido requer um total conhecimento do presente e, portanto, das reapropriações de passado que ele efetua [...]". (1997, 168)

No que trago dos bastidores é possível perceber que tudo está relacionado com o apaixonar-se ou desapaixonar-se (amor e a morte) por determinada história, coisa ou pessoa. Para Bauman (2004, 17) "nem no amor nem na morte se pode penetrar duas vezes" e o escrever sobre os relacionamentos me ajuda a dar voltas nesse fenômeno da pesquisa e que não deixa de ser uma história de amor e morte.

Cada um deles nasce, ou renasce, no próprio momento em que surge, sempre a partir do nada, da escuridão do não ser sem passado nem futuro;

---

<sup>30</sup> Instante eterno referente ao presente, ao que é vivido aqui e agora como nos fala Maffesoli (2001)

começa sempre do começo, desnudando o caráter supérfluo das tramas passadas e a futilidade dos enredos futuros. (BAUMAN, 2004, p.17)

Frente a complexidade que envolve o estar no espaço escolar, um espaço contemplativo que guarda cenas inéditas e imprevisíveis, cheio de pessoas capazes de dramatizarem cenas repletas de beleza, nos fazem perceber que as propostas didáticas almejando qualidade educacional precisam ter vida, que os conteúdos precisam "fazer sentido" para o cotidiano. Deixar que cenas mostrem o sensível, através da vida privada, da obra de arte. Maffesoli (1996, 72) me faz refletir quando diz "[...] o sensível é uma dimensão humana que basta a si mesma". E mais, quando diz que "[...] integrar o sensível na análise social, é dar prova de lucidez". Sair dos bastidores (lugar do sensível), não exclui a existência deles. Ainda pensando nas belas palavras de Maffesoli (1996, 73) quanto ao uso do sensível ele diz que "na medida que nos deixemos envolver pela loucura do uso, ele pode ser uma via direta do melhor quilate para aceder à experiência dos sentidos, cuja a importância se dá a ver hoje em dia". E talvez o que realmente se mostra seja justamente aquilo que não é observado e que muitas vezes faz parte da ação cotidiana que se dá na relação com os "encontros", nesse caso encontros interculturais.

### 3.3. O ÍNDIO E A ESCOLA

*Quem conta diminui um ponto<sup>31</sup>?*

*Ou quem conta inventa um mundo?*

*" Não, não, não. Não vou te negar. Eu não via o índio como vejo hoje. Não via! Não via mesmo. Eu fui alfabetizada no interior e tínhamos pouco acesso à leitura, aprendíamos com os livros didáticos que iam para as escolas.[...] Eu tive uma professora do 1º ao 5º ano [...] Só trabalhava no Dia do Índio, dia 19 de Abril e normalmente já vinham as folhinhas mimeografadas e ela pedia que pintássemos o cocar do índio, as penas do índio.[...] Achava muito bonito. E eu imaginava, pensava: Será que um dia eu ia encontrar um índio assim nas ruas para eu ver? "*

(Orquídea, maio de 2010)

Parece fácil, mas tocar nesse assunto é um movimento forte, pois envolve *sentimentos profundos*<sup>32</sup>. Confissões vão sendo reveladas e no contar, os pensamentos se organizam diferentemente. Durante as muitas entrevistas que realizei senti que minha experiência de in-memória sobre os povos indígenas era semelhante à maior parte das pessoas que participaram do estudo.

Refletindo sobre todas as coisas que vivenciava a respeito da temática indígena, pensei: Na questão indígena *quem contou não aumentou um ponto, mas diminuiu muitos pontos*, a começar pela própria existência indígena que é na

<sup>31</sup> Ousei antagonizar o provérbio popular: *Quem conta aumenta um ponto*. Para me referir as histórias contadas nas escolas sobre os povos indígenas durante algumas décadas, conforme as entrevistas realizadas com professores da rede pública municipal e estadual.

<sup>32</sup> Utilizo o termo *sentimentos profundos* para referir-me a sentimentos enraizados, algo que foi impregnado em nossos sentidos.

maioria das vezes falada com verbos no passado. Os índios viviam, os índios eram, os índios caçavam, os índios faziam... Por quê? Será que a professora é culpada? Que não conhece a história? Será culpa da sociedade? Será culpa das políticas públicas ou a modernidade?... Quem encobriu os povos indígenas por tanto tempo? O outro ou eu mesma que tornava os povos indígenas invisíveis no meu cotidiano? Não sabemos.

"Agora os indígenas Guarani parecem estar visíveis na cidade e minha dúvida é: Porque nunca foram vistos nas vezes que passaram pela frente da escola? Durante anos fizeram semanalmente este trajeto de passar pela frente da escola. O que nos faz olhar diferente? O que nos faz tornar uma coisa visível? Vamos deixar de olhar um dia? Vamos olhar para sempre?" (Lang, Diário de Campo, 16 de abril 2010)

Em nenhum momento pretendo fazer julgamentos ou encontrar culpados para o que estou contando. Conto para que esse estudo seja um material de reflexão e, que, talvez possa ajudar algumas escolas a pensar no seu cotidiano e nos encontros possam ou não fazer parte de suas ações pedagógicas. Poderia nesse espaço optar por um olhar crítico sobre o trabalho do outro, analisar o currículo escolar quanto ao espaço que é reservado para as questões étnico-raciais, até mesmo dos conteúdos dos livros didáticos a respeito dos povos indígenas, mas acredito que minha contribuição para com a Educação e também a Comunidade Mbyá Guarani da Tekóa Yryapu é simplesmente contar sobre a possível relação amorosa<sup>33</sup> que podemos tecer de um encontro que faz germinar sentido no conhecer e se reconhecer.

Ser índio? [...] pensava que eles só usavam calça e as mulheres ficavam sem sutiã, como eu vejo na TV". [...] Aprendi que eles desmancham a casa de reza quando uma pessoa não- indígena entra. [...]Eles não usam mais lança

<sup>33</sup> Relação amorosa - Maturana ( 2001) - Tornar o outro legítimo na convivência

pra pescar. Eles usam rede e roupa também. (Pantera, aluno do 3º ano, 10 de junho de 2010)

Nos *sentimentos profundos* que emergiram do encontro, pude testemunhar o encantamento das professoras diante de cada descoberta, e a mudança no modo de pensar sobre o indígena. É como se o Índio fosse revelado, fosse descoberto. Cada um de seu jeito. Cada olhar diferente ia dando vida a interculturalidade... Beija-Flor me ajuda a pensar sobre o penetrar na relação intercultural de maneira respeitosa quando conta a caminhada da Escola de Educação Infantil Pintando "7" desde o passeio à chegada:

[...] antes era só uma visita. Íamos lá no Dia do Índio. E o que fazíamos quando chegávamos? Vamos fazer um desenho do passeio. Aquela coisa rotineira, não entrávamos a fundo sobre a aldeia, sobre o lugar que fomos, o que é, costumes, diferenças, aquelas coisas não íamos a fundo daquilo que vivenciamos. [...] eu tive duas experiências na minha vida [...] como diretora sempre passava para os professores aquela noção: o índio, festinha do índio, sabe? [...] A gente fazia a oca, falávamos na oca, sabe? Aqueles caminhos com as máscaras de índio. [...] nunca se parou para pensar em que essas pessoas faziam, seus costumes, o artesanato. [...] Antes era o medo: Ah, vão ir na minha casa, vou fechar a casa, eles vão entrar aqui e roubar.[...] é muito forte mesmo[...] tinha aquela fase do úúúú dos indiozinhos, da pintura, da musiquinha que falava a questão do indiozinho coitadinho.[...] Em 2006 surgiu: Vamos fazer a Visita na Aldeia Yryapu, aí pensei: O que vou ensinar para as crianças? [...] Daí começamos as descobertas: Yryapu, barulho do mar. e aí foi brotando, eram passinhos de formiguinha. [...] ainda tinha aquela coisa de usar máscara, ir para casa pintadinho. Aquilo ainda estava na nossa mente: Ah, tem que ter. [...] em 2007 fomos de novo [...] acho que mais perguntávamos e pouco ouvíamos. [...] Perguntávamos e dava aquele burburinho. E a gente: Aham... Tá! Fazíamos que estava entendendo.[...] em 2008 fomos de novo.[...] aí começamos a conversar com eles[...] teve a dança[...] em 2009 foi a visita deles na escola[...] Os amigos Guarani, foi onde surgiu. (Beija-Flor, professora, 30 de junho de 2010)

Confesso que quando iniciei o estudo não tinha ideia da dimensão que os encontros teriam na vida das pessoas e principalmente na minha. Muitas ideias foram trazidas para o campo reflexivo a respeito do Dia do Índio. Sem dúvida

muitas teorias educacionais realizam críticas a respeito das datas comemorativas nas escolas, inclusive eu mesma tinha severas críticas a respeito do cultivar as tradicionais datas comemorativas (famosas ideias de inovação e contrato pedagógico que realizamos nos cursos de graduação). Depois de alguns anos de escola, a sala de aula me fez perceber que não é a data que faz a diferença, mas o sentido que damos a mesma. O contar da Beija-Flor nos brinda com o vivido e o processo de olhar para si mesmo e perceber que se pode pensar diferentemente do que se pensa e mudar a história de interações na convivência.

Penso que os "*modismos educacionais*"<sup>34</sup> de certa maneira acabam impondo um mal-estar nas pessoas que aderem e também nas que não aderem, pois o vazio do pensamento ecoa na culpa de não saber bem o que fazer. Balandier (1997, 177) nos fala que "no campo cultural, os projetos de destruição das formas tradicionais (desconstrução) afetam a escrita, os estilos, as formas de expressão por revoluções mais ou menos efêmeras". A ruptura com o velho deixou de certa maneira os professores com uma falta "*apagaram tudo/ pintaram tudo de cinza/ a palavra no muro/ ficou coberta de tinta*"...<sup>35</sup>, sem referência com a tradição que na verdade está intrínseca a todos nós.

[...] certo momento não trabalhava mais o Dia do Índio: Não vou mais trabalhar o dia do índio, por um tempo não trabalhei mais. É dia do índio sim, dia de lembrar, mas não tinha conhecimento para trabalhar, só quando comecei a trabalhar com o filme: Continente de São Pedro, que passei a conhecer um pouco mais é que voltei a trabalhar o dia do índio, mas ia buscar a história da cultura indígena no Rio Grande do Sul, nos livros que

---

<sup>34</sup> Refiro-me aos *modismos educacionais* como as falas das muitas propostas pedagógicas que excluem (iam) o ensino tradicional por completo, que acredita (va) que a mudança só acontece (ia) com revoluções nas práticas pedagógicas, e que os manuais educacionais trazem (iam) a melhor maneira de ensinar e que na maior parte dos casos (desde minhas vivências) são utilizados somente em estágios docentes, trabalhos acadêmicos ou escolas laboratórios de aprendizagens, simplesmente utilizado em casos restritos, sendo que percebo que no cotidiano é a mistura de tudo que vale, sem preocupação com o "moralmente aceito pelas teorias", vale o que melhor se encontra com a vivência daquele determinado grupo. "*teve um tempo em que a letra cursiva era coisa de professor tradicional, um tempo em que a pedagogia brigou com os conteúdos, que o professor não podia trabalhar mais datas comemorativas era horrivelmente considerado antipedagógico, entre muitas outras modas que circulam nos meios educacionais.*" (registros pessoais, Lang, 2009)

<sup>35</sup> Trecho da música GENTILEZA da cantora Marisa Monte.

conhecia. Depois fiquei sabendo que não era tão correto as etnias aqui do Rio Grande do Sul. (Borboleta, professora, 21 de maio de 2010)

Hoje penso que a data comemorativa em algumas escolas, pode ser a única possibilidade de se falar no indígena. Quantas possibilidades elas podem nos abrir? Creio que em toda caminhada humana é importante termos vivenciado a dualidade das coisas, pois mesmo que a neguemos, ela está presente em nosso cotidiano. Na fala da Raiz podemos ver o quanto aprendemos a só ver de um jeito "[...] lembro que na época da escola eles não passavam muito bem pros alunos sobre essa cultura [...] o que era comentado é que os colonizadores encontraram eles aqui e que eles se iludiam com coisas modernas. E era só esse lado que enxergava". (Mãe, 10 de junho de 2010). Ou o índio é assim ou não é índio. A representação do indígena como um ser exótico está presente nas falas, nos cenários e nos muitos olhares focados nos indígenas.

Conseguir olhar o indígena diferente do *Ser Estranho* no contexto escolar é um exercício difícil, pois envolve uma sensibilidade que é individual (cada professora, aluno, pais) e uma disposição coletiva de se colocar na relação com outro tipo de ação pedagógica. Tentar encontrar um espaço para olhar diferente pode causar dor, pois desestabiliza, perturba e mostra que não é só uma coisa, que o indígena não é só puro, mas que também é, e que pode também ser outras coisas, pode ser *mau por matar um passarinho para comer, ou bom por matar a fome de seus parentes com um passarinho assado*. A presença do indígena de um único jeito ainda é forte no contexto escolar. Só nós mesmos podemos querer ver diferente. Pode estar na nossa frente uma vida pulsando e só vamos senti-la se quisermos.

[...] eu sou apaixonada pela cultura indígena, pela cultura afro, essas coisas de culturas, eu sou apaixonada. Toda vez que eu encontro uma programação sobre o índio, eu sou apaixonada pela dança... Te confesso, não tenho conhecimento maior a respeito, mas é aquela coisa de coração.

Tu olhas, tu sabes que gosta que te faz bem. Então sempre gostei muito, eu acho o índio uma coisa pura. (Tivi, secretária da escola, 09 de junho de 2010)

Durante todo o tempo de pesquisa convivi com duas realidades: De um lado a comunidade Mbyá Guarani defendendo a ideia de que as escolas precisam contar a verdade sobre sua cultura, sobre seu modo de ser e esclarecer sobre o respeito que o indígena tem quando se referem às outras etnias, que esse respeito deve ser recíproco e que a escola é muito respeitada por eles.

A cultura indígena tem que ser respeitada pelo branco, porque o indígena quando fala sua cultura não engana as pessoas é a verdade mesmo, então a gente quer a verdade das professoras e professores [...] Respeito. Respeito pelo menos. (Kuaraiy, junho de 2010)

Do outro lado, as professoras que dizem não saber "contar", ou melhor, o que contar. A grande maioria falou que não se sentia a vontade para falar sobre os indígenas, pois tinham muito pouco conhecimento. Escutei algumas queixas durante as entrevistas. Uma, sobre os livros didáticos que são muitas vezes o único suporte pedagógico de muitos professores e, na maioria das vezes, reservam uma única página com uma figura bem grande (geralmente de aldeias da Amazônia) com um texto pequeno. Podemos pensar que esses fatos também contribuam para que seja difícil trabalhar sobre os povos indígenas nas escolas públicas.

Assim, como eu trabalho com crianças, sempre pequenas, tem muitas coisas que só dou uma pincelada porque é muito profundo o assunto, mas de uns anos pra cá, procurei ler revistas e na época do dia, da semana do índio sempre sai algumas coisas de outras tribos, que as vezes nem o nome não sabemos. Então o que tento passar para os alunos [...] é sobre a alimentação, que muitos pratos que comemos vêm da cultura indígena [...] (Onça Pintada, maio de 2010)

Uma cena durante o final da apresentação da Dança Guarani na escola, me causou certo desconforto e com o olhar pude sentir que também causou algo diferente para o Eduardo. Logo após ele ter falado sobre a Dança e agradecer de coração pela acolhida da escola, uma professora pediu a palavra e fez uma defesa aos povos indígenas, lembrando as crianças que leram no livro que os *indígenas estão acabando* e que temos que valorizar os indígenas que temos na nossa cidade. Meu desconforto surgiu das conversas que havíamos tido, onde o próprio Eduardo contou que os povos indígenas estão crescendo e que a Nação Guarani é muito grande e se espalha entre as fronteiras da América Latina. Daí adveio minha dúvida: Será que quem conta inventa um mundo? Nem sempre vemos e escutamos as mesmas coisas, mesmo estando no mesmo lugar, observando a mesma imagem, nossas percepções são diferentes. Quando nos falta algo, talvez a invenção de um mundo confortável seja a melhor saída. Conhecimento, desconhecimento, erro, acerto, verdade, mentira, talvez no caminho...

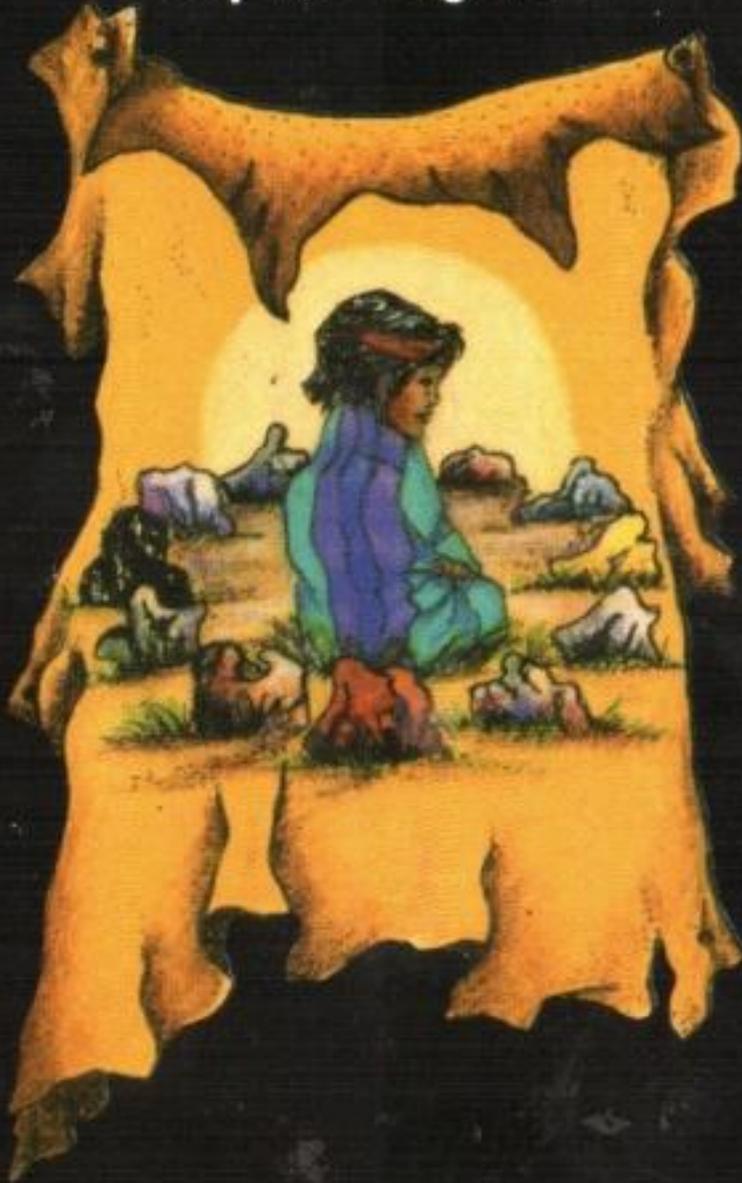
Conto sobre fenômenos que movimentaram o contexto das duas Escolas e de uma Comunidade de Mbyá Guarani que ao se encontrarem iniciaram um Diálogo Intercultural. Diálogo que se afasta um pouco de alguns discursos sobre o Multiculturalismo que reforçam a diferença e o respeito à diversidade cultural, e que muitas vezes em minha opinião nos sensibiliza para respeitar e não se aproximar daquilo que é marcado pela diferença. Talvez um pouco do distanciamento com as temáticas indígenas no contexto escolar seja essa aceitação do indígena como ser distante, sem chance de pensar o indígena junto a nós, falamos dele na escola sobre um ser que vive isolado, e não conseguimos vê-los passando em frente a nossa escola. Nessa pesquisa estamos presenciando uma aproximação há interculturalidade, pois o diálogo abre possibilidades de nos constituirmos na relação com o outro.

Para Canclini (2007, 17) ao contrário das concepções multiculturais, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Creio que o diálogo oportunizado pelo Encontro nos colocou entre culturas diferentes o que permitiu aflorar o estranhamento e o encantamento frente às relações entre escolas e a comunidade Mbyá Guarani, não só na aceitação da diferença, mas na compreensão de que é possível estar-junto numa mistura de sentidos culturais que se mostram na vivência. Canclini (2007, 17) nos fala que a interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. Talvez não usasse o conceito de que os diferentes são o que são, mas no caso específico da pesquisa os indígenas são o que se deixam ver, assim como nós, e, são também aquilo que vemos em nós e no outro.

É preciso dizer que a pesquisa se fez na relação com muitas cenas que eram "fisgadas" da convivência e trazidas para o campo das escritas e principalmente da reflexão. As cenas vão contornando a intenção do estudo e abrindo possibilidades para que possamos nos perceber e pensar sobre a importância de um encontro intercultural para nossa formação humana. As cenas mostram um pouquinho da relevância de estar nesse lugar de pesquisadora, a olhar para os movimentos de vida, contando sobre o vivido que às vezes parece óbvio, mas que guarda uma profundidade indescritível.

44

Espaço Sagrado



Respeito

#### 4.CENÁRIOS DOS ENCONTROS...

*"\_ Professora quando vou a Osório com minha mãe ela não deixa passar perto dos índios. Ela diz que eles nos passam doenças!"*

*(Fala de uma aluna da 4ª série da Escola Estadual na sala de aula, abril de 2010)*

*1ª Cena:* Na sala dos professores têm um espelho grande, enquanto esperavam o início da conversa: Eduardo, Ipólito, Sérgio e Francisco se olhavam no espelho, cena esta que despertou curiosidade das merendeiras que lá do refeitório "espiavam" o pessoal, inclusive comentaram sobre o encantamento deles com o grande espelho. **O Estranhamento!**

Como o olhar se lança da gente, talvez seja comum que queiramos olhar coisas por nós consideradas normais. Os sistemas de moralidades construídos pelo homem nos fazem definir normalidades e anormalidades Thomson (2002,17) nos fala que os códigos morais trata-se de regras de comportamento elaboradas por grupos de pessoas ou indivíduos para tornar a existência mais agradável para a maioria. Nem todas as coisas são aceitáveis por nossos códigos de regras de conduta. Coisas nos estranham. O que é normal cumpre com nossos códigos sociais, o que é anormal foge do que é definido por nós o "*certo*", está fora das nossas características pessoais. Ser normal está atrelado ao seguir padrões estabelecidos pelos códigos morais e como diz Thomson (2002, 89) há comodidade nos caminhos retos do dever, onde não exige que o indivíduo pense demais. Estranhar pode ser pensado como o encontrar-se com uma anormalidade, algo estranho as nossas virtudes, que está fora do estabelecido como boas maneiras de viver. Segundo Thomson (2002, 91) existe uma tendência da maioria

dos códigos morais de incluir uma porção de normas de conduta aparentemente triviais junto com importantes diretrizes para o comportamento humano.

Confúcio providenciou um vocabulário completo de atitudes sociais e detalhou regras que incluíam desde o comprimento das saias masculinas até a maneira apropriada de gaguejar quando apresentado a um estranho. A seu ver, a etiqueta ajudava a disciplinar as emoções, o ritual fazia parte do processo de aprendizagem. Tudo isso contribuiu para o cultivo de reflexos automáticos compatíveis com o objetivo moral geral. Como disse Goethe, não há nenhum sinal externo de polidez que não tenha um profundo fundamento moral.

A necessidade de pertencer a um lugar nos movimenta para estar condicionados a seguir as diretrizes dos códigos sociais. Temos guardado em nosso íntimo as boas maneiras de viver em sociedade e todo um regulamento sistematizado pela racionalidade que nos mostra o que é certo e o que é errado. *O que deve ser.* Refletindo sobre a 1ª Cena, talvez não deva ser normal para aquele grupo de pessoas verem várias pessoas ficarem um tempo cronológico grande em frente a um espelho contemplando-se e sorrindo para si mesmo. O fato parece simples, é comum que se estabeleça uma relação de estranhamento com o que foge de nossos códigos sociais, mas ao mesmo tempo não deixa de mostrar uma complexidade se pensarmos no tipo de relação que estabelecemos com o outro, a forma com que nos colocamos nas relações, o que esperamos do outro e essa questão na Educação é uma discussão fundamental para se pensar o cotidiano das escolas, pois nem sempre abrimos uma possibilidade para dialogar com o estranho. Estranho é estranho! E encontrar-se com o estranho nos coloca num cenário complexo que envolve nossa estrutura biológica e social, pois nos coloca numa situação de ampliação dos sentidos, num emocionar-se que afeta nosso viver, nossa corporeidade. Maturana nos faz ampliar a reflexão quando diz que:

Poderíamos dizer, não como metáfora, mas como uma afirmação biológica: nós somos em nossa biologia, em nosso pensar, em nossas crenças, em nosso modo de nos relacionarmos com os outros, com nós mesmos e com o mundo em geral, mundo que geramos em nossas relações com os outros. Em resumo, somos biologicamente o espaço psíquico e espiritual que vivemos, seja como membros de uma cultura ou como resultado de nosso viver individual na reflexão, que inevitavelmente, nos transforma porque transforma nosso espaço relacional. Por isso, qualquer que seja o espaço psíquico que tenhamos vivido, sempre poderemos mudá-lo mediante a reflexão que sujeita nosso presente e o põe frente a nosso querer. (1997, p. 121).

A possibilidade de haver uma mudança na nossa estrutura psíquica frente à relação nos ajuda a refletir sobre o Estranho que deixa de ser na relação, mas que ainda assim o é. Geramos na relação outro mundo, outras maneiras de conviver com os Estranhamentos. No momento em que a conversa se aproxima, começamos a compreender melhor o que somos na relação, como fala Maturana (1997, 121) como seres humanos somos o que somos no conversar, mas na reflexão podemos mudar nosso conversar e nosso ser. Durante as entrevistas realizadas me aproximei das reflexões que perpassam essa mudança estrutural que envolve diretamente nossas emoções, e que têm ligação com nossa liberdade de estar em constante reflexão. O se dar conta que as coisas não são como definimos anteriormente em nosso estado psíquico, nos coloca a organizar outro estado psíquico que é outra coisa e que depende do que estamos vivendo. Com base nas entrevistas foi possível perceber que as vivências modificam os espaços de relações e mudam nossa maneira de pensar e estar junto ao outro.

"Sempre esperamos algo", essa afirmação foi o que durante as entrevistas possibilitou a percepção dos muitos estranhamentos que se mostraram durante as vivências e as conversas com a Comunidade Mbyá Guarani. O Encontro com as pessoas indígenas Guarani gestaram espaços de reflexões quanto às ideias formadas sobre os indígenas. Havia no imaginário de todos participantes da pesquisa um indígena que não era o que estava em sua frente (próximo), se

colocando na relação, o indígena que se apresentava era aquele que fazia parte do simbolismo coletivo que como nos conta Maturana (1997, 121) pertence ao espaço psíquico que se conserva geração após geração com aprendizagem do viver cotidiano como membro de uma cultura. Tivi encena na sua fala um pouco sobre o estranhamento que sentiu ao ver que não é o que esperava ser no Encontro com as pessoas indígenas Guarani:

Eles foram bem acolhidos e deram esse retorno pra gente. Tanto que na hora de ir embora, na hora das fotos, tu sentias aquele carinho deles pela gente e da gente por eles. [...] Eu acho que não esperava que fossem assim, achei que eles fossem mais arredios [...] Mas não. Eles foram carinhosos. (Secretária da escola, 09 de junho de 2010).

Ter a disposição de estranhar-se e se colocar na relação com as coisas que estranham nos fazem perceber os espetáculos que constituem o cotidiano, as diferentes formas e pensamentos que estão presentes nos contextos sociais e a possibilidade de se pensar diferentemente. A vinda dos indígenas até a escola, até a cidade, foi encenada em muitos cenários. O Estranho e o Estranhar-se estiveram presentes em alguns cenários que apresentaram os fenômenos do Encontro. Uma fala de uma professora ao chegar à escola apresenta esse lugar do Estranho adentrando no nosso espaço (cidade/ escola/ pensamento/ emoções): "Hoje vi o Ipólito e o gordinho estavam bem arrumadinhos. Estranhei que me conheceram!" (Lang, Diário de Campo, 11 de maio de 2010). Na verdade o Estranho aos poucos vai sendo familiarizado ao nosso espaço, mas sem deixar de ser o estranho. Bauman (2004, 128-129) nos ajuda a pensar sobre a relação da cidade e do estranho quando diz que:

Os estranhos não são uma invenção moderna, mas aqueles que permanecem estranhos por um longo período, ou mesmo perpetuamente, são. Numa típica cidade ou aldeia pré-moderna, não era permitido permanecer estranho por muito tempo. Alguns eram expulsos, ou nem chegavam a obter permissão para entrar. Os que desejavam e conseguiam entrar e permanecer por mais tempo tendiam a ser familiarizados - submetidos a

interrogatórios minuciosos e rapidamente domesticados - de modo que pudessem integrar a rede de relacionamentos como se fossem moradores estabelecidos: no esquema pessoal.

Para Bauman (2004, 129) os estranhos permanecem e se movimentam em íntima e recíproca proximidade, o Encontro da Escola com a Comunidade Mbyá Guarani mostrou um pouco dessa permanência do Estranho (pessoa, ação), pois ao mesmo tempo em que a relação encenava proximidade, os Estranhamentos permaneciam durante os diálogos e as vivências. O autor provoca a pensar quando aproxima a discussão do Estranho com a insegurança que nos atemoriza diante do desconhecido, me fazendo refletir sobre o advento da Semana da Cultura Indígena nas Escolas e o medo do desconhecido.

"Percebi que o medo de encontrar-se com o indígena, era um medo de conviver com o desconhecido, com algo que não poderia ser definido... Foi possível sentir na entrevista com a Beija-Flor e nos Bastidores das escolas o medo, a insegurança das professoras diante de uma nova experiência, um Encontro. Talvez o medo fosse consequência de não se saber o que aconteceria quando conversássemos com o Índio, o até então ser estranho". (Lang, Diário de Campo, 09 de junho de 2010)

A fala de uma professora encenou a aproximação e a constituição de outra forma de ver o indígena (estranho) na escola. No momento que ela falou: "Como o Eduardo é bonito! Ele é muito bonito!" (Lang, Diário de Campo, 22 de maio de 2010) várias professoras que estavam próximas concordaram, sentindo-se mais livres para confessarem suas percepções. O Indígena começava a ser percebido além do Ser Índio. Senti como se estivessem olhando para o Índio Guarani (estranho, exótico, ingênuo, coitadinho) como um homem (espécie humana) belo, com uma beleza natural que só se torna visível no viver junto, no estar-junto, no presente.

Viver junto pode significar dividir o barco, a ração e o leito da cabine. Pode significar navegar juntos e compartilhar alegrias e agruras da viagem. Mas nada tem a ver com a passagem de uma margem à outra, e portanto seu propósito não é fazer o papel das sólidas pontes (ausentes). Pode-se manter um diário de aventuras passadas, mas nele há apenas uma ligeira referência ao itinerário e ao porto de destino. É possível que a neblina que cobre a outra margem- desconhecida, inexplorada- se suavize e desapareça que venham emergir os contornos de um porto, que se tome a decisão de atracar, mas nada disso é, nem deve ser anotado nos registros de navegação. (BAUMAN, 2004, p.47)

A citação de Bauman me foi sugestiva ao pensar na Semana da Cultura Indígena, estávamos juntos num barco, encenando várias aventuras de um Encontro, onde não tínhamos a pretensão de atravessar fronteiras, de adentrar em outra cultura, mas de navegar juntos por um tempo único (não cronológico/ que poderia ser uma semana para uns, ser um dia para outros ou meses) numa aventura cultural.

Barth (2002, 26) ajuda na compreensão desse estar-junto com os indígenas Guarani quando fala sobre as relações étnicas e o perigo de uma visão simplista de que os isolamentos social e geográfico foram os fatores cruciais para a manutenção da diversidade cultural. Na Semana da Cultura Indígena nas Escolas pude presenciar diferentes maneiras de pensar sobre o indígena e sua cultura. Violeta contribui com as reflexões quando conta sobre seu estranhamento com relação ao pessoal indígena Mbyá Guarani:

Me espantei em conhecer algumas coisas que eles relataram pra nós. Achei muito estranho. Por exemplo: eles vieram pra cá, passaram o dia na escola e estavam muito cansados. No entanto a gente passa o dia trabalhando, a noite trabalhando em casa e tem que sempre estar dando conta do recado.( Diretora escolar, 17 de junho de 2010)

Durante o estudo, o estranhamento foi se mostrando em diferentes campos: ora pelo jeito de ser Guarani, ora pelo jeito que as professoras aprenderam sobre a Cultura Indígena, ora pela língua Guarani, ora pela

comparação entre as culturas, ora pelo encontro intercultural que foi se constituindo e fazendo emergir coisas que ora nos distanciava, ora nos aproximava. A citação acima nos encena o quanto estamos amarrados ao *dever ser* e a um modelo moderno de vida que nos impõe uma lógica para a vida que do nosso ponto de vista é a normal, a certa. Vivenciar outra possibilidade de *estar no dia* (tempo e espaço) nos perturba e estranha, pois acaba nos apresentando outras lógicas de viver, outra maneira de pensar e estar no mundo. Quando Kusch compara a lógica ocidental com a lógica dos quíchuas me ajuda a pensar sobre a distancia que existe entre as lógicas diferentes.

*La distancia es la que existe entre un mundo sin objetos y con sólo el hombre, a un mundo con objetos pero sin hombres, para ser meras conductas, sin su transfondo biológico. Hay en todo ello un escamoteo del accidente, que el quíchua resuelve em su plano humano com el refugio em el yo y el occidental em su plano opuesto como lo es la ciudad.( 1986, p.66)*

Nas entrevistas fui me dando conta que o estranhamento perpassou por todos os participantes do estudo, inclusive por mim no início da pesquisa quando estranhei as crianças não irem para uma escola, estranhei aquela comunidade escolher viver sem escola (prédio, instituição de ensino) e a partir daí me coloquei na condição de pesquisadora na relação com a cosmologia Guarani e aos poucos foi acordando em mim possibilidades de poder olhar para outras lógicas, partindo das lógicas que faziam parte do meu mundo. Bergamaschi (2009, 65) me ajudou a compreender aspectos importantes da cosmologia Guarani quanto à Educação Tradicional:

A afirmação colonizadora que ecoou durante muito tempo é de que o povo Guarani não possui educação, pois não possui um sistema educacional compatível com a compreensão ocidental moderna de educação. O que revelam é um sistema educacional complexo, comprometido com a pessoa, na sua individualidade, bem como com o coletivo, pois é nesse limiar que o Guarani terá que dar conta da vida.

Depois de conviver com as pessoas da Tekoá Yryapu fui compreendendo junto a eles que a escola pensada por mim, não é pensada por eles. Que a Educação é diferenciada. Lembro que estranhei quando Seu Augusto me disse que não é o prédio da escola que dá educação (Diário de Campo, 14 de março de 2009). Estranhei também quando contaram que na Aldeia a Educação começa com seriedade dos 6 aos 7 anos e que os ensinamentos são da vida, das vivências, ensinam as plantações, o respeito aos mais velhos, fazer casas, tudo que precisam saber para viver. (Diário de Campo, 14 de março de 2009). Estranhei também um dia quando Eduardo disse que a Aldeia não pensa só na escola, a vida não depende da escola. (Diário de Campo dia 16 de maio de 2009). Os Estranhamentos foram agregando outros tipos de conhecimentos que foram mostrando outros pontos de vistas e me fazendo compreender as muitas cenas que vivenciei durante nosso estar-juntos.

Esse poder ampliar-se para o mundo e para as coisas me colocou a andar com outras pessoas (Indígenas Mbyá Guarani, Escolas, Minha Família, Meus amigos e amigas), conseguindo assim estabelecer conexões entre os vários mundos que habitam um pequeno município como Palmares do Sul e o meu próprio mundo. Os estranhamentos têm sido descrito com a intenção de que seja percebido que eles são necessários para a compreensão de que nosso pensamento se organiza na relação com o outro, com o olhar que lançamos as coisas. Conseguir perceber que na cidade que moramos existe mundos diferentes estranha, mas nos fazem olhar outras coisas, coisas invisíveis. Calvino (1990, 17-18) ajuda a refletir sobre a estranheza de olhar para o que na verdade não se pode definir com a certeza, apenas pode-se descrever (a partir de meu imaginário) e tentar perceber que uma coisa nos leva a outra.

*Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o*

pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável- árvores e pedras são apenas aquilo que são. [...] Os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas. [...] O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. [...] o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber. [...] O homem se propõe a reconhecer figuras [...]

Não é possível definir os motivos que levam ao estranhamento de cada um que ao encontrar-se com uma imagem desconhecida estranha-se. Pode-se pensar que se há estranhamento, há o reconhecimento de alguma coisa. No encontrar-se com a Comunidade Mbyá Guarani, houve o estranhamento que nos fez reconhecer uma etnia e cultura diferente da nossa. A estranheza ao ver o quanto repetem as coisas quando falam, ou a paciência quando escutam, ou o cuidado com que se organizam para qualquer momento da vida, as estranhezas foi me fazendo reconhecer outra maneira de estar no mundo... Tivi nos ajuda a pensar sobre o quanto temos dificuldade de reconhecer o outro, e que na verdade nos condicionamos a ver imagens, que nem sempre é o que se mostra.

Eu não consigo ver o índio como o ser humano esse que convivemos hoje. Eu olho o índio com olhar assim: ele é puro, é ingênuo, sabe? Esse é o olhar que eu sempre tive sobre o índio. Aquela coisa primitiva e que não tem esse convívio com a civilização [...] Então a cultura deles, a maneira como eles vivem, tu sabes que um povo pode tirar remédio, pode tirar alimento, pode tirar uma série de coisas de uma mata, que às vezes tu não calculas que venham te trazer benefícios, então eles sobrevivem dali. E tem conhecimentos que a gente muitas vezes não tem noção. (Secretária escolar, 09 de junho de 2010)

Aprendemos a estranhar o desconhecido. Se dar conta que não podemos calcular e conhecer tudo, as vezes, nos causa dor quando estamos frente ao que não estava previsto, ou seja, um conhecimento diferente do que pensávamos conhecer. Durante a Semana da Cultura Indígena nas escolas o "pensar que sabia"

foi constante. Muitas foram às cenas e falas durante as entrevistas e nos bastidores da escola que mostravam o susto diante do que se pensava saber.

[...] quando eles se apresentaram aqui na escola eu esperava aquela dança bonita, envolvida e veio uma dança bonita, mas simples das crianças, e de tanto assistir na televisão eu esperava algo mais. Então o conhecimento que tenho deles é o que mostram na televisão, a cultura diferente, o meio que cada um vive na Amazônia, no Paraná, mas aqui no Rio Grande do Sul o índio que conhecia era aquele índio de debaixo das estradas quando estamos indo para Porto Alegre. Era aquele índio que conhecia. (Violeta, Diretora escolar, 17 de junho de 2010)

A distância existente entre o que se sabia e o que estávamos tentando saber pela Oralidade dos Indígenas Mbyá Guarani era muito grande, a maior parte das professoras das escolas e as entrevistadas não tinham conhecimento sobre os Mbyá Guarani, sabiam o que a mídia apresenta na televisão e o que haviam aprendido enquanto alunas. O Índio para muitas delas estava colado na imagem do índio da Amazônia, o que vive na mata, que pinta o rosto e vive nu.

Concepções fortes envolvidas pelos códigos sociais fazem com que o indígena permaneça no campo da imagem exótica e imoral como a cena mostra: "Uma professora, toda envergonhada, pediu que eu perguntasse sobre o casamento, se casavam com parentes próximos. Quando fizemos a pergunta ao Eduardo ele respondeu que "o casamento não é realizado com parentes próximos e que quando querem casar vão a outras aldeias, se conhecem, conversam com os pais e moram um tempo juntos para ver se vão ser felizes". Um alívio foi sentido na expressão facial da professora, mais ou menos como: Ufa! Não casam com parentes próximos (não são a favor do incesto). Penso que a pergunta foi interessante para todos os adultos presentes, pois o tema levantado é algo que mexe com a moralidade cristã da maioria das pessoas.

A Caricatura do Índio Selvagem ou do Puro e Ingênuo permanece nas falas de algumas pessoas mesmo depois de escutar e olhar o Indígena Contemporâneo.

Creio que não seja por querer negar o que se vê, mas pela força do conhecimento oficial que acabamos estranhando o que está no campo das vivências, da oralidade, do nosso cotidiano. Para Onça Pintada é difícil falar do indígena hoje, pois como ela diz “no tempo que estudávamos, o índio era aquele ser da floresta e aí a vida inteira nós trabalhamos com as crianças assim [...] Era o que sabíamos: viviam na floresta, eram seres diferentes da gente, outra cultura realmente”. (Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental, 27 de maio de 2010)



Foto 30: Cartaz construído na Escola de Educação Infantil Pintando “7” que traz o indígena nu, o indígena de 1500, o índio guerreiro, ao lado do mural que continha fotos da Tekoá Yryapu.

No I Fórum Internacional da Temática Indígena<sup>36</sup>acompanhei as falas dos alunos indígenas cotistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que contavam sobre a dificuldade que é conviver na Universidade com os Não-Indígenas, relataram que ainda existe muito preconceito quanto aos indígenas. Lembro-me de uma das falas da Denise (Indígena Guarani) que contou que teve uma colega que pesquisou na internet sobre o que era índio, e também

<sup>36</sup> I Fórum Internacional da Temática Indígena realizado no período de 27 a 30 de junho de 2010 no Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo na cidade de Porto Alegre- RS- Brasil.

perguntavam a ela sobre o que comia o que vestia na aldeia, enquanto escutava os relatos refletia sobre os muitos estranhamentos que acompanham Encontros, Diálogos, Vivências com os Povos Indígenas e isso acontece tanto na relação com acadêmicos da Universidade como com alunos do Ensino de Educação Infantil e Fundamental. Quando Leonilso (Indígena Kaigang) falou sobre o distanciamento dos Não-Indígenas quanto ao conhecimento a respeito dos Povos Indígenas me trouxe elementos importantes para ser tratado nesse espaço de pesquisa. Quando ele disse que os Não- Indígenas "sabem o que é os americanos, mas não sabem o que é ser brasileiro, o que é ser indígena também e que estão focados em 1500 na época de Cabral" movimentou meu pensamento para as entrevistas realizadas com as professoras, estas que afirmavam o que ele falava. Essa reflexão encena de certa maneira outra possibilidade de se pensar sobre as histórias oficiais, possibilitando que as histórias orais aos poucos possam ser contempladas nas escolas.

E assim, este ano quando fui trabalhar com as crianças o descobrimento do Brasil: Gente! Que descobrimento do Brasil? Quem sabe vamos mudar esse título? Até os cartazes foram feitos: A chegada dos Portugueses ao Brasil. Sabe? Já passar essa visão para as crianças, que na verdade eles apenas chegaram. Se é que essa história é realmente verdadeira ou não, essa chegada dos Portugueses ao Brasil, mas que já tinha dono, já tinha gente morando aqui. Como é que eles descobriram o Brasil? Fazer as crianças pensarem dessa forma, não é? Já tinha tanta gente morando aqui, como é que foi descoberto pelos outros? Como se o índio não fosse nada. Foi isso que foi passado a vida toda pra gente! (Sol, professora e mãe de aluno, 26 de maio de 2010)

"O que foi constituído com a gente durante nossa formação sobre os Povos Indígenas?" Creio que essa pergunta seja fundamental no pensar o Encontro e os Estranhamentos com os Indígenas Mbyá Guarani. Se aprendemos que os indígenas são ingênuos, serão sempre ingênuos? Se aprendemos que os indígenas são vagabundos e relaxados, serão sempre vagabundos e relaxados? Se aprendemos

que os indígenas foram disseminados, não conseguirei visualizar os indígenas em minha volta? Se aprendemos que são coitadinhos, serão sempre coitadinhos? Se aprendemos que são espertos, serão sempre espertos? Se aprendemos que são seres primitivos e inferiores a raça branca, serão sempre assim? Será que desaprendemos as coisas aprendidas ao longo de nossa história de vida? Será que existem meios educacionais, fórmulas, teorias, leis capazes de mudar o que se tem dentro de si sobre os Povos Indígenas? O que movimenta tudo isso dentro de cada pessoa? Penso que essas inquietações servem de pontos de reflexão a cerca do que trago, pois somos frutos de relações estabelecidas ao longo de nossa vida. Lembro-me de um trecho do Livro *Casa Grande e Senzala* que conta sobre a imposição do uso de roupas aos indígenas e que de certa maneira veio afetar toda uma cultura, todo um modo de viver:

O vestuário imposto aos indígenas pelos missionários europeus vem afetar neles noções tradicionais de moral e de higiene, difíceis de se substituírem por novas. É assim que se observa a tendência, em muitos dos indivíduos de tribos acostumadas à nudez, para só se desfazerem da roupa europeia quando esta só falta largar de podre ou de suja. Entretanto são povos de um asseio corporal e até de uma moral sexual às vezes superior à daqueles que o pudor cristão faz cobrirem-se de pesadas vestes. (Freire, 1933, p.145)

Obviamente hoje a maioria dos indígenas agrega em seus modos de viver o mesmo vestuário que usamos (o que motiva muitos dos estranhamentos na relação com pessoas), a imposição de uma nova maneira de vestimentas foi um processo difícil que passou de geração em geração, até que o indígena utilizasse roupas como as nossas. O processo de agregar em nosso modo de viver uma nova tendência não é fácil, pois envolve todo um estar no mundo, estar na relação com as coisas. Coisas essas que muitas vezes nos Estranham. Há algum tempo atrás, culpava os professores por ensinarem que Pedro Álvares Cabral descobriu o

Brasil, achava que muitas professoras eram alienadas e não tinham consciência da nossa responsabilidade enquanto cidadã e educadora. Metaforicamente falando talvez quisesse impor vestuários europeus nos professores... Ilusão?!... A ampliação da consciência é algo que acontece na relação, nas vivências e nas muitas formas de estar-junto.

Hoje percebo que consciência não se impõe. Quando vivenciei as falas de algumas professoras e indígenas Guarani fui me dando conta que o Encontro, que a Semana da Cultura Indígena nas Escolas precisavam ter sentido, mas um sentido que fosse sentido por cada pessoa diferentemente. Os Estranhamentos foram contornando os Sentidos. Essa ampliação de consciência foi sendo mostrada em muitas cenas. Sol, durante a entrevista disse: "a gente bate tanto que passaram as coisas camufladas para nós, mas eu de repente estou fazendo isso, se eu não parar pra pensar a minha forma de trabalhar, a minha forma de agir. Eu vou fazer a mesma coisa que fizeram comigo a vida toda!" (Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Mãe da Escola Municipal de Educação Infantil, 26 de maio de 2010). Senti como se o Estranho, estivesse fazendo estranhar-se a si mesma.

No início, quando foi lançado o projeto, vou ser honesta, eu pensei: Ah, já vem a Roberta com as coisas dos Índios. Aí foi, comecei a observar, como é que eu vou trabalhar? Comecei lá pela história do Brasil, que já estava mesmo no meu programa de trabalho. Dali começou a surgir muitas coisas das crianças, porque eles estão na 3ª série, mas já vieram da escolinha com todo esse trabalho e comecei a observar os livros. O que os livros te mostram: aquela coisa folclórica do índio e o que é a realidade do índio; e comecei a observar depois que todos os dias tinham coisas nas paredes, todo dia tinha gente falando e todo dia tinha material. Aí um dia assisti ao vídeo [...] Eu amei aquele vídeo [...] Foi muito bom [...] ótimo mesmo. [...] o último dia que os índios foram na escola e foram dançar e mostrar, eu comecei a me sensibilizar mais ainda e aquela semana o projeto terminou e eu continuei o meu trabalho porque eu achei que tinha que ter mais. Aí comecei a vivenciar dentro da minha casa com o meu filho. [...] Um dia ele comentou: Mãe, o índio é igual à gente, só que ele é de uma maneira

diferente, ele vive diferente. Aí eu disse: Puxa que bom que ele com quatro anos já está tendo essa oportunidade de vivenciar isso na escola dele.[...] Levei tanto tempo pra me acordar, claro que aos poucos né? E ele já tem essa ideia.( Sol, professora e mãe, 26 de maio de 2010)

Todo esse processo de conhecer outra cultura, não é algo imediato, leva um tempo até que o Estranho torne-se familiar (ou familiarizado). Aprender a respeitar o Estranho é um desafio do conviver nos dias de hoje, pois temos na maioria das vezes a pretensão de que o Estranho não mais seja o Estranho, queremos que o Estranho o deixe de ser, para ser Igual a mim. Tanto que muitas falas trazem duas visões de Índios: O autêntico (eterno estranho, que vive na mata, pinta o rosto, usa cocar e vive em oca) e O não-autêntico (aquele que não é mais índio, já é como nós). Esse pensamento infelizmente ainda hoje movimenta universidades, escolas, sociedade. Tenho na memória uma cena que aconteceu comigo no final do ano de 2008 com pessoas não participantes da pesquisa: Em um almoço de domingo entre algumas pessoas conhecidas e consideradas cultas pelo grau de instrução escolar e experiências de vida ficaram sabendo que estava realizando uma pesquisa com Indígenas e simplesmente me bombardearam de perguntas sobre os Índios, me senti envergonhada por não saber responder a tantas perguntas. Uma das perguntas que ficou marcada em minha memória foi: Na tribo que você vai ainda têm índio autêntico? Devolvi a pergunta: Como assim autêntico? Ele perguntou novamente: Índios Autênticos, Verdadeiros? Eu novamente perguntei: Como assim verdadeiros? Ele disse: De verdade, pois têm alguns que andam por ai que não são mais índios! Estranhei aquela fala vinda de uma pessoa tão bem formada e informada. Então minha resposta foi: Lá na Aldeia moram pessoas que são indígenas guarani e silencieei... Estranhamentos na convivência.

A caminhada das escolas encenam espetáculos importantes que apresentam os estranhamentos como parte do processo de aprendizagens sobre o modo de

estar e viver do Indígena Guarani. Novas configurações de ações foram se definindo na convivência entre os Indígenas Guarani, e as escolas. Com base nas Escolas, na Tekoá Yryapu, nas entrevistas realizadas, nas participações de discussões sobre a temática em outros espaços da sociedade posso contar sobre as percepções que germinam de toda uma relação que se constituiu a cerca da temática Indígena, na verdade é bem como a Angélica (Indígena Kaingang) que participou da mesa dos alunos cotistas da UFRGS no I Fórum da Temática Indígena disse: "Existe muito preconceito ainda, sabem muito pouco do índio de hoje. Somos todos iguais, temos diferenças. Somos tratados como uma comunidade a parte". (I Fórum Internacional da Temática Indígena, 30 de junho de 2010).

Quando escutei da maioria dos indígenas acadêmicos (participantes da mesa do I Fórum Internacional da Temática Indígena) que na própria universidade sofrem desrespeito dos professores e colegas, refleti muito sobre a força moral que domina as ações humanas, e que muitas vezes nos coloca numa condição de estranhar-se, de não saber o que fazer com toda uma história de interações da vida que estão impregnadas em nossa maneira de estar e pensar na relação com o outro. A partir dessas escutas aproximei o Encontro das duas Escolas e a Comunidade Indígena Guarani nas falas que estavam sendo contempladas nessas vivências para tentar compreender que as cenas que se mostravam eram semelhantes às cenas de outros espaços e tinha de certa maneira relação com os sistemas sociais, com os membros constitutivos de determinada sociedade. No caso específico da pesquisa no que se refere à relação com as aprendizagens escolares e vivências a cerca da temática indígena, o espetáculo mostrou que os cenários não estão presentes somente em escolas de Educação Infantil, Educação Básica e Ensino Médio, mas se mostram por muitos outros campos inclusive no meio acadêmico que é formador de formadores, de

professores de Educação. Creio que a reflexão se amplia no momento em os estranhamentos vão promovendo outras possibilidades de se pensar uma mudança social, um novo jeito de pensar e principalmente sentir o indígena no nosso cotidiano, na realidade escolar e quem sabe na nossa própria ancestralidade.

Para Maturana (1997, 190) a mudança social é uma mudança nas configurações de ações coordenadas que define a identidade particular de um sistema social particular. O autor acrescenta que a mudança social só acontece quando o comportamento dos sistemas vivos individuais que compõem o sistema social se transformam de maneira a dar origem a uma nova configuração de ações coordenadas que define uma nova identidade para o sistema social. Beija-flor traz para o corpo dessa pesquisa a estranheza como um elemento importante para a mudança no seu comportamento e do próprio grupo escolar que foi aos poucos se configurando diferentemente, ela conta sobre sua percepção ao sentir que a presença indígena na escola estava mudando.

Sabe no dia, quando vi eles chegando à escola, eles estavam assim, normal. Me estranhou[...] Chegaram lá na escolinha, sentaram no refeitório, tomaram café, comiam, um falava... [...] ambiente da escola. Dali a pouco chegaram às crianças também, ficaram ali e eu me questioneei: Meu Deus será que isso está certo? Será que está tudo misturado? Aí comecei a estranhar: eles tomando café e eu entro de repente, eu olho pra eles, eles olham pra mim. E agora? O que eu digo? Bom dia! Ou não? Porque eles estão falando na língua deles... Aí eu tentei ser simpática: Oi. Bom dia, fazendo um lanchinho. Aquilo me deu um impacto. Depois voltei com as crianças, mas as crianças já estavam bem acostumadas [...] Aquelas crianças pequenas com as nossas [...] No fim deu uma integração legal porque estavam até jogando bola. (professora, 30 de junho de 2010)

Penso que o Encontro das Escolas com a Comunidade Mbyá Guarani e da Comunidade Mbyá Guarani com as Escolas significaram uma mudança social importante que encenou o papel do Estranho como elemento fundamental para se pensar e repensar o próprio pensamento a respeito da convivência com o Outro. Barth (2000, 26) contribui para que se pense que é possível estabelecer relações

sociais entre as fronteiras étnicas quando diz que as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais, mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos. Dessa maneira o autor nos ajuda a perceber que os Estranhos, as estranhezas não precisam ser destruídas e sim, conhecê-las para que possamos nos Encontrar, Encenar, Dialogar... Como ele diz a interação dentro desses sistemas não leva a destruição pela mudança e pela aculturação: as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias. Os Encontros podem permanecer e a Interculturalidade germinar das Estranhezas que fazem tornar o Outro visível.

*"Antes eu tinha medo dos índios, cada vez que eu passava por eles eu ia para o outro lado da rua. Agora não, com a visita deles na escola me tornei amigo deles e não tenho mais preconceito".*

(M. 10 anos, 4ª série do Ensino Fundamental)

*2ª Cena:* Uma professora que está se aposentando confessou que nunca tinha visto os índios na cidade e pediu se podia tirar fotos. Tirou muitas fotos, fotos de vários jeitos. O olhar dela brilhava, parecia estar diante de algo inusitado ( talvez para ela fosse). Dizia a eles que eram lindos. Pediu a eles para colocar no Orkut dela as fotos. Eles só riam. Momento do encantamento. ○

### **Encantamento!**

A sensibilidade de encantar-se diante de algo belo, diferente, inusitado, generoso, orgânico, desconhecido, e principalmente da vida como ela é, fizeram germinar muitos encantamentos que apresento como fontes das aproximações nos Encontros Movediços.

No primeiro capítulo conto sobre meu encantamento com esse Encontro que mudou meu pensamento e minhas ações a respeito dos povos indígenas. Conto do meu encantamento diante de uma cultura diferente, de pessoas de etnia Mbyá Guarani, do colar que recebi de presente quando visitei a Tekoá Yrypau pela primeira vez, do jeito de ser guarani que me encanta sempre que estamos juntos, do jeito que *guardam* sua cultura, sua língua... A escolha da cena que descrevo acima foi uma forma de mostrar o quanto somos surpreendidos durante nossas vidas por coisas que num primeiro momento nos estranham e logo depois nos encantam, o encantamento traz em si a dimensão sensível da nossa racionalidade, pois nos faz refletir sobre o que nos é sensível, perceptível aos nossos sentidos, afetos e emoção.

O encantamento humano é um tema profundo e pode ser manifestado de várias formas. Nesse espaço penso no encantamento como uma magia e deslumbramento, pois creio que encantar-se envolve todo um processo cabalístico que é próprio de cada pessoa e um deslumbramento coletivo que é um pouco de encantar-se em comunhão. Nas escolas foram perceptíveis muitos deslumbramentos compartilhados que se mostravam nas cenas, nas falas e também no silêncio das pessoas participantes da pesquisa. Beija-flor conta emocionada sobre seu encantamento com o jeito de ser Guarani, coisas que afetaram seu pensamento de forma significativa, de um jeito que a fez pensar sobre si mesmo: "Me encantou mesmo o afetivo deles, a questão do silêncio é muito interessante, parece que eles dão mais valor às nossas palavras, eles te ouvem mais, eles te dão mais atenção, não são como nós, que não ouvimos. Eles param pra te ouvir, ouvir." (Professora, 30 de junho de 2010). Esse se dar conta que, algumas coisas nossas carregam certa falta de sentido em relação a alguma coisa que é do outro nos encanta. Perceber que o silêncio é importante e que o ouvir é um espetáculo encharcado de sentido nos coloca a refletir sobre outras lógicas que se tornam visíveis no estar-junto.

O Indígena Guarani adentrou nas escolas encantando pela forma desconhecida, muitas das falas afirmam que o encantamento germina do Encontrar com algo que se pensava ser de um jeito (o índio já estava pronto no imaginário de cada um: selvagem, exótico, ingênuo, preguiçoso, relaxado, vagabundo, coitadinho, etc..), mas que se mostra outra coisa, uma coisa diferente daquilo que pensávamos (o índio com um modo de viver diferente, mas que comunga da mesma cultura humana, que é um entre muitas outras coisas). O deslumbramento coletivo a respeito da Comunidade Mbyá Guarani possibilitou a percepção de que a identidade do indígena não está presa na imagem que foi construída ao longo da nossa história de vida. O indígena pode ser outras coisas

também. Assim como também podemos ser outras coisas, inclusive deixar se mostrar a própria ancestralidade indígena que carregamos no ser brasileiro.

Para Maffesoli (2001, 71) a metáfora do nomadismo pode nos incitar uma visão mais realista das coisas: a pensá-las em sua ambivalência estrutural. O pensamento de que a pessoa não se resume a uma simples identidade, mas desempenha papéis diversos através de identificações múltiplas. As imagens que estão de passagens vão produzindo e se reproduzindo ao entrar em relação com o outro, no momento em que vejo de um lado o indígena Mbyá Guarani, pintando-se para um ritual na escola, e do outro, os alunos e professoras esperando exatamente por um indígena pintado. Estranho a nós e que nos encanta pelo movimento próprio da vida que é essas muitas imagens que nos constituem. A imagem que deixa de ser no momento que ele está junto a nós, sem pintura, sem colares, falando a nossa língua. Outra imagem se mostra. O Encantamento que amplia nossa consciência em relação ao outro, se dá na relação dessa troca de símbolos, da própria alteridade.

Através dos objetos expostos como espetáculos, do ambiente específico que criam, e certamente dos encontros, ou simplesmente do roçar de corpos que aí se dá, esse nômade vive uma espécie de embriaguez: a perda de si num conjunto quase cósmico. [...] Lugar onde se expressa a empatia em relação aos outros, lugar onde se escapa, imaginariamente, para atingir a alteridade absoluta. (MAFFESOLI, 2001,p.89)

No momento em que chego à escola e vejo um aluno usando um colar do artesanato Mbyá Guarani de um jeito normal, sem nenhuma ocasião especial, simplesmente pela empatia em relação aos amigos guarani, penso nos processos de identificações próprios do nosso cotidiano. Durante a Semana da Cultura Indígena Mbyá Guarani todos os dias usei adornos que de certa maneira me aproximava da Comunidade Guarani e ao mesmo tempo estabelecia certa magia,

própria da sedução que a empatia promove. Creio que a frase que encena esse pensamento seja:

"Eu não sou uma Mbyá Guarani, mas nesse instante me identifico com eles, me constituo nessa relação, é como se estivesse pertencendo através das falas, dos sentidos, do uso de colares indígenas". (Lang, Diário de Campo, 13 de abril de 2010).

Esse vestir-se do outro se torna tão real, que é aquilo que se mostra naquele momento. Lembro-me de uma cena de uma aluna no momento em que os Mbyá Guarani estavam expondo seus artesanatos e eu estava próxima deles ela me perguntou encantada: Professora você é parente dos índios? Naquele momento me questionei sobre o que estava me identificando com eles naquele momento, o que estava me constituindo parente dos Mbyá Guarani. Seria a potência dos Encontros que leva a desintendidade<sup>37</sup>? A aventura da vida nos abre possibilidades de ser e estar de outros jeitos, o que do meu ponto de vista serve de cenário para os Encantamentos. Maffesoli (2001, 116-117) quando nos fala da continuidade da existência feita de múltiplos desvios nos faz refletir sobre a impermanência das coisas, das pessoas, das relações.

A vida errante nada mais é do que individual. O politeísmo dos valores do qual ela é a causa e o efeito, a pluralização da pessoa vivida inocentemente, de um modo natural, tudo isso leva a um encanto pessoal. Encanto que é preciso compreender em seu sentido estrito e que, seguramente leva a um mundo reencantado. Um mundo animado por forças vitais, mundo em que o indivíduo decide menos por si próprio que está decidido, quer dizer, em que ele é vencido pelos instintos, pelos sentimentos e por outras formas de paixão.

A experiência do Encontro vivida entre os Mbyá Guarani e as Escolas mostram elementos importantes para se pensar na Educação Escolar, pois abriu a possibilidade de se pensar nos Encantamentos como um instante vivido para além

---

<sup>37</sup> Coloco o termo *desintendidade*, como alguém que perde sua única identidade para abrir-se para outras possibilidades de identificações.

das histórias indígenas esgotadas em definições e pré-conceitos elaborados de um ponto de vista específico. A etnia Guarani não definiu os povos indígenas, não se fechou em um conceito único. Não foi a etnia que marcou a experiência, mas o Encontro. O Encantamento é um instante vivido para si próprio, como nos diz Maffesoli (2010, 121) todos os momentos se equivalem, a existência está totalmente presente em cada um de seus fragmentos, ainda o mais minúsculo ou o mais insignificante.

A Semana da Cultura Indígena Mbyá Guarani não foi elaborada com a intenção de contemplar a Lei 11.645/ 2008<sup>38</sup>, mas o encantador foi sentir que sua existência tomou forma, após a experiência de incluir no currículo o estudo das questões indígenas que se constituiu com o Encontro que foi base para a Semana da Cultura Indígena. Antes disso não era conhecida, nem comentada nas escolas as quais desenvolvi a pesquisa. Creio na importância da Lei para a efetivação de algumas ações específicas da esfera pública, mas percebi durante a pesquisa que ela não foi a base para que o projeto fosse elaborado e desenvolvido, ou melhor, para que o Encontro acontecesse. Ela talvez tenha tornado mais visível o Projeto na sociedade escolar, mas foi só após as vivências que muitas professoras ficaram sabendo da existência da Lei, como enceno nas falas que respondem a pergunta a respeito do conhecimento da Lei: "Não, não sabia". (Sol, professora e mãe, 26 de maio de 2010); "Assim por número de Lei não. Eu imagino desde que eu trabalho, todo ano falamos sobre a cultura indígena na época da semana do índio, mas que existia uma lei que obrigasse, uma lei que amparasse isso, eu não sabia". (Onça Pintada, Professora, 27 de maio de 2010); "Não, desconhecia essa lei". (Tivi, secretária da escola, 09 de junho de 2010); "Acho que ninguém tinha

---

<sup>38</sup>A Lei 11.645/2008 vem complementar a Lei 10639, que estabelece o ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira nos sistemas de ensino. A Lei 11645 dá a mesma orientação quanto à temática indígena. Trata-se de Leis afirmativas, no sentido de que reconhecem a escola como lugar da formação de cidadãos e afirma a relevância de a escola promover a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil o país rico, múltiplo e plural que somos.

me falado". (Terra, professora, 26 de maio de 2010); "Não, não conhecia. Só ouvi falar que tinha uma lei que falava dos índios. Sabia mais da Afro, que teve uma palestra, um seminário. Do indígena mesmo, fui saber contigo, sobre a lei não sabia". (Borboleta, professora, 21 de maio de 2010) "Eu ouvi falar... Mas a exigência de trabalhar no currículo? [...] eu não me lembro". (Beija-flor, professora, 30 de junho de 2010). Como é perceptível a maior parte das pessoas envolvidas não sabiam da existência da Lei, e o interessante de se pensar é que apenas a Supervisora da Escola e a Diretora Escolar é que falaram saber da existência da Lei no papel. Por que não foi compartilhado? Que valor foi atribuído? Penso que talvez seja reflexo do senso comum que diz que as Leis Brasileiras costumam para sair do papel. Não sei.

O Encantamento com o Encontro acabou por estabelecer sentidos ao que a Lei vem trazer enquanto obrigatório. Fiquei pensando sobre as falas que se faziam presentes nos muitos espaços das escolas, em que as professoras afirmavam encantadas que a Semana da Cultura Indígena foi um advento importante que não trouxe só a visibilidade das pessoas indígenas Mbyá Guarani, mas que trouxe muitos conhecimentos sobre nosso caminhar pela educação. Trouxe nesse espaço a questão da Lei, pois a mesma causou surpresa e admiração no caminhar com disposição na relação com a comunidade indígena guarani. O que se encenou pelas vivências e falas é que o Encontro transcendeu a Lei, pois foram às sensibilidades que deram vida as experiências compartilhadas. Longe da obrigatoriedade da Lei e perto da magia, do deslumbramento do aqui e agora que com leveza encena relações oriundas do estar-junto.

Compartilho de uma das fases vivenciada por Menezes (2009, 21) durante sua pesquisa. Diz que a primeira fase foi de um encantamento: "todos os gestos enfeitavam-me, tudo era magia, uma espécie de paixão que tem o poder de arrastar preconceitos, de mover lugares e valores, de redimensionar espaços e,

principalmente, de despertar a chama da vida". As palavras da autora contemplam muitos dos encantamentos vivenciados nessa pesquisa, e, principalmente nas cenas que conto, e nas falas das entrevistas realizadas. Essa magia é capaz de adentrar nas salas de aula com uma potência vital que movimenta nossas sensibilidades e aprendizagens como podemos sentir na fala de Pantera a respeito dos indígenas Guarani "eles têm uma língua muito diferente da nossa, que eles são calmos e que eles falam só um pouquinho de português. E eu pensava que eles eram de outro país, só que eles são aqui de Palmares". (aluno entrevistado, 3ª série, 10 de junho de 2010). A sensação de deslumbramento acompanhou toda a pesquisa. Ora o meu deslumbramento, ora das professoras, ora dos alunos, ora dos pais dos alunos e assim fomos constituindo uma diferente relação no olhar pra gente em relação às pessoas de etnia Mbyá Guarani. Onça Pintada nos ajuda a refletir quando fala de um de seus encantamentos:

Me encantou também a educação das crianças, aquela simplicidade, aquela calma, aquele jeito de resolver as coisas na conversa, que nós que nos dizemos brancos civilizados...Sei lá que palavra se usa (risos) A gente tem muito que aprender, porque eles conseguem de uma forma! É muito interessante. Eu fiquei muito impressionada. Isso me encantou. Olha os índios estão há muitos anos de nós.( Professora, 27 de maio de 2010)

O olhar para a cultura Guarani fez com que muitas das pessoas envolvidas na pesquisa refletissem sobre seu próprio modo de vida, sobre a nossa cultura. O encanto pelo jeito de ser Guarani ia constituindo outro jeito de se perceber. Orquídea contribui com suas reflexões e percepções a cerca dos encontros com os indígenas na Escola, mostrando o que realmente perpassa pelos sentidos de quem está junto com outra lógica, outra cultura.

Encantou-me a simplicidade, a prontidão, principalmente a prontidão por parte deles. As crianças, o dia que as crianças vieram, foi emocionante demais. Aquele respeito que eles em só olhar me encantou em ver. Eles não falam. Eles simplesmente observam, olham e fazem na hora certa o que tem que ser feito. Isso foi uma grande lição para mim. Que eles aprendem

com exemplos. E que ficam quietinhos e sabem o que fazer e fazem certo, na hora certa. Que o silêncio é muito importante, que não precisam ser algariados para serem percebidos, notados. Quanto exemplo tiramos de tudo, não é ? Pra vida. Pro cotidiano, pro dia a dia na escola. ( supervisora escolar, 14 de junho de 2010)

O encantamento das pessoas pelo jeito de ser Mbyá Guarani se constituiu em um belo elemento reflexivo, pois traz à tona a nossa percepção de nós mesmos e as experiências, bem como os conflitos existenciais entre o ideal e o real. A percepção de que o jeito do outro é ideal (eles estão certos), mas meu jeito é outro (o real, mas não o idealizado), faz com que se pense sobre o jeito que nos define o que somos no momento de nossa ação. Alguns desabafos nos bastidores das escolas encenam o conflito entre o que se considera ideal e o que fazemos na realidade: "O ideal é que sempre fizéssemos assim, mas acabamos não fazendo"; " Como eu queria ter a calma dos Guarani" ; " Como é difícil mudar, é mais fácil continuar fazendo as mesmas coisas sempre. Acho que a educação nunca vai mudar"; " Bem que nossas crianças podiam ser como as crianças Guarani'.; "Que inveja do jeito tranquilo dos indígenas, queria ser assim mas não consigo! "(Lang, Diário de Campo, 28 de abril de 2010).

Bauman (2010, 34) nos ajuda a pensar sobre os desabafos quando diz que nossas escolhas, evidentemente, nem sempre são produto de decisões conscientes e que muitas de nossas ações decorrem do hábito, e como tal, não são alvo de escolha ampla e deliberada. Como será escolher ser diferente num grupo em que nossas ações são orientadas por regras de condutas? Escolher não ser igual pode nos colocar numa condição de não pertencimento, o que pode nos colocar na condição de Estranho (Real), desta maneira penso que o Encantamento nos permite estar mais próximo do ideal (os indígenas são gente como a gente). "Sonhar com o ideal" envolve nosso imaginário e desejo, e de certa maneira nos

afeta pelos sentidos e nos afasta das expectativas que são lançadas pelo nosso grupo a cerca de nosso dever ser.

Quando se dão essas disjunções entre nossas expectativas e nossa experiência, podemos refletir sobre a possibilidade de os grupos a que pertencemos não serem aqueles pelos quais optamos por livre escolha. Talvez integremos este ou aquele pura e simplesmente por ali ter nascido. O grupo que nos define, nos ajuda a orientar nosso comportamento e se considera provedor de nossa liberdade pode não ser aquele que escolhemos conscientemente e, assim, talvez se torne um convidado indesejado. Quando nele ingressamos, não praticamos um ato de liberdade, mas uma manifestação de dependência. (BAUMAM, 2010, 38)

Uma onda de encantamentos tomou conta dos cenários formados no Encontro com a Comunidade Mbyá Guarani. Não é possível definir o quanto cada pessoa foi encharcada, metaforicamente falando, o quanto se molharam, ou se deixaram molhar pelo estar-junto com os indígenas Guarani, mas foi possível sentir que o encantar-se envolveu o coletivo, fez parte dos espetáculos que se mostraram. O Encanto foi possibilitando uma visibilidade maior aos povos indígenas, colocou os Mbyá Guarani da Comunidade Tekoá Yryapu em um cenário de interações. A conversa frutificou o Encanto que aproximou as duas etnias, mostrando uma em relação com a outra. Encontros Movediços. Do encontro das escolas com os indígenas germinou outra coisa, outro pensamento, outro conhecimento, outro jeito de estar na relação com o outro. Na entrevista com o Kuaray é perceptível o encantamento diante da possibilidade de estar na escola contando de si e de sua cultura:

Eu senti como se estivesse apresentando minha aldeia, apresentando minha cultura, então isso me emociona muito. Pra saberem que existe a cultura indígena. Está vivendo, não está sumindo. Existe a cultura mesmo. Como disse, não tem culpa de nada aluno que veio perguntando por que índio é assim, dessa maneira, nus. Isso não é culpa dos alunos. Então me emociono muito e acredito que o aluno vai melhorar muito quando eles começarem a conhecer, pra entender melhor, assim como a professora. Como disse agora a pouco, nós queremos o respeito mesmo, viver em paz mesmo. Essa é nossa preocupação. (Índigena Guarani, 02 de junho de 2010)

A beleza da fala citada acima mostra o quanto o encantamento está junto com a possibilidade do aluno e da professora poder conhecer o indígena, escutar sobre sua cultura, estar em linguagem. Como diz Maturana (1998, 59) "a linguagem se constitui quando se incorpora ao viver, como modo de viver, este fluir em coordenações de conduta que surgem na convivência como resultado dela". As cenas narradas durante os textos apresentados mostram o processo de aprendizagem das pessoas envolvidas na pesquisa que através da convivência vão mudando sua maneira de pensar e conviver com os Mbyá Guarani.

[...] todos sabemos, ainda que nem sempre tenhamos clareza disso, o que está envolvido no aprender é a transformação de nossa corporeidade, que segue um curso ou outro dependendo de nosso modo de viver. Falamos de aprendizagens como captação de um mundo independente num operar abstrato que quase não atinge nossa corporeidade, mas sabemos que não é assim. Sabemos que o aprender tem a ver com as mudanças estruturais que ocorrem em nós de maneira contingente com a história de nossas interações. (MATURANA, 1998, p.60)

Na Semana da Cultura Indígena o pensar sobre o aprender me colocou na condição de *catadora de pensamentos*<sup>39</sup>, pois o verbo "aprendi" foi pronunciado constantemente, tanto pelas professoras como pelos alunos, o que me instigou a dar voltas com esse movimento: Aprender sobre os Mbyá Guarani. A respeito disso, alguns questionamentos estiveram presentes na ampliação do campo de reflexão: O que se aprendeu? Como se aprendeu? Para que se aprendeu? Não tenho a pretensão de responder as perguntas, elas foram importantes para que pudesse ir organizando os cenários narrados nesse estudo. Meu estado de "encantada" com as falas é indescritível. Envolve fenômenos que se mostravam com a beleza de estar, na relação com as experiências vividas, de ser protagonista e plateia ao mesmo tempo. A experiência agregou o meu estar-junto

---

<sup>39</sup> O termo catadora de pensamentos veio do Livro Infanto- juvenil: *O Catador de Pensamentos* da autora Monika Feth. Uma história encantadora onde uma menina narra à história do Sr. Rabuja um Catador de Pensamentos, o tema discorre da possibilidade da existência de muitos pensamentos, pensamentos diferentes.

com os indígenas guarani e com as Escolas. A potência das falas dos alunos vai contornando o sentido atribuído ao advento realizado nas escolas:

Os indígenas são iguais a gente, antes eu pensava que os indígenas andavam pelados. Agora eu sei que não. Eles foram no meu colégio e eu vi com meus olhos que eles são iguais a gente. Quem falou deles para nós foi a Professora Roberta, foi ela que trouxe os indígenas no colégio. ( E. 10 anos, 4ª série do Ensino Fundamental)

O encontro com os Guarani foi legal, fiquei impressionada com os trabalhos deles, suas atividades, seu modo de viver, como eles educam seus filhos, etc.. (A. C. 10 anos, 4ª série do Ensino Fundamental)

Agora sei que os índios são pessoas iguais a gente e o encontro que tivemos foi muito legal, eles contaram um pouco da vida deles para nós. Eu fiquei encantada porque eles falam outra língua. ( L. 10 anos, 4ª série do Ensino Fundamental)

Hoje teve a dança indígena a gente se sente privilegiada por eles terem vindo aqui. [...] eu fiz amizades com a Joana, Patrícia e a Taciana, a gente brincou de canoa virou e viuvinha. Gostei muito. É muito legal a cultura Guarani, é muito bonito os bichinhos que eles fazem de madeira. Hoje foi um dia que aprendi muito sobre a cultura indígena. Hoje foi muito legal. Eu adorei. ( G, 10 anos, 4ª série do Ensino Fundamental)

Antes: Os índios eles não usam roupas, eles são relaxados, porcos e preguiçosos. É o que os brancos acham. Agora: Os índios são muito amigáveis, e eles são de uma tribo diferente que a nossa. Eles fazem muitas coisas boas. São muito queridos porque são muito bondosos com nós. (A. 10 anos, 4ª série do Ensino Fundamental)

A epistemologia do Encantamento aqui apresentado perpassa por aspectos fundamentais que são: experiência vivida, sentidos, reflexão, emoção e o conhecimento. Como é possível sentir nas falas dos alunos e das alunas o deslumbramento com os indígenas Mbyá Guarani foram essenciais para que acontecesse uma mudança na maneira de olhar e pensar a cerca dos povos indígenas. Trazem nas suas falas como era seu pensamento sobre os índios antes do encontro e contam como vêem agora o indígena, através da experiência vivida no presente. A abordagem dessa realidade facilita nossa compreensão sobre a maneira que os conhecimentos são constituídos em nossa corporeidade, e estar

afetado pelo Encontro encena a beleza do movimento, de conversar com o outro. O paradoxo que foi apresentado entre duas maneiras de pensar sobre a mesma coisa, acompanha também as entrevistas, onde o indígena é repensado, renascendo de outra maneira. A ideia de que um pensamento morre para dar espaço para outro foi presente em nossa caminhada durante a pesquisa, colocando em dúvida a certeza absoluta sobre o que é ser índio:

Hoje eu vejo de uma forma um pouco diferente. Hoje vejo que ser índio é cultivar a cultura deles, falar a língua indígena, o Guarani, cultivar os ritos deles, cultivar os pontos, cultivar os pontos culturais que são diferentes da nossa cultura e sempre foram, mas já foi bem diferente isso para mim. (Borboleta, professora da escola estadual de ensino fundamental, 21 de maio de 2010)

Antes era o medo: Ah, vão vir na minha casa, vou fechar a casa, eles vão entrar aqui e roubar. [...] É muito forte mesmo [...] Um dia estava no meu planejamento e fui olhar no computador imagens. Eu abraçada, tomando chimarrão, junto com o Ipólito. Um dos amigos Guarani e disse: Olha aqui! Sabe? Capaz que antes eu ia chegar perto. Estou sendo sincera. Eu tinha preconceito. (Beija-flor, professora da Escola de Educação Infantil, 30 de junho de 2010)

As citações acima encenam o quanto a proximidade com os Guarani mudou tanto o conceito que se tinha sobre o índio, como a sensibilidade ao olhar para o indígena diferentemente. A leveza com que se fala sobre os povos indígenas mostra que o brilho no olhar transcende o deslumbramento, encharca a vida de emoções, de uma vibração coletiva que faz germinar outros conhecimentos. Esse processo de mudança acompanha as experiências da vida cotidiana com a comunidade Mbyá Guarani, como uma vivência natural que na relação segundo Maffesoli (1996, 235) engendra uma inegável vivência social que admite que conhecer é também, em parte, "nascer com". Terra fazendo referência sobre o que é ser índio e como vê o índio na relação com as escolas, diz:

Hoje eu vejo de outra forma. Depois da experiência que tivemos da aproximação deles. Porque tu tens assim: índio, estilizado. Parece, como dizem as crianças, parece que não é gente, mas muito pelo contrário. A

gente se vê assim enquanto ser humano em primeiro lugar. Só que vive o espelhamento de outra cultura, de outra ideia. Então vendo assim pela ótica, a gente olha distante: O índio estilizado, lá... ( longe da gente). Não sei o que pensam, parece que não pensam nada... E o livro didático diz que ele é aquilo, mas bem daquele jeito, né? Mas bem pelo contrário. Ele é muito parte da natureza, sabe aquele respeito? E que nós todos somos parte porque somos animais- somos considerados animais racionais, mas eles são muito mais parte e respeitam essa natureza... Crescer, dar seus frutos sabe? Acho que é um encantamento. Muito grande. Aquela semana pra mim foi de encantamento. (Professora da Escola de Ensino Fundamental, 26 de maio de 2010)

A fecundidade da citação acima contorna a correspondência orgânica entre olhar com cuidado o indígena, olhar para si junto com o indígena percebendo que ambos são parte da natureza ao invés de meros protetores da natureza. A beleza está justamente nesse se dar conta de que a cultura e a natureza não estão separadas de fato e que nós também somos parte dela. A sensação de que a frase não disse tudo sobre o que se vêm organizando no pensamento sobre o Encontro, mostra um pouco do Movediço que ao mesmo tempo em que absorve, movimenta o estar-junto com outra cultura. A estética apresentada nas falas das pessoas participantes das entrevistas encena uma mudança de sensibilidade, de pensamento e ação a respeito dos povos indígenas, nada permaneceu como antes, de uma forma ou de outra todos foram encantados. Maffesoli (1996, 248) nos aproxima da reflexão sobre o quanto a comunhão com a natureza fortalece a ligação social:

E quanto se diz estética, é mesmo no sentido social. Emoção que delimita uma orbe no interior da qual o mundo se familiariza, sua estranheza é domesticada, seu aspecto selvagem é, de certo modo, vivido de um modo homeopático [...] Não é o caso de desenvolver longamente a temática da natureza, já se mostrou que se tratava de um paradigma perdido que se tinha que encontrar [...] trata-se de indicar que ela serve de referência a toda a medida qualificativa que tenta insistir nos aspecto ético dos sentimentos, das emoções e das experiências coletivas. Coisas que não podem se deixar codificar pelo simples procedimento racionalista.

As experiências coletivas se misturaram de tal maneira que as etnias não se constituíram em marcas definidas e fronteiras sociais, muitas interações mostravam que a aproximação entre os indígenas e as escolas acontecia de maneira natural. Terra conta com muito entusiasmo que "tínhamos um estranhamento e hoje um encantamento, depois de conhecer um pouco mais: o respeito que eles têm, essa preservação do conhecimento, dessa cultura, dessa perpetuação e ao mesmo tempo resistindo a tudo". (Professora da Escola de Ensino Fundamental, 26 de maio de 2010). A riqueza da pesquisa está na possibilidade de poder mostrar essas coisas que foram vida, que pulsaram com uma potência incrível. O sentido está na dimensão que a simplicidade de um advento ou encontro pode aparecer no interior de cada pessoa participante, Kuaray ajuda a potencializar esse pensamento quando diz "essa aldeia, desde que você entrou aqui fazendo este trabalho, acho que mudou bastante e pra melhor, porque várias vezes já recebemos preconceito quando saímos aqui em Palmares, fazendo aquele gesto (ô,ô,ô...) mas agora terminaram, parece que diminuiu". (Indígena Mbyá Guarani, 02 de junho de 2010).



Foto 31: Partida de Futebol dos alunos com os jovens indígenas Mbyá Guarani (misturaram os jogadores).



Foto 32: Aluno da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Indígena Guarani jogando futebol nos fundos da escola.

A imagem acima encena o belo espetáculo de meninos jogando futebol, se comunicando, interagindo entre eles numa relação de reciprocidade, mesmo falando línguas diferentes e terem cultura diferente estiveram juntos e conseguiram estabelecer códigos de comunicação. Jogaram futebol e a aproximação foi natural entre os alunos da escola e os jovens indígenas Mbyá Guarani. O encanto iniciava uma amizade, diferente da relação anterior que mostrava cenas de preconceito e medo em relação aos povos indígenas. Sol traz uma fala germinal quanto à percepção que temos ao refletir sobre os cenários vividos no cotidiano da escola.

A gente não se dá conta, a gente custa pra se dar conta. Eu pelo menos custei pra me dar conta de algumas coisas. Eu não dava muita importância pra essa cultura indígena, a palavra certa é não dava importância mesmo. Passava o dia do índio, aquela semaninha ali, fazia uma exposição de objetos confeccionados. [...] a escola inteira ia assistir e achava o máximo [...] até que: "Já vem a Roberta com os índios", sabe? E a gente ganhou tanto, cresceu tanto [...] (Sol, professora da escola estadual de ensino fundamental e mãe da escola de educação infantil, 26 de maio de 2010)

Mário Quintana<sup>40</sup> em um dos seus versos fala da Poesia e Magia: "A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz: um verso é uma fórmula mágica". Longe da pretensão de usar a poesia para explicar algo, até porque isso é impossível, apenas encontrei com ela e fiquei pensando nas muitas cenas que contemplei nas Escolas onde pequenas coisas tiveram grandes dimensões. A poesia e a magia estiveram presentes: "Prô, nossos amigos guarani estão aqui!"<sup>41</sup> As possibilidades de refletir sobre essa frase são infinitas. Têm várias coisas que estão impregnadas a ela, toda uma história de interações que lhe dá uma forma, uma imagem (uma coisa contida dentro de outra). Foi uma caminhada até que se chegasse nessa mudança de cena, de cenários (Do índio que pega as crianças para os amigos guarani). Lembro-me do depoimento de uma mãe da Escola de Educação Infantil Pintando "7" que contou que o pai do aluno chamou a atenção dele dizendo que ele parecia índio de tão sujo, e, o aluno indignado respondeu ao pai: - Porque índio? Eles são gente como a gente! Conta à mãe que o pai sentiu-se envergonhado diante do filho de cinco anos de idade. Esse tipo de fala como a do pai, creio que faz parte das imagens que criamos ao longo de nossas histórias de vida como diz Terra (Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental, 26 de maio de 2010) referindo-se a maneira com que nos relacionamos com as imagens criadas dos indígenas: "Por exemplo: a higiene temos aquela ideia que a fumaça é suja. Não! Eles são extremamente limpos. A roupa era extremamente limpa".

O arborescer de cada pessoa vai dando forma a uma sensibilidade orgânica que é encenada nas entrevistas, no cotidiano das escolas, na Tekóa Yryapu, nas

---

<sup>40</sup> Poeta da Literatura Brasileira (1906- 1994), poesia retirada do Livro de Mário Quintana- Poesia Completa, 2005, p.281.

<sup>41</sup> Fala de um aluno da Escola de Educação Infantil Pintando "7" referindo-se a chegada da Dona Marcelina e as meninas Joana e Patrícia ( indígenas Mbyá Guarani) na escola.

cenar mudas<sup>42</sup> e nas cenas que se constituíram de muitas conversas de bastidores. Durante a entrevista com Terra (professora da escola estadual de ensino fundamental, 26 de maio de 2010) conversamos sobre o silêncio e o encontro com nós mesmo que ele pode promover. De esse conversar algumas coisas foi sendo relacionadas e fazendo germinar reflexões sobre nossa própria existência: "A gente, branco, pra chegar nesse amadurecimento, nessa clareza de ideias que eles têm [...] estamos tão atrás da parte econômica- do ter, que temos que levar um choque para ver o que é importante realmente". O interessante dessa fala é a dimensão que o encontro com o outro causou no interior da professora, a sensibilidade de Terra também esteve presente na sua fala quando ela conta sobre uma ida a cidade de Gramado<sup>43</sup> para uma festa tradicional da cidade:

Uma enorme festa, vários restaurantes italianos e vários restaurantes de origem alemã. Uma festa colorida, banheiros ecológicos, última tenda: Guarani vendendo artesanato. Depois dos banheiros. Então quanto: " Eu tenho que dar espaço para eles"- a sociedade: " Eu tenho". Por que o governo cobra: "Mas eu dou lá do lado do banheiro ecológico" [...] Filmei para te mostrar. [...] É de se ver isso, o lugar que eles ocupam. O lugar onde estão na sociedade. [...] eu não tinha essa visão [...] quantas aldeias devem ter ali. De repente um número bem significativo, e com uma cultura tão bonita e tão valorosa quanto a dos alemães e italianos [...] eu só tive esse olhar porque foi depois da nossa aproximação. Porque se não houvesse essa aproximação eu não teria essa visão. (Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental, 26 de maio de 2010)

Contemplar com encanto a cena contada é tornar visível uma situação que por muito tempo esteve ausente de nosso campo visual. Kusch (1986, 07,08) ajuda a ampliarmos o pensamento quando fala do fedor da América, se aproximando do que tento contornar nessa escrita, o autor fala da negação do indígena, do lugar que o indígena ocupa na América como ele diz "*se trata de una*

<sup>42</sup> Refiro-me a cenas mudas aquelas que foram percebidas silenciosamente, seja pela emoção compartilhada, sejam pelo olhar sensível que capturou cenas indescritíveis, cenas sem palavras, sem falas, sem conversas...

<sup>43</sup> Gramado é um município do Estado do Rio Grande do Sul, uma cidade considerada pelos documentos oficiais como uma cidade típica da cultura italiana e alemã. Localiza-se na Serra Gaúcha.

*aversión irremediable que crea marcadamente la diferencia entre una supuesta pulcritud de parte nuestra y um hedor tácito de todo lo americano". O filme<sup>44</sup> que assistimos com os alunos e professoras na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz e com as professoras da Escola de Educação Infantil Pintando "7" mostra um pouco do que tanto Terra como Kusch falam. No filme tem uma cena em que uma criança Mbyá Guarani está sentada na calçada da Rua da Praia<sup>45</sup> totalmente invisível pelo olhar das muitas pessoas que por ali passam. Essa cena do filme nos fez (pesquisadora e participantes da pesquisa) refletir sobre as muitas vezes que passamos por indígenas tornando-os invisíveis, indiferentes à nossa vida, como se representassem o nada<sup>46</sup> e sorrimos para as outras etnias<sup>47</sup> que mostram a pulcritud<sup>48</sup>.*



Foto 33: Alunos durante a Semana da Cultura Indígena na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz assistindo o Filme citado acima.

<sup>44</sup> Filme: Mokoi Tekoá, Petei Jeguata: Duas Aldeias, uma Caminhada de Germano Benites, Ariel Ortega, Jorge Morinico ( indígenas Guarani) produzido no ano de 2008.

<sup>45</sup> A Rua da Praia citada localiza-se no centro da cidade de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul-Brasil.

<sup>46</sup> O termo *nada* se refere ao significado encontrado no Dicionário Luft no qual o significado é " nenhuma coisa", " coisa sem valor", " a não existência".

<sup>47</sup> Refiro-me a outras etnias como alemã, italiana, portuguesa...

<sup>48</sup> Termo utilizado por Kusch (1986,.07-08)

O encantamento do Encontro é justamente esse estar-junto, num movimento de se dar conta de que o indígena está aí, assim como nós estamos e que o conversar com essa etnia pode frutificar nossa sensibilidade para nossa própria ancestralidade, para esse ser brasileiro ou brasileira que nos constitui uma nação e que é tão falado nas instituições de ensino. Senti que a experiência de realizar uma Semana da Cultura Indígena não se tratou de um conteúdo importante a ser trabalhado nas escolas públicas, mas de um encontrar-se com outras possibilidades de perceber o indígena no município em que a pesquisa se apresenta. Movimento cheio de sentido, onde o cenário é composto por indígenas Mbyá Guarani, professoras, alunos, pais que em correspondência formam um espetáculo divino que como nos fala Maffesoli:

*Chega-se aqui no coração do paradoxo da forma: a liberdade do visível, da dinâmica, pode ser compreendida como a multiplicação dos signos que levam à coibição do invisível. Invertendo-se os termos, o invisível (coibição) tem necessidade de ser mostrado pelo visível (liberdade). Por visível entendo todo o cintilar cambiante e a proliferação dos objetos, das imagens, dos símbolos, dos rituais que tomam parte crescente na vida cotidiana. O invisível, por sua vez, é o que remete para a força da coerção, o mana das tribos primitivo as que favorece a atração social, na qual cada um age, pensa, imagina, em resumo, tudo aquilo que é fazedor de cultura social. (1998, p.103,104)*

Os conceitos de visível e invisível apresentados pelo autor na citação acima são próximos das vivências contadas, onde se mostra o paradoxo das formas atribuídas e mostradas durante a pesquisa que ora são encenadas pelas falas das professoras e ditas pela liberdade de se poder dizer, outras que não são ditas pela coesão, pelo medo de dizer. Como fala Miguel Cervantes<sup>49</sup> "Um dos efeitos do medo é perturbar os sentidos e fazer que as coisas não pareçam o que são", desta maneira quando me refiro à visibilidade aos povos indígenas, não me refiro apenas ao campo visual, mas ao poder encantatório que nos dá liberdade para

---

<sup>49</sup> Miguel Cervantes é autor da Obra "Dom Quixote". A frase faz parte de um rabisco sem data e obra encontrado em um dos meus blocos de anotações.

perceber o cintilar cambiante que é próprio dos Encontros Movediços, da vida cotidiana. O Encantamento está no instante vivido que é único e insubstituível e pode ser encenada de várias formas e jeitos!



Foto 34: Eduardo de um lado cantando na Língua Guarani num ritual espiritual, do outro conversando na Língua Portuguesa, sem pintura e adornos corporais com alunos e professoras da Escola de Ensino Fundamental Manoel Luiz.

*3ª Cena:* No primeiro dia do projeto na Escola Estadual de Ensino Fundamental, sentado no sol, Eduardo esperava o término da organização do espaço onde aconteceria a conversa com os alunos e professoras da escola, quando de maneira inesperada foi surpreendido por uma das alunas da 4ª série que o abraçou e lhe deu um beijo se apresentando naturalmente. Os meninos indígenas Guarani riram por algum tempo da cena, não sei o que imaginavam, mas sei que nessa cena minha intenção de pesquisa começava a pulsar. **O amor!**

Essa bela cena é bela por guardar em si os mistérios do amor que envolve cada pessoa. A cena descrita acima não carece de interpretações, ela por si só conta sobre o fenômeno amor. Compartilho com Maturana (2001, 268) quando ele diz que o amor é a aceitação do outro junto a nós na convivência, e que é o fundamento biológico do fenômeno social. O Encontrar-se com o outro possibilitou a ampliação dos pontos de vistas. O se dar conta que o índio não está isolado na mata, que o índio pode estar junto a nós sem deixar de ser indígena, que podemos aceitar outro modo de vida diferente do nosso e que podemos como nos fala Maturana (2001, 268) buscar uma perspectiva mais abrangente, de um domínio experiencial em que o outro também tenha lugar e no qual possamos construir um mundo juntamente com ele. Na relação com o Encontro Terra afirma que "jamais seremos os mesmos, o nosso trabalho não vai ser o mesmo" (Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental, 26 de maio de 2010).

A ideia que se tinha sobre os povos indígenas foi modificada pela experiência do Encontro. E creio que de certa maneira os indígenas também mudaram sua ideia sobre as escolas. Um afetou o outro com uma intensidade que fez com que o campo das ideias fosse modificado, que as ações fossem conectadas e tivessem uma forma significada pela vivência, pela realidade.

Compartilho com a escrita de Deleuze (2002, 5) quando ele diz que para Spinoza a definição de *affectus* é a variação contínua da força de existir de alguém, na medida em que essa variação é determinada pelas ideias que ele tem. Os cenários trazem em si o afeto pensado por Spinoza, pois o Encontro foi uma mistura de corpos<sup>50</sup> que produziu efeitos, tanto os indígenas como as Escolas saíram da Semana da Cultura Indígena outros corpos, com outras ideias.

O que é uma afecção do seu corpo? Não o sol, mas a ação do sol ou o efeito do sol sobre você. Em outros termos, um efeito, ou a ação que um corpo produz sobre outro - note-se que Spinoza, por razões decorrentes de sua física, não acredita em uma ação à distância: a ação implica sempre um contato - é uma mistura de corpos. A afecção [*affectio*] é uma mistura de dois corpos, um corpo que se diz agir sobre outro, e um corpo que recolhe o traço do primeiro. Toda mistura de corpos será chamada de afecção. (DELEUZE, 2002, p.6)

O amor foi germinado por um estar afetado que contornou os cenários vividos durante a pesquisa. A aproximação das Escolas com a cultura indígena Mbyá Guarani foi encenado no cotidiano e traduzido pelas ações e falas dos envolvidos na pesquisa. Deleuze (2002, 6) nos fala que Spinoza conclui que a afecção [*affectio*], é definida como uma mistura de corpos, indica a natureza do corpo modificado, a natureza do corpo afecionado [*affectionné*] ou afetado [*affecté*]; a afecção indica muito mais a natureza do corpo afetado do que a natureza do corpo afetante. Diante desse ponto de vista, pode-se dizer que a percepção que se tinha sobre o indígena foi modificado pela percepção constituída a partir do Encontro (afeto), da convivência com os Amigos Guarani.

Quanto à relação com a temática indígena e as Escolas é possível perceber que o advento promoveu uma nova maneira de se relacionar com o indígena, outro jeito de se falar no índio, de se relacionar com os indígenas guarani. Raiz conta

---

<sup>50</sup> Refiro-me a mistura de corpos( segundo Spinoza) onde corpos são todas as conexões que fazemos durante nossa existência, e não está restrito ao biológico, ou melhor transcende ao biológico.

que sua filha mudou o jeito de perceber o índio, pois quando encontra os amigos guarani na cidade sempre se reconhecem e ela sempre diz: "Mãe olha lá, tu se lembra daquela menininha" (Mãe de aluno da Escola Estadual de ensino fundamental, 10 de junho de 2010). O "amigo guarani" se constituiu numa forma consistente que conta sobre a importância do advento na vida das pessoas e espaços, se tratou de uma experiência frutífera que abriu novas possibilidades de se pensar na formação humana das pessoas. Beija-Flor contribui com essa afirmação quando diz: "Eu nunca imaginava uma rodinha de conversa com os amigos guarani ali na escolinha. Nunca. Quando eu ia imaginar? Um beijo. Dar um beijo, um aperto de mão, tudo isso sabe? Coisas que nunca pensei. Hoje realmente, é bem diferente". (Professora da Escola de Educação Infantil, 30 de junho de 2010)



Foto 35: Visita dos Amigos Guarani na Escola de Educação Infantil Pintando "7" em 2009, roda de conversa sobre a Cultura Guarani, proximidade.

Aprender sobre a Cultura Mbyá Guarani nas escolas foi fundamental. No momento em que os alunos conheciam algumas coisas da Cultura Indígena, o pensamento sobre o índio ia tomando outra forma. Como conta Pantera na experiência do Encontro com os Indígenas. Ela diz que foi muito importante e que não irá esquecer as aprendizagens: "Porque a gente viu tudo, não esquecemos nada. É tipo assim, faz de conta que a gente está com 20 anos, aí a gente se

lembra de tudo" (aluno 3º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental, 10 de junho de 2010). O guardar as aprendizagens em si mesmo é o que deu vida, encharcou de sentido cada momento da pesquisa. O amor abriu possibilidades de tornar visível essa outra etnia que estava próxima e ao mesmo tempo distante dos espaços escolares. O amor aproximou pessoas de culturas diferentes, mas de uma mesma espécie humana que aprenderam a conviver com respeito.



Foto 36: Visita da Escola de Educação Infantil Pintando "7" na Tekóa Yryapu em 2009, uma aluna entregando desenhos e uma cartinha demonstrando carinho aos amigos guarani.

A importância desses Encontros para a Educação enquanto formação humana<sup>51</sup> das pessoas está intrínseca nos cenários dos Encontros. Está no processo de aprendizagem e mudança de ações e pensamentos das Escolas. Está no jeito de falar com o indígena e de falar do indígena. Está no jeito de conviver com uma cultura diferente. Certamente a conversa com a Comunidade Mbyá Guarani aproximou das Escolas o conhecimento sobre os povos indígenas, um

---

<sup>51</sup> Nesse estudo trago o conceito de *Formação Humana* como a busca do Sentido das coisas em nossa vida, que busca olhar para as práticas humana, significando os momentos de nossa existência, não uso o termo com a ideia de humanização do homem, maior perfeição do homem como o termo é utilizado por várias áreas do conhecimento e senso comum.

conhecimento apreendido pelas histórias orais contadas pelo pessoal da Tekoá Yryapu, pelas novas leituras e também pela releitura dos textos antigos e livros didáticos. Refletir sobre as ideias que se tinham a respeito dos povos indígenas nas escolas é essencial para se pensar nos fenômenos que apresento e também na beleza que o Encontro que possibilitou a ampliação das ideias a respeito dos indígenas, bem como mudança e criação da ideia em relação aos indígenas Mbyá Guarani.

Para Maturana (2001, 263) nossa experiência está acoplada a um mundo que vivenciamos como contendo regularidades que resultam de nossa história biológica e social. O sentido atribuído ao conhecimento está justamente na possibilidade de estar-juntos, na regularidade do Encontro que experimentamos durante a Semana da Cultura Indígena, onde o ponto de referência para o conhecimento está na nossa própria percepção, em nós mesmos e na intensidade que foi vivida cada cena. A compreensão do modo de vida Guarani fez frutificar uma bela convivência repleta de amor, uma experiência que apontou fenômenos importantes para pensarmos no campo educacional. Sol faz relações importantes entre o jeito que o indígena é visto nas escolas e a mudança em sua prática pedagógica:

Foi criado muito mito, muita coisa em cima disto. Só em pensar em índio todo mundo se pinta e coloca cocar, coloca pena de galinha, mas acho que não é por aí, pois tu tens que conhecer a história pra poderes falar alguma coisa sobre isso. Mudei muito. Foi uma coisa mais pessoal. (Mãe da Escola de Educação Infantil e Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental, 26 de maio de 2010)

As práticas pedagógicas sobre a temática indígena, como foi possível acompanhar pelas falas, são limitadas pelos conhecimentos que se tem, pelas aprendizagens que foram absorvidas na história de vida de cada pessoa

participante da pesquisa. Penso que existe uma força moral<sup>52</sup> que domina as ações humanas de tal maneira que faz com que o óbvio esteja invisível, faz com que neguemos o amor, faz com que não vivamos intensamente o momento presente, faz com que neguemos histórias contadas de maneira simples, faz com que estabeleçamos conceitos eternos. O fundamento de toda a experiência que conto está na possibilidade de poder tornar visível uma questão, que na Educação ainda é um desafio para se pensar e conviver, que não é um problema, mas que é a realidade do cotidiano das escolas e que precisa de sentido para poder pulsar.

O olhar cuidadoso me ajudou a compreender o óbvio que é: "ensinamos aquilo que aprendemos". A forma com que nos formamos é o que nos faz formar. Refletir sobre essas questões faz com que se perceba que a Escola vivenciou um Belo Encontro com a Comunidade Mbyá Guarani. Não se teve a intenção de propor um novo conteúdo no currículo escolar, mas uma ampliação do pensamento a cerca da convivência e dos cenários que conto. As teorias ajudam a pensar, mas são os encontros que ajudam a sentir, a significar nossas práticas e mudar nossa estrutura psíquica, espiritual e social. Beija-Flor encena com sua fala a importância do sentido, do conhecimento enquanto algo que parte de si mesmo.

Tem que tocar na gente. E aí vai ter o aprendizado. Então esse diferente que entrou em mim foi um crescimento. Um crescimento pra minha personalidade, pra mim. Eu sou outra pessoa, sou outra [...]. Nessa questão de ter o indígena como amigo, não mais aquela pessoa do medo, do estranho. Eu trouxe ele pra minha sociedade, eu trouxe ele pra conhecer os meus costumes. Assim como eu quero conhecer os dele eu também dou oportunidade para ele conhecer os meus. E no momento que estou trabalhando isso dentro de mim, que estou levando a sério, que estou crescendo, eu passo para meu aluno, ele passa pra casa dele e assim vai

---

<sup>52</sup> Refiro-me a força moral com o mesmo conceito da nota de rodapé 28 e acrescento que é uma força que existe entre as professoras que como diz Thomson (2002, p.103) é uma das fontes de liderança moral e tende a contribuir de maneira significativa à modelagem da moralidade dos jovens, sem necessariamente uma análise genuína de seu propósito. Se treina certas ideias e são elas que valem durante a vida, a força moral impede que outras ideias ocupem os espaços, os espaços são destinados as verdades morais e absolutas. A razão universal amarra certos conceitos com laços de obediência moral, e desamarra-los não é uma tarefa fácil, inclusive quando se trata da temática indígena que representou na história de muitas pessoas a imoralidade, a sujeira da sociedade e esteve (e ainda está?) na invisibilidade durante muitos anos.

indo. Com isso a gente só tem a crescer e quem sabe vamos começar a ter olhares diferentes. (Professora da Escola de Educação Infantil, 30 de junho de 2010)

Quando Maturana (2001, 264) nos diz que todo fazer leva a um novo fazer contempla esse circular de uma interação a outra cujos resultados dependem da história. O novo fazer nas Escolas está junto com a tradição, penso que foi necessário representar o índio como exótico, ingênuo, preguiçoso..., pois essa representação de certa forma foi o ponto que se teve para perceber que existem outras possibilidades de se pensar o indígena. Como diz Maturana:

A tradição é ao mesmo tempo uma maneira de ver e agir, e também uma forma de ocultar. Toda tradição se baseia naquilo que uma história estrutural acumulou como óbvio, como regular, como estável, e a reflexão que permite ver o óbvio, só funciona com aquilo que perturba essa regularidade. (2001, 265)

Na verdade a questão não é como se deve trabalhar com a temática indígena nas escolas, mas refletir sobre a forma que atribuímos ao indígena e de que maneira pode-se lidar com os encontros que acontecem no nosso cotidiano. O advento da Semana da Cultura Indígena foi a *Água*<sup>53</sup> para se pensar na Educação, para se refletir sobre o sentido que as coisas têm. Creio que a base para a reflexão não está no jeito genérico de nomeação "Índio", ou se é correto ou não pintar os alunos de índios, ou comemorar o Dia Nacional do Índio, ou mesmo o Advento da Semana da Cultura Indígena, mas está na possibilidade de atribuir um sentido as práticas humanas, um sentido para estar-junto, um sentido ao conhecer o conhecer, um sentido para a aproximação da comunidade indígena e das Escolas. Pequenas falas, pequenas ações, pequenas coisas oportunizaram dimensões diferentes com possibilidades infinitas. Kuaraiy conta que "Me senti feliz. Não tem como falar sobre essa aproximação das duas etnias diferentes.

---

<sup>53</sup> Utilizo como metáfora a palavra *Água* para me referir a algo muito importante e que está intrínseco a nossa existência, e que tem uma relevante ambiguidade, pois tanto nos acalma como nos assusta. Água como uma força vital.

Podemos conversar mais, se aproximar e entender a cultura indígena e não-índio, pra começar a se respeitar". (Indígena Mbyá Guarani da Tekoá Yryapu, 2 de junho de 2010).

As pessoas indígenas Mbyá Guarani da Tekoá Yryapu, assim como as professoras e alunos gostaram de estar-juntos, e isso teve um significado para ambos. Kuaraiy diz que a aproximação é muito importante e que as escolas precisam mostrar o que é, precisam ouvir dos próprios indígenas sobre sua cultura, sua história: "É complicado falar em cultura porque quando a gente explica a nossa cultura, é a nossa cultura. E quando alguém (branco) explica não é". (Indígena Mbyá Guarani da Tekoá Yryapu, 2 de junho de 2010). A fala citada acima nos dá a percepção sobre o quanto falamos do outro com base nas nossas próprias concepções, e o quanto esse tipo de Encontro é importante para que possamos perceber o nosso mundo na relação com o outro. Penso que a Educação precisa de Encontros, aproximações e principalmente de amor.

Então essa escola se aproxima. A aldeia e a escola dos brancos. Tem que se respeitar. É bom conhecer melhor. Conhecer e se respeitar. O professor ou a autoridade, a população de brancos tem que entender acreditar e respeitar. Essa é a relação que queremos com o branco. Isso pra nós é muito importante. (Kuaraiy, Indígena Mbyá Guarani da Tekoá Yryapu, 2 de junho de 2010)

O pólen...



Foto 37: Crianças indígenas e alunos brincando de Roda na Semana da Cultura Indígena na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Luiz.

Penso que o encontro quando é sentido torna-se um encontro de amor, um encontro que possibilita uma mudança na nossa maneira de pensar e nos relacionar com o outro. Muitas cenas foram descritas durante toda a escrita desse estudo e tentei junto a elas conversar sobre os fenômenos que apareceram nessa experiência de estar-junto na interculturalidade, nesse encontro entre duas etnias, dois modos de estar no mundo em relação. A caminhada das duas Escolas e uma Comunidade Mbyá Guarani fez germinar e frutificar estranhamentos e encantamentos que foram fundamentais na percepção do fruto<sup>54</sup>que fizeram de duas escolas e uma aldeia outra coisa...

---

<sup>54</sup> Uso o termo *fruto* como o produto final da pesquisa, o amadurecimento produzido pelos Encontros.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 5.1. LIVROS E ARTIGOS

BALANDIER, Georges. **A desordem- elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

BALANDIER, Georges. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais, Desconectados**. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

CHAMORRO, Graciela. **Teología Guaraní**. Quito, Ecuador: Abya-Yala, 2004.

DELEUZE, G. **Espinosa - Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

FETH, Monica. **O Catador de Pensamentos**. São Paulo: BRINQUE-BOOK, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Juntos na Aldeia**. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 1999.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. **Educar na Esperança em tempos de desencanto**. Rio de Janeiro: Editora VozesLtda, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. (Coleção Pensamento e Filosofia, 43). Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

KUSCH, Rodolfo. **América Profunda**. Buenos Aires: Editorial Bonum, 1986.

KUSCH, Rodolfo. **Esbozo de uma antropología filosófica americana**. Buenos Aires: Ediciones Castañeda, 1978.

KUSCH, Rodolfo. **La Seducción de la barbarie- Análisis herético de un continente mestizo**. Buenos Aires: Editorial Raigae, 1953.

KUSCH, Rodolfo. **De la mala vida Porteña**. Buenos Aires: Orestes S.R.L, 1966.

LOBATO, Djalma Sayão. **Magia de Amor**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

LÜDKE, Menga. **Pesquisas em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

WEIL, Pierre. **Holística: uma nova abordagem do real**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MATURANA, Humberto R; VARELA, Francisco J. **A árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte:Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da realidade**. Belo Horizonte:UFMG, 2001 a.

MELIÁ, Batomeu y TEMPLE, Dominique. **El Don, la venganza y otras formas de economiaguarani**. Asunción, Paraguay: Centro de Estudios Paraguios " AntonioGuasch", 2004.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. **Educação Ameríndia: a dança e a escola Guarani**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 5º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. 3º Ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

OSHO. **Filhos do Universo: reflexões sobre Desiderata**. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2005

QUINTANA, Mario. **Mario Quintana: Poesia Completa**. Org. Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. 1016p.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um Jovem Poeta**. Porto Alegre: L& PM, 2008.

SAMS, Jamie. **As Cartas do Caminho Sagrado: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SILVA, Aracy Lopes da. **ÍNDIOS**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

**500 ANOS DE EDUCAÇÃO NO BRASIL**. Org. LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

THOMSON, Oliver. **A Assustadora História da Maldade**. Tradução: Mauro Silva. São Paulo: Ediouro, 2002.

## 5.2. MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Nembo'e. Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani.** 2005. Tese (doutorado) Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Orientação: Dr<sup>a</sup> Malvina do Amaral Dorneles.

GARLET, Ivori José. **Mobilidade Mbyá: História e Significação.** Dissertação de Mestrado 1997. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre. Orientação: Dr<sup>a</sup> Maria Cristina dos Santos.

JUNIOR, João Francisco Duarte. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Orientação: Dr. João Francisco Regis de Moraes. São Paulo. 2000.

LANG, Cristiane Roberta. **Escola: Um espaço de encontro entre a infância e a espiritualidade. Utopia ou Possibilidade?** 2006. Monografia de Pós- Graduação em Psicopedagogia Social- Faculdade de Ciências e Letras de Osório- FACOS. Osório.

LANG, Cristiane Roberta. **Diário de Campo.** Registros de novembro de 2008 a setembro de 2010.

## 6. ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### **Título da Dissertação: Encontros Movediços: Estranhamentos e Encantamentos entre a Escola e uma Comunidade Indígena Mbyá Guarani**

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração nesse estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser de você. Para tanto leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não trará nenhum prejuízo a você. Se você concordar e quiser participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável da pesquisa. Obrigada pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, Cristiane Roberta Lang, em respeito aos direitos legais e a dignidade humana do sujeito participante dessa pesquisa, peço a autorização do mesmo para que possa utilizar a Entrevista-diálogo como fonte importante da pesquisa, de forma que se houver concordância, responsabilizo-me a prestar esclarecimento sobre o desenvolvimento da pesquisa.

O objetivo desse trabalho é refletir e contar sobre a constituição da Semana da Cultura Indígena nas Escolas, apresentando as manifestações presentes no processo de aproximação entre as duas Escolas e a Comunidade Indígena Mbyá Guarani.

- 1- Para tanto, o responsável pela pesquisa realizará Entrevista- Diálogo, onde se responsabiliza em realizar a transcrição da entrevista gravada, levando ao conhecimento do entrevistado o que será utilizado na pesquisa.
- 2- Coerente com os referenciais teóricos que embasam esse projeto o responsável pela pesquisa realizará apresentação dos resultados prévios com os sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa. Assim como os sujeitos

participantes serão convidados para defesa dessa dissertação que acontecerá provavelmente no mês de agosto de 2010 nas dependências da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

- 3- Através desse documento ficam garantidos ao participante todos os esclarecimentos relativos à pesquisa. A partir do momento que o participante dessa pesquisa não quiser mais dela fazer parte, reserve-lhe o direito de o seu consentimento, livres de sofrer quaisquer danos ou penalizações;
- 4- Não haverá qualquer despesa ao participante, no que tange a materiais ou testes;
- 5- No decorrer dessa pesquisa se tiver qualquer dúvida relativa a essa pesquisa poderá procurar Cristiane Roberta Lang, responsável pela pesquisa através do telefone (51) 99881557.

Eu \_\_\_\_\_, dou consentimento livre e esclarecido para que se façam as análises necessárias a essa pesquisa e posterior uso e publicação dos dados nos relatórios finais e conclusivos a fim de que esses sirvam para beneficiar a ciência e a humanidade.  
Porto Alegre, 2010

---

Participante da pesquisa

---

Cristiane Roberta Lang

### **A criação da Humanidade**

**Ana Carolina é uma menina inquieta, sempre querendo aprender mais sobre as coisas: “Como?, por quê?, quem?, pra quê?” são perguntas que ela vive repetindo. Seu pai não tem muita paciência para ficar respondendo a tantas perguntas. A mãe acredita que ela será uma cientista quando crescer. A professora gosta de perguntas, mas fica brava quando Ana não dá qualquer chance para seus amigos também perguntarem.**

**Um dia a professora estava falando sobre a origem do universo e das pessoas então resolveu contar a teoria científica do início de todas as coisas: “ Uma grande explosão ocorreu no céu e surgiram muitos planetas, astros e estrelas. A Terra, que ardia em brasas, foi esfriando e apareceram os primeiros sinais de vida. Estes foram se tornando complexos e se diferenciando. Milhares de anos depois surgiram os macacos, que foram evoluindo e que teriam dado origem aos homens. Por isso eles são tão parecidos conosco”.**

**Ana Carolina, maravilhada com o que tinha acabado de ouvir, lembrava dos macacos que vira no zoológico e que poderiam ser seus parentes ancestrais. Mal a professora terminou de falar, ela se ergueu e disse que sabia de uma outra história sobre a origem de tudo. Contou que sua avó tinha lido para ela uma história que estava na Bíblia e que era mais ou menos assim: “ No início só havia Deus. Então ele resolveu criar o mundo todo com todas as coisas que existem. Fez isso em poucos dias. Aí Deus criou, com barro, o primeiro homem e deu a ele o nome de Adão. Mas Adão vivia triste pelo paraíso e então Deus tirou uma costela dele e fez uma mulher para ficar com ele. Era Eva. Eles se casaram e tiveram filhos e então surgiu toda a humanidade”.**

**A professora elogiou a prontidão da menina e perguntou se alguém mais conhecia outras histórias a respeito da origem do mundo e das coisas. Lá no fundo da sala, uma outra menina levantou o braço e gritou: “ Eu sei, minha mãe me contou uma história bem diferente”. A professora logo adivinhou que havia de se tratar de uma história sobre os índios, pois a mãe de Juliana era antropóloga. Os antropólogos são pesquisadores que durante vários meses vão morar com os índios, aprender suas línguas, suas tradições, seus modos de viver e de ver o mundo. Dito e feito: a pequena se levantou e contou uma história dos Waiãpi, que segundo ela vivem em aldeias lá nas florestas do Amapá, perto da Fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.**

**Ela aprendeu essa história com a mãe dela que foi morar um tempo com os índios Waiãpi. A história é assim: “ no início o criador, que se chama Lanejar, estava sozinho. Ele não gostava de estar sozinho. Então um dia ele foi apanhar mel e resolveu fazer uma mulher. Aí ele falou para a mulher ir na roça e buscar mandioca. O sol foi esquentando e a mulher de mel derreteu. Lanejar estranhou a demora da mulher e foi ver o que tinha acontecido. Chegou na roça e só viu o cesto que ela tinha levado. Então Lanejar foi buscar arumã, que é um tipo de palmeira. Ele soprou e o arumã virou uma mulher. ‘ Vai lá na roça buscar mandioca’, disse Lanejar. A mulher foi, voltou e fez uma bebida com a mandioca ralada, chamada caxiri. Lanejar disse que o caxiri estava azedo e muito ruim. Depois a mulher foi na mata buscar embaúba e fez duas flautas: uma pequena e outra grande. Lanejar soprou na flauta grande e saíram muitas pessoas. A mulher de arumã soprou a outra flauta e saíram muitas mulheres. Naquele tempo, não havia pessoas, só Lanejar e sua mulher. Mas depois disso, a Terra ficou cheia de Waiãpi”.**

**Juliana já estava quase sem fôlego quando terminou de contar a história. Disse que os índios têm muitas histórias que nós não conhecemos e que eles vivem de forma diferente. Disse também que nós podemos aprender muitas coisas com eles e que devemos respeitá-los. Mesmo assim, alguns meninos riram da história de Juliana, mas Ana Carolina estava séria. Ela tinha prestado atenção em tudo. Diferentemente de outras vezes, não veio com seu “ como?, por quê?, quem?, pra quê?”. Quieta e pensativa tomou uma decisão: queria aprender mais coisas sobre os índios. Afinal de contas, pensou ela, somos todos parte da mesma humanidade.**

**(Essa história foi baseada no mito contado pelo índio Pao para a antropóloga Dominique T. Gallois em 1977)**

**CD COM AS ENTREVISTAS TRANSCRITAS QUE FORAM UTILIZADAS NA PESQUISA.**